



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

SILVANA MOREIRA DA SILVA

ESPAÇOS PARA OS VIVOS E PARA OS MORTOS: SÍTIOS COM
REMANESCENTES OSTEOLÓGICOS HUMANOS E SUAS DIVERSIDADES
ARTEFATUAIS EM CAMALAÚ/PB

SÃO RAIMUNDO NONATO

2023

SILVANA MOREIRA DA SILVA

**ESPAÇOS PARA OS VIVOS E PARA OS MORTOS: SÍTIOS COM
REMANESCENTES OSTEOLÓGICOS HUMANOS E SUAS DIVERSIDADES
ARTEFATUAIS EM CAMALAUÍ/PB**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Jaciara Andrade Silva

SÃO RAIMUNDO NONATO

2023

Silva, Silvana Moreira da Silva

S586e Espaços para os vivos e para os mortos: sítios com remanescentes osteológicos humanos e suas diversidades artefatuais em Camalaú - PB/ Silvana Moreira da Silva - São Raimundo Nonato-PI, 2023.
160 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Jaciara Andrade Silva.

1. Arqueologia funerária. 2. Sítios arqueológicos – Camalaú - Paraíba. 3. Bioarqueologia. I. Silva, Jaciara Andrade. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Rua
João Ferreira dos Santos, s/nº, Campestre
CEP 64770-000 - São Raimundo Nonato/PI, Brasil. Telefone (89) 35829750
<https://portais.univasf.edu.br/pparque/> E-mail: cpqarque@univasf.edu.br

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA

Defesa Nº 12

Ata da Sessão Pública, de exame de Defesa de Dissertação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia, Área de Concentração em Arqueologia e Preservação Patrimonial.

Aos 17 dias do mês de março de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, no formato remoto através do StreamYard, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Pós-Graduação em Arqueologia, composta pelos membros: Professora Dra. Jaciara Andrade Silva (UNIVASF) – Orientador e Presidente da Banca; Professor Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto (Universidade Federal da Paraíba - UFPB); Professora Dra. Olivia Alexandre de Carvalho (Universidade Federal de Sergipe - UFS); Professor Dr. Rodrigo Lessa Costa (UNIVASF), com a finalidade de julgar o trabalho da discente Silvana Moreira da Silva intitulada “Espaço para os Vivos e para os Mortos: Sítios com Remanescentes Osteológicos Humanos e suas diversidades artefatuais em Camalaú/PB”, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia. O desenvolvimento das atividades seguiu o roteiro de sessão de Defesa Pública estabelecido pela Presidente da banca, a qual realizou a abertura e posterior condução e encerramento da sessão solene. Após analisarem o trabalho e arguirem a discente, os membros da Banca Examinadora deliberaram pelo conceito APROVADA da discente, habilitando-a ao título de Mestre em Arqueologia, na Área de Concentração em Arqueologia e Preservação Patrimonial, conforme o regimento interno do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Univasf. A candidata deverá apresentar o trabalho em sua redação definitiva, sob pena de não expedição do Diploma, devendo a mesma assinar o Termo de Compromisso anexo, que passa a fazer parte integrante deste documento. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ATA que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

São Raimundo Nonato, 17 de março de 2023.

Membros da Banca	Assinaturas
*Dra. Jaciara Andrade Silva (Presidente)	 Documento assinado digitalmente JACIARA ANDRADE SILVA Data: 23/03/2023 15:55:08-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
*Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto	 Documento assinado digitalmente CARLOS XAVIER DE AZEVEDO NETTO Data: 27/03/2023 16:51:06-0300
*Dra. Olivia Alexandre de Carvalho	 Documento assinado digitalmente OLIVIA ALEXANDRE DE CARVALHO Data: 27/03/2023 19:16:54-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
*Dr. Rodrigo Lessa Costa	 Documento assinado digitalmente RODRIGO LESSA COSTA Data: 27/03/2023 13:53:08-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

À mulher mais extraordinária que tive a
oportunidade de conhecer, Maria Moreira da
Silva, minha mãe (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, em especial, às amigas Vívía Dias Gonçalves, Giselda Feitosa, Sandra Silva, Daniella Nunes, e Mariana Queiroz, que, cada uma à sua maneira, estiveram me dando suporte e me incentivando a alçar voos como este.

A todos os colegas do NDHIR, especialmente à Ana Andréa Vieira de Castro, Laudereida Marques e Ilza Fragoso, pelo apoio em tempos difíceis, pelas boas risadas que não me permitiram perder o ânimo e por nunca deixarem de acreditar em mim.

Aos meus colegas de projeto, Thiago Soares, Francisco e Djulliane, pela troca de conhecimento acadêmico que tanto me inspirou, e ainda inspira.

Agradeço aos professores do programa pela bagagem de conhecimento adquiridos durante o curso.

Agradeço finalmente aos meus professores, Carlos Xavier, pelo essencial apoio de sempre, e Alexandra, por ter impulsionado os meus primeiros passos significativos na academia.

À minha família, na sua singular humildade, agradeço a inspiração para buscar fazer a diferença e as estimas de sucesso.

Por fim, volto os meus agradecimentos à Jaciara, minha querida professora e orientadora, que, com seu intelecto e sabedoria ímpares, me prestou todo o respaldo científico, psicológico, pedagógico e, sobretudo, humanitário, para que esse trabalho pudesse de fato ser concretizado.

RESUMO

O Cariri Paraibano apresenta um potencial arqueológico que é revelado gradativamente ao longo dos anos. Traz em sua composição uma diversidade de material, estes se destacam principalmente pelo estado de conservação, e pela composição de artefatos, sobretudo orgânicos. Desta forma, a presente dissertação analisa dois sítios localizados na cidade de Camalaú na Paraíba com identificação de remanescente osteológico humano, sítios Barra e Parque das Pedras. A dissertação tem como objetivo, analisar e caracterizar os sítios como ambiente funerário a partir da composição material, forma e tratamento do corpo, estrutura das sepulturas, modelos e escolha de local de enterramento. Para o seu desenvolvimento foi considerado uma narrativa acerca da composição destes sítios. Utilizou-se os estudos da Bioarqueologia, tendo a Arqueologia Funerária como principal método para identificar as áreas preservadas dos sítios. A hipótese de trabalho que norteou esta dissertação defende que ambos os sítios foram palcos de ambiente funerário com prática de rituais e simbologias.

Palavras-chave: Cariri Paraibano; Bioarqueologia; Arqueologia Funerária; Artefatos; Enterramentos.

ABSTRACT

Cariri Paraíba has an archaeological potential that is gradually revealed over the years. It brings in its composition a diversity of material, these stand out mainly for the state of conservation, and for the composition of artifacts, mainly organic. In this way, the present work analyzes two sites located in the city of Camalaú in Paraíba with identification of human osteological remains, sites Barra and Parque das Pedras. The dissertation aims to analyze and characterize the sites as a funerary environment from the material composition, shape and treatment of the body, burial models, structure of the graves and choice of burial place. For its development, a narrative about the composition of these sites was considered. Bioarchaeology studies were used, with Funerary Anthropology as the main method to identify the preserved areas of the sites. The working hypothesis that guided this dissertation argues that both sites were stages of a funerary environment with the practice of rituals and symbologies.

Key-words: Cariri Paraibano; Bioarchaeology; Funerary Archaeology; Artifacts; Burials.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Etiqueta antiga de identificação de material.....	44
Figura 2 - Etiqueta atual de identificação de material.....	44
Figura 3 - Ficha para de Inventário	46
Figura 4 - Etiqueta para identificação de caixa arquivo.....	49
Figura 5 - Materiais utilizados na etapa de limpeza em laboratório.	49
Figura 6 - Protocolo de análise dos adornos.....	50
Figura 7 - Material torcido aberto	51
Figura 8 - Modelo cruzado simples	51
Figura 9 - Material envolto em possível formato de torcido aberto	52
Figura 10 - Material envolto em esteira cruzada simples	52
Figura 11 - Mapa de Localização da Região da área da pesquisa.....	56
Figura 12 - Mapa de identificação das rochas dos sítios arqueológicos..	57
Figura 13- Mapa de hipsometria dos sítios arqueológicos	58
Figura 14- Mapa de identificação do solo dos sítios arqueológicos.....	59
Figura 15- Mapa de localização dos Sítios Barra e Parque das Pedras..	61
Figura 16- Vista do sítio abrigo Barra.....	64
Figura 17- Entrada de acesso ao sítio Barra.....	65
Figura 18- Área do sítio Barra que apresenta características de abrigo e pedras dispostas	66
Figura 19- Parede Interna do sítio e ação do vento	66
Figura 20- Interlocutor identificando material ósseo no interior do sítio...	67
Figura 21- Plano de escavação do sítio Barra	68
Figura 22- Demarcação de unidades de escavação em quadrículas	68
Figura 23- Equipe do NDIHR em processo de evidenciação e resgate...	69
Figura 24- Distribuição espacial dos materiais identificados	70

Figura 25- Estratigrafia do sítio	71
Figura 26- Acesso ao sítio Parque das Pedras	73
Figura 27- Vista do Rio Monteiro da entrada do abrigo em 2015	74
Figura 28- Nivelamento para estabelecer unidades de escavação	76
Figura 29 - Unidades definidas na campanha de 2015	76
Figura 30 - Área do Abrigo com deposição de rocha em superfície	77
Figura 31- Equipe em campo na campanha de 2018.....	78
Figura 32 - Equipe em atividade na campanha de 2019	78
Figura 33- Material em processo de peneiramento	81
Figura 34- Material em processo de limpeza e catalogação	81
Figura 35- Material pós processo de limpeza.....	82
Figura 36- Momento da quebra do material osso.....	83
Figura 37- Fragmento de osso.....	83
Figura 38- Ossos humanos dispostos no sítio Barra.....	89
Figura 39- Material ósseo com pele, sítio Barra.....	89
Figura 40- Falange com restos de pele, sítio Barra.....	90
Figura 41- Pele encontrada no sítio Barra	90
Figura 42- Cabelo envolvido com restos de material vegetal trançado ...	91
Figura 43- Cabelo com trançado e fibras	91
Figura 44- Ossos com indicação de queima, sítio Barra	92
Figura 45- Restos de fibra coletados em conjunto com sedimento	93
Figura 46- Restos de material torcido localizados no mesmo nível.....	94
Figura 47- Corda, sítio Barra	94
Figura 48- Possível corda, com trançado, sítio Barra.....	95
Figura 49- Cruzado simples, sítio Barra.....	96
Figura 50- Produção com a técnica de trançado em cruzado simples em	

detalhe.....	96
Figura 51- Material trançado do sítio Barra.....	97
Figura 52- Fibra com torcido, sítio Barra.....	97
Figura 53- Fibra com torcido, sítio Barra.....	98
Figura 54- Buquê identificado no sítio Barra	98
Figura 55- Ossos humanos identificados que sugerem articulação	99
Figura 56- Ossos longos envoltos com corda	100
Figura 57- Tíbia e fíbula após recuperação	101
Figura 58- Ossos após limpeza realizado por equipe do NDIHR	101
Figura 59- Corda em detalhes envolvendo os ossos	102
Figura 60 - Detalhe de epífise distal da tíbia e fíbula apresentando não fusão	102
Figura 61- Limpeza de superfície.....	103
Figura 62- Primeiras camadas de exposição do sítio.....	104
Figura 63- Início de exposição de ossos humanos	105
Figura 64- Ossos longos do membro superior sugerindo articulação.....	105
Figura 65- Ossos dispersos evidenciados nas primeiras decapagens ...	106
Figura 66- Restos de ossos e dentes	106
Figura 67- Fragmento de maxilar e mandíbula	107
Figura 68- Resto de carvão coletado próximo ao esqueleto 3	109
Figura 69- Ossos dispersos coletados juntos na quadrícula com ou sem marcas de queima	109
Figura 70- Resto de material com técnica torcido	110
Figura 71- Contas no momento da retirada	111
Figura 72- Colar reconstruído em laboratório.....	112
Figura 73- Apresentação das 81 contas	112

Figura 74- Amostra detalhada das medidas das peças	113
Figura 75- Fotos de adorno produzido em concha.....	114
Figura 76- Exemplo de como foram obtidas as medidas do Pingente de concha.....	114
Figura 77- Esqueleto 01, sítio Parque das Pedras	115
Figura 78- Esqueleto 02, Sítio Parque das Pedras	116
Figura 79- Imagem do esqueleto com seta dando ênfase ao local das contas.....	117
Figura 80- Crânio após exumação com presença de sedimento.....	118
Figura 81- Esqueleto 03, sítio Parque das Pedras	119
Figura 82- Outro ângulo do esqueleto 03 com destaque para as pedras em volta.....	120
Figura 83- Esqueleto 04 com apresentação de apenas algumas partes ósseas	121
Figura 84 - Rio Monteiro	134
Figura 85 - Material ósseo adulto e não adulto do sítio Barra	134
Figura 86 - Vestígio de cerâmica do sítio Barra	135
Figura 87- Material vegetal do sítio Barra	135
Figura 88- Material Coquinho, sítio Barra	136
Figura 89- Lítico, Sítio Barra	136
Figura 90- Substituição das caixas de acondicionamento.....	137
Figura 91- Material ósseo, Parque das Pedras	137
Figura 92- Material ósseo, Parque das pedras	138
Figura 93- Concha do sítio Parque das Pedras	138
Figura 94- Crânio: Sítio Parque das Pedras	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação de artefatos a partir da designação de categorias e subcategorias	47
Quadro 2 - Representações Gráficas dos sítios de Camalaú	63
Quadro 3- Teste para indicação de aplicação de Software	108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Representação de materiais do sítio Barra	85
Gráfico 2- Representação de materiais do sítio Parque das Pedras	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NDIHR-	Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional
SPA-	Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	20
2.1	A BIOARQUEOLOGIA.....	22
2.2	ARQUEOLOGIA DA MORTE e funerária.....	25
2.3	ARQUEOTANATOLOGIA.....	32
2.4	TAFONOMIA	34
2.5	O CONTEXTO VISTO PELA PERSPECTIVA ENTRE: VISÍVEL E NÃO VISÍVEL	35
2.6	ARTEFATOS EM CONTEXTOS FUNERÁRIOS.....	38
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1	ANÁLISE DOS ARTEFATOS CARACTERIZADOS COMO ADORNOS E TRANÇADOS	50
4	OS ABRIGOS FUNERÁRIOS DE CAMALAÚ.....	54
4.1	A ÁREA DE ESTUDO.....	55
4.2	SÍTIO ARQUEOLÓGICO BARRA.....	64
4.3	SÍTIO ARQUEOLÓGICO PARQUE DAS PEDRAS	73
5	RESULTADOS.....	80
5.1	ATIVIDADES EM LABORATÓRIO	80
5.2	COMPOSIÇÃO FUNERÁRIA DO SÍTIO BARRA.....	88
5.3	COMPOSIÇÃO FUNERÁRIA SÍTIO PARQUE DAS PEDRAS.....	103
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	122
7	CONCLUSÃO	126
	REFERÊNCIAS	128
	ANEXO 1 - Fotos	134
	APÊNDICE 1 – INVENTÁRIO SÍTIO BARRA.....	140
	APÊNDICE 2 – INVENTÁRIO SÍTIO PARQUE DAS PEDRAS	144

1 INTRODUÇÃO

Os estudos voltados aos contextos que envolvem a morte, principalmente no Brasil, ainda demandam atenção e incentivos, pois são ainda bastante reduzidos. As pesquisas que tratam dessa temática vêm contribuindo para o campo da Arqueologia como um todo, nesse sentido, Rapp Py-Daniel (2015) enfatiza que a Arqueologia da Morte, interage com quase todos os aspectos teóricos da Arqueologia como disciplina, e, centraliza os estudos em abordagens pouco exploradas, os sepultamentos humanos.

Desta forma, é importante ressaltar que são as evidências arqueológicas que norteiam as pesquisas na área e direcionam os profissionais a identificar fragmentos da memória deixada pelas populações do passado, sobretudo antes da chegada dos colonizadores. Cada vestígio encontrado se faz importante dentro do universo arqueológico, uma vez que, a partir de suas mútuas relações, envolvendo o possível descarte, permite-se formar um quadro de interpretações que vão envolver inclusive o ambiente. Neste sentido, a dissertação buscou-se entender a composição dos dois sítios em que foram recuperados remanescentes osteológicos humanos, Barra e Parque das Pedras, a partir de sua diversidade material e suas escolhas quanto aos materiais empregados e o tratamento dado ao corpo.

Este trabalho foi desenvolvido no Estado da Paraíba, localizado ao Nordeste brasileiro, em uma vasta área que vai da zona da mata até o sertão, com 56.467,242 km². A região possui divisão geográfica estabelecida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), está localizado na área de abrangência do Cariri Ocidental e Mesorregião da Borborema, local onde está situado Camalaú. A área possui uma forte influência geográfica e climática, principalmente no que tange ao regime de precipitações. As implicações geológicas são, sobretudo, a formação dos solos saprolíticos, de abrigos, matacões e afloramentos (AZEVEDO NETTO *et al.*, 2021).

O nome da cidade, Camalaú, teve sua origem, segundo Catoira (2016), a partir de um chefe guerreiro chamado Camalaú¹, integrante do grupo indígena

¹ Segundo, Catoira (2016) O território de Camalaú foi habitado até meados do século XVII pelos índios Cariris e pela influência dos termos indígenas da região. É possível identificar essa herança cultural na nomeação de alguns povoados, a exemplo do nome da cidade de Camalaú, teria origem graças ao lugar

Caibus, e, foi denominada como município em doze de dezembro de 1961. Vale destacar, que esta cidade apresenta uma grande concentração de sítios arqueológicos, tanto com presença de material osteológico humano, quanto com grafismo rupestre.

Quanto ao título da dissertação, espaço para os vivos e para os mortos, onde os vivos se transformam em mortos, bem como, a ação que os vivos lançam a esses mortos, é o que resulta naqueles espaços enquanto funerários. Assim, a terminologia de “malhas de coisas” do Tim Ingold (2012) abarca este movimento, a exemplo dos restos direto, os acompanhamentos funerários, o espaço, o ambiente, as intervenções que estes sítios sofreram, seja por questões antrópicas, biológicas ou físicas. Pois, para Ingold essas inter-relações dão vida as coisas, apesar de morto, o resto dele continua ali se modificando, continua sendo um ser social, aqueles espaços foram construído para acomodar determinados indivíduos, estes que faziam parte daqueles grupos. Assim, apresenta-se a correlação dos ambientes funerários com os artefatos dos sítios de Camalaú, bem como a diversidade de material arqueológico.

O Estado da Paraíba apresenta um acervo arqueológico bastante significativo, no que tange à arqueologia brasileira, em especial as contribuições para a Arqueologia do Nordeste, Tendo como principais reflexão os estudos de Almeida (1979), Martin e Ason (2000), Azevedo Netto *et al.* (2007, 2011, 2021), e de Matos (2015). A estimativa de habitação é de que essas populações já estariam na região por volta de 5.000 anos antes do presente (MARTIN, 1997).

Os estudos voltados para a Arqueologia na região do Cariri, tem como destaque o nome de Ruth Trindade de Almeida, como uma das principais pesquisadoras, pois esta foi pioneira no tocante aos grafismos rupestre do Cariri. No ano de 1979, esta autora fez os levantamentos dos sítios, e classificou um total de 48 destes, com presença de grafismos. Na época, Almeida (1979) já chamava atenção para a necessidade de estudos sistemáticos e preservação dos materiais, sinalizando que os sítios da Paraíba, necessitava de pesquisas sistemáticas na área, bem como, da preservação e conservação do material

pertencente à tribo Caibus. Dentre as vertentes que traçam a origem dos habitantes pré-históricos do Cariri Paraibano, como Mariano Sobrinho (1996), algumas tribos descenderiam da região do Caribe, essa teoria aproxima o termo Caibus, a terminologia Karibo, que segundo a linguagem artificial Esperanto, corresponderia a grupos indígenas cuja família lingüística pertencia à região caribenha.

arqueológico. Desde então, pesquisadores, a exemplo de Carlos Xavier de Azevedo Netto, tem desenvolvido pesquisas no Cariri. É importante frisar que as pesquisas realizadas pelo pesquisador Azevedo Netto, e equipe, são concentradas principalmente nos grafismos rupestres.

As campanhas deste pesquisador e equipe, estão documentadas entre o ano de 2006 a 2019. Neste período foram realizadas escavações, pesquisas e visitas aos sítios com pinturas. É importante ressaltar que os projetos continuam em atividades. O foco da dissertação foi o material osteológico e os acompanhamentos funerários, assim, optou-se por usar como principais fontes de informações da região e das escavações, publicações, registros fotográficos dos contextos, bem como os relatos orais do professor Dr. Carlos Xavier e dos demais integrantes do projeto, também contando com a participação desta autora.

No total, foram identificados 16 sítios, detalhados mais a frente, existem duas datações para o Cariri Ocidental, uma no município de Camalaú, no sítio Barra, datado em 1220 ± 30 AP (Beta 400646), e a outra para o Sítio Serrote da Macambira, sendo obtida datação de 1.880 ± 30 AP. (Beta 400647). Este último, localizado em São João do Cariri, local próximo a Camalaú. As amostras em que foram realizadas datações, foi através do material ósseo para ambos os sítios, Azevedo Netto *et al.* (2011).

O fato de somente dois sítios conterem datação, chama bastante atenção, pois mesmo trazendo significativas contribuições no campo arqueológico, estudos voltados principalmente para a Arqueologia Funerária, em Camalaú, ainda são precários. A escassez nas pesquisas, com tais contextos, motivaram a escolha deste trabalho, tendo o conhecimento da diversidade de material identificada nos sítios, conseqüentemente depositados em laboratório, no caso do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), tendo em vista uma significativa contribuição para preservar esse material (sobretudo orgânico), assim como, se ter noção de como os povos originários cuidavam de seus mortos, conduzira-nos à reflexão e interesse pelo tema.

Ao analisar e apresentar dados de forma descritiva acerca dos sítios Barra e Parque das Pedras, pretende-se estar produzir conhecimentos, através das interpretações dos dados, sobre fatos arqueológicos, dentro do contexto

funerário, pois assim, como os principais resultados até aqui obtidos, fornecer subsídios para a compreensão da temática morte. Estudar o contexto funerário, formado pelos indivíduos, artefatos e local de escolhas de enterramento, permitiu-se compreender as relações entre os seres humanos, e como existiu naqueles grupos, uma preocupação com estes ritos de passagem.

Finalmente, ao descrever os dados dos sítios, apresentar os artefatos que foram associados às práticas funerárias e observando-se as principais recorrências e resultados, pode-se ver que as análises contribuem-se para que haja pesquisas mais sistemáticas na Paraíba e para os estudos arqueológicos, assim justifica o esforço empreendido.

O trabalho foi formado por partes que se completam. Dentre estas apresenta-se uma revisão bibliográfica, trazendo alguns conceitos e teorias, em que são discutidas temáticas relacionadas aos ambientes funerários de ambos os sítios, sempre partindo do geral para o específico. O trabalho consiste na análise dos materiais já resgatados e, tem como base metodológica, o estudo dos ambientes funerários e o estudo dos artefatos, empregados na análise dos restos esqueléticos e dos sepultamentos. usou-se a Arqueologia Funerária para identificação dos modelos de sepultamento, a partir da posição dos ossos ou esqueletos completos, e posição ou presença de artefatos ou outros vestígios. Já para o estudo dos artefatos, utilizou-se de diferentes métodos aplicados à análise de artefatos, observando as características morfológicas naturais ou transformativas. Este será documento produzido para correlacioná-los aos contextos funerários.

É importante ressaltar que a dissertação consiste na análise dos contextos preservados do sítio Parque das Pedras e dos materiais evidenciados em ambos os sítios, pois o sítio Barra, teve seu contexto perturbado, deste modo, apresenta-se a disposição dos artefatos posição dos ossos, alterações antrópicas e naturais, indicando como se comportavam em relação ao tratamento do corpo, às sepulturas e a cultura material associada.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A Arqueologia é uma ciência que estuda o ser humano através de vestígios materiais, esta enquanto ciência, vem desenvolvendo ao longo do tempo estudos em diversos aspectos e áreas de conhecimentos científicos, deste modo, Bicho (2006, p. 9) enfatiza que a Arqueologia é hoje uma vasta área de saberes, muito porosa (como todos os tradicionais “ramos” do conhecimento) a outras disciplinas, seja de forma multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Na perspectiva de Silva (2013) a Arqueologia enquanto ciência que se propõe a estudar o homem através de seus vestígios materiais, permite que diferentes linhas de pesquisas, com diversos tipos de materiais, sejam seguidas visando apenas esse objetivo em comum.

Retornando as reflexões de Bicho (2006), o autor traça uma linha correspondente ao desenvolvimento da história da Arqueologia. Sua compreensão acerca desta mudança, é de que esta área passou por diferentes fases, tendo um fio condutor diacrônico, mas com vários locais em que diversos eventos têm lugar. Assim, a fase inicial se deu com a descoberta da existência de materiais arqueológicos, seguida pela fase da perspectiva de ter a Arqueologia como uma disciplina científica, isso na metade do século XIX. Em seguida, preocupa-se com o desenvolvimento da cronologia e discussão histórica do material arqueológico e dos povos representados por esses artefatos. Já a fase seguinte, foi de suma importância, trata-se do aparecimento da Nova Arqueologia, também denominada de Processual, fase esta que se dão desenvolvimentos metodológicos e teóricos, que constituíram as infraestruturas do pensamento arqueológico moderno, onde procura dar um contorno mais “exato” de cientificidade. Para este período destacam-se alguns autores como Lewis Binford (1962, 1965, 1967, 1968) e David Clarke (1984).

Esta nova concepção permitiu explicar o processo de formação arqueológico, para assim poder compreender o passado, numa perspectiva essencialmente dinâmica dele. A última fase, conhecida como pós-processualismo ou contextual, aparece marcada por uma diversidade de perspectivas, das quais se deve destacar o trabalho de Ian Hodder (1978, 1982), Trigger (1989) e Renfrew e Bahn (1993). Esta nova perspectiva baseia-se na

ideia de que a escola processual assente numa perspectiva funcional da Arqueologia, mas que segundo Bicho (2006) possui limites na sua capacidade interpretativa. Deste modo, atentam para a importância de componentes como o simbolismo ou a ideologia, na tentativa de explicação do tecido social, político ou religioso.

Importante destacar a contribuição de Ian Hodder (1978; 1989) para formação do pós-processualismo, o qual corroborou para ampliação dos estudos sobre simbologias, práticas funerárias e ambientes mortuários. De acordo com Bicho (2006) a maior contribuição de Hodder, foi a definição e construção daquilo que ele designou por *Contextual Archaeology*. A arqueologia contextual, esta que se baseia na perspectiva de que a Arqueologia deve examinar todos os aspectos internos possíveis de uma cultura arqueológica para que se possa conhecer o significado de cada um dos seus elementos ou partes. Assim, Bicho destaca que:

Um dos aspectos fundamentais do axioma da Arqueologia Contextual é o facto de a cultura material não ser só um reflexo de adaptações ecológicas, sociais ou económicas. A cultura material é também um elemento ativo nas relações sociais internas e externas de um determinado grupo, devendo ser vista como se de um texto histórico se tratasse (BICHO, 2006, P.78).

Entende-se que a Arqueologia é reflexo direto do desenvolvimento da Arqueologia enquanto agente de produção e difusão de conhecimento científico, é caracterizada por uma ampla variedade de abordagens. Diante destes aspectos teóricos, fica claro que a Arqueologia tem feito grandes progressos no que se refere a multidisciplinaridade, em especial, destaque aos estudos de remanescentes osteológicos humanos em contexto funerário, tema proposto deste trabalho.

Tendo o entendimento de que a Arqueologia se transformou nessa área ampla e multidisciplinar, foram surgindo subdisciplinas, estas capazes de concentrar a pesquisa em elementos específicos do contexto arqueológico, tidas como parte integrante da Bioarqueologia, dentre elas o estudo com as práticas mortuárias. Assim, as práticas mortuárias e os rituais envolvidos expressam os símbolos das diferentes culturas, sendo inclusive permitido ao arqueólogo a compreensão de parte desse sistema por meio do exame minucioso de itens, como densidade demográfica dos sepultamentos; posição do corpo;

direcionamento do crânio e da face; local e espaço ocupado pelo sepultamento; patologias; cultura material associada.

Deste modo, devemos levar em consideração a importância que tem o estudo da formação do registro, sendo este um dos aspectos mais importantes da investigação arqueológica (BICHO, 2006, p. 378). O significado do estudo dos processos de formação de sítio na disciplina da Arqueologia é mais do que apenas a simples análise responsável pela formação dos sítios arqueológicos, estes são cruciais para a disciplina, pois os arqueólogos usam o padrão espacial dos artefatos encontrados nos depósitos para inferirem comportamento humano.

Para Martin (1997), grande parte das informações sobre a vida pré-colonial nos chega através da morte, Vergne (2007) acrescenta que a pesquisa sobre as práticas mortuárias têm assumido grande relevância nos estudos arqueológicos, sobretudo no que diz respeito às informações que as estruturas trazem para inferência sobre comportamento e cultura de povos pregressos e ágrafos, cooperando efetivamente para a compreensão, inclusive, da complexidade social destes grupos, tendo em vista que a morte e seus perceptos são construções sociais (SAXE, 1970; BROWN, 1995; BINFORD, 1971; TAINTER, 1978; O'SHEA, 1984; BARTEL, 1982).

Compactuando destes pensamentos, entendendo-se que é através dos estudos arqueológicos que se tem ideia de como foram se desenvolvendo as sociedades do passado. Serão apresentados conceitos teóricos relacionados aos contextos funerários enquanto parte integrante da Bioarqueologia.

2.1 A BIOARQUEOLOGIA

Segundo Silva (2013), a Bioarqueologia consiste em uma disciplina que direciona os estudos em material ósseo humano identificados em contexto arqueológico, promovendo uma verdadeira análise tanto dos restos de indivíduos quanto dos elementos que o envolvem. Para Buikstra e Beck (2006), a Bioarqueologia pode ser definida como uma área de estudo multidisciplinar que tem por objetivo o estudo dos grupos humanos antigos a partir da sua Biologia arqueologicamente contextualizada.

Tomando por base o conceito apresentado por Mignon (1994), a Bioarqueologia é o estudo dos remanescentes preservados de organismos vivos (biofatos) descobertos em sítios arqueológicos para obter informações sobre o que podem revelar a respeito da ecologia-histórica humana, subsistência, saúde ou comportamentos culturais. Segundo este autor:

As investigações bioarqueológicas são usualmente conduzidas por grupos de pesquisas interdisciplinares e podem incluir pesquisas paleoecológicas e paleoambientais, empregadas para construir ambientes físicos do passado, bem como investigar a interação humana no ambiente (MIGNON, 1994, p. 144).

Desse modo, defende-se que a Bioarqueologia pode ser apresentada como o estudo que envolve os remanescentes biológicos dentro do contexto arqueológico, que fornece informações sobre os aspectos de vida de grupos, e que o estudo, através dos remanescentes orgânicos, possibilita entender este passado. O contexto inicial da Bioarqueologia, segundo Souza, ocorreu no século XVIII como ciência embrionária entre a Antropologia e a Arqueologia "o que hoje entendemos como Bioarqueologia, deu seus primeiros passos classificando e identificando a morfologia dos ossos, principalmente do crânio" (SOUZA, 2009, p. 121).

Ernest Hooton (1930) já no século XX, também contribuiu de forma significativa para o estudo da Bioarqueologia, o olhar sobre os ossos ganhou nuances, tornando-se mais populacional e epidemiológico, e passou a dialogar com a mortalidade, os sinais de doenças, as variações dentro dos grupos de sexo, idade, posição social e assim por diante (SOUZA, 2009, 2019). Buikstra e Beck (2006) apontam que passamos de antropólogos físicos que estavam interessados em estudar restos humanos por si mesmos, com pouca tentativa de contextualizar seus dados, para uma proliferação de pessoas ("bioarqueólogos") que realmente desejam fazer isso e tornar seus dados importantes para compreender nossos ancestrais (BUIKSTRA; BECK, 2006, p. 379).

Ainda com base nos apontamentos de Buikstra e Beck (2006), enfatizam que é preciso aprender a trabalhar com dados de diferentes tipos, deixando de lado ideias de que parte dessas informações são simplistas. Destacam algumas implicações, pois, à medida que o campo se tornou aparentemente mais

científico, alguns bioarqueólogos decidiram que não precisavam mais trabalhar tão de perto com dados arqueológicos. A ação é vista por Buikstra e Beck, como um grande erro, pois quando se lida com dados do passado, estamos trabalhando com partes do todo, deste modo, não podemos descartar nada disso.

A Bioarqueologia ao avançar, segue propondo o estudo dos remanescentes de corpos humanos que levassem em conta seu contexto e suas características, para inferir sobre estilos de vida, comportamentos, práticas culturais, hereditariedade e outros aspectos. Ainda neste contexto, Souza (2009) contribui, avaliando a Bioarqueologia como um campo científico, muito produtivo e em expansão, seja pelo estudo das coleções musealizadas ou pela coleta de novos dados em campo, ela está capacitada a responder muitas questões arqueológicas, além de permitir a construção de hipóteses para o estudo biocultural das populações humanas do passado.

Em uma visão norte americana, Larsen (2002, p. 97), enquanto um dos principais autores que defendiam este pensamento, via a Bioarqueologia apenas como o estudo de restos humanos recuperados de ambiente arqueológico. Diferentemente, na perspectiva europeia, há o nome de Douglas Clarke, como referência, que foi pioneiro nos estudos incluindo aspectos antes não considerados como paleoeconomia e condições ambientais.

Com uma abordagem muito mais ampla, incluindo assim, como já referido, não apenas os remanescentes humanos, mas, a Bioarqueologia incluiria materiais orgânicos em contexto arqueológico. Para esta dissertação, é entendido como Bioarqueologia o conjunto de materiais orgânicos em contexto arqueológico. “Desse modo, defende-se que a Bioarqueologia pode ser apresentada como o estudo que envolve os remanescentes biológicos dentro do contexto arqueológico, que fornece informações sobre os aspectos de vida de grupos, e que o estudo, através dos remanescentes orgânicos, possibilita entender este passado.

O desenvolvimento da área no Brasil se deu de forma gradual, sobretudo com os trabalhos iniciais de Marília Alvim, que há cerca de cinco décadas atrás no Brasil, era um dos mais citados nos trabalhos publicados nas publicações de Arqueologia brasileira (SOUZA, 2009). Passados todos esses anos a

Arqueologia cresceu, diversificou-se, consolidou-se como mercado profissional, com expressivo crescimento de suas interfaces. Novos campos de contato com as ciências da vida contribuíram para que a Bioarqueologia se tornasse mais complexa, principalmente por ir além da morfologia (SOUZA, 2019).

Os estudos que abordam o contexto funerário no Brasil foram se intensificando, segundo Souza (2013), a partir dos anos 1980. Os apontamentos desta autora, confirmam que foi neste mesmo período, que os estudos dos remanescentes humanos, começam a apresentar um maior desenvolvimento. Pesquisadores como Mendonça de Souza (1995), Sene (2007), Silva (2005) e Mignon (1994), têm contribuído na construção e ampliação do conhecimento.

Souza (2009) segue enfatizando que o enfoque científico dos achados funerários não é uma nova abordagem, e que essas abordagens vêm mudando paradigmas, passando os achados funerários a uma posição muito mais relevante enquanto testemunhos bioculturais capazes de iluminar a pesquisa arqueológica. A autora ainda aponta que novas técnicas são compartilhadas com a Bioarqueologia e em específico, Arqueologia Funerária, e contribuem para o conhecimento dos povos do passado pré-colonial e histórico, contribui para a reconstituição de seus aspectos biológicos e suas práticas funerárias.

Assim, se percebe a importância de introduzir os estudos da Bioarqueologia na presente dissertação, se faz necessário, principalmente por entende que estudar o contexto funerário, é fundamental para qualquer interpretação, inclusive no que tange a Arqueologia da Morte, pois somente através deste conjunto é que terá capacidade de entender a relação entre a morte, os processos de formação, construção do local e o tratamento dos vivos para com os mortos.

2.2 ARQUEOLOGIA DA MORTE E FUNERÁRIA

O termo Arqueologia da Morte ou *Archaeology of Death*, ficou amplamente conhecido de acordo com Silva (2013) após os anos 70, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos, como o ramo da Arqueologia destinado ao estudo relacionado à morte nos mais variados aspectos. Segundo esta autora, “envolvido em uma abordagem processualista o termo pretende

reconstituir a organização das sociedades pretéritas tendo como meio os vestígios mortuários” (2013, p. 16).

É importante ressaltar que na década de oitenta existiam diferentes abordagens para a Arqueologia da Morte, algumas que inclusive ainda permanecem, principalmente as que se referem à dimensão social da prática funerária. Na obra *História do Pensamento Arqueológico* (2004) Trigger, contextualiza esse movimento, relatando que um número cada vez maior de arqueólogos passou a concordar com a importância da história do pensamento arqueológico, dentre eles, destaca o filósofo e arqueólogo R. G. Collingwood (1939, p. 32 apud DUNNEL, 1986, p. 490) quanto a que "nenhum problema histórico deve ser estudado sem que se estude a história do pensamento histórico a seu respeito". Pesquisas históricas acerca da interpretação arqueológica se multiplicaram e foram adotadas metodologias mais sofisticadas (TRIGGER, 1989). A este enfoque surgiram críticas, como Michael Schiffer (1972, p. 193) que declarou que os cursos de pós-graduação deveriam deixar de ser "histórias do pensamento" e, em vez disso, deveriam expor, de forma articulada, teorias contemporâneas. Sua colocação encarna o ponto de vista segundo o qual a verdade, ou falsidade, de formulações teóricas independe de influências sociais e, portanto, da história, podendo ser determinada pela aplicação científica de procedimentos válidos de avaliação à conjuntos de dados adequadamente reunidos.

Trigger (2004) segue afirmando que dar demasiada importância a certas ideias, sem prestar atenção ao seu contexto, levaria os arqueólogos a subestimar o acervo de mudanças significativas que tem caracterizado o desenvolvimento da interpretação arqueológica. Muitos arqueólogos já observaram que uma das principais características da interpretação arqueológica é sua diversidade regional. Deste modo, David Clarke (1984), analisou a história da Arqueologia como uma história de escolas regionais. Clarke afirmou que só recentemente a Arqueologia deixou de ser uma série de tradições divergentes, cada qual com seu próprio corpo teórico valorizado de modo particular e sua forma preferida de descrição, interpretação e explicação Daniel (*et al.*, 1981).

Oliveira (2018) reflete que a Arqueologia da Morte era pouco explorada, relata também, que no início do estudo acerca deste tema, era dada pouca atenção aos processos de formação e transformação do registro arqueológico além da: inadequada abordagem do simbolismo; relativa negligência das características espaciais na localização das áreas com deposições funerárias e, a ausência de uma perspectiva regional na análise das práticas mortuárias. Já para Chapman e Randsborg (1981), a Arqueologia da Morte, não é uma área nova, denotam que existe um interesse evidente pelas práticas mortuárias de culturas humanas, interesse este que não era tão presente até o século XX.

Por mais que diferentes termos sejam utilizados para empregar uma mesma designação, é importante destacar que Funerário e Mortuário podem representar diferentes significados com base em alguns autores, como apontado por Oliveira (2018). Para a autora, essa Arqueologia da Morte compreende o estudo do comportamento mortuário e o seu uso como base para a reconstrução de uma organização social do passado. No que diz respeito Arqueologia Funerária, esta apresenta características associadas a ritos, cerimoniais e simbologias, o que o faria ser então uma parte do mortuário, mas não do todo. Na reflexão de Silva (2007) os rituais funerários abordados constantemente em pesquisas, são:

[...] feitos de ações vinculadas a pensamentos voltados ao sobrenatural, ao mundo além-túmulo que, uma vez em contexto arqueológico, resultam em uma cultura material funerária com carga simbólica e potencialidades para a interpretação de suas instâncias dependentes dos fatores formativos dos substratos arqueológicos (SILVA, 2007, p. 127).

Descrever e classificar sepultamentos humanos implica em observar o todo dos vestígios funerários no contexto da deposição, incorporando dados bioantropológicos. Silva (2007) e Castro (2009) apontam que o ritual funerário é uma dessas ações sociais, pois ao preparar o corpo de uma determinada maneira, ao escolher o local do enterramento, ao definir a forma da cova, ao colocar ou não objetos junto ao morto, o grupo está comunicando suas escolhas, suas preferências, inclusive com a situação social do falecido. Segundo Silva (2013) os espaços funerários são formados por estruturas que representam parte do ritual ou conjunto de rituais.

A identificação dessas áreas tidas como funerárias, permitem que seja promovido um estudo distribuído conforme três aspectos: o corpo, a sepultura, incluindo o local onde a sepultura será executada e os artefatos que foram depositados e que fazem parte do contexto do enterramento (SILVA, 2013).

De acordo com Cisneiros (2003), provavelmente não existe nenhum grupo humano que não trate dos seus mortos. A espécie humana acompanha a morte com um rito de passagem ritual, possui uma ideia sobre a morte ou algo posterior a está. É importante considerar que os ritos funerários, segundo o historiador Ariès (1977), com base nos estudos de populações europeia na França, vão variar, no entanto existe o respeito pela morte. Então cada época, cada religião tem em comum sua maneira de lidar com a morte.

Martin (1997) enfatiza que o humano sempre se preocupou com seus mortos e o ritual funerário, seja ele a simples deposição do corpo numa cova ou cerimônia complexa. Segundo a autora, este comportamento acompanha a sociedade humana desde a pré-história.

Entender práticas ritualísticas, tendo em vista que “uma estrutura funerária é parte de um ritual ou de um conjunto de rituais [...]” (CASTRO, 2009, p. 63), é entrar no universo de uma sociedade a qual não fazemos parte e, mesmo que existam remanescentes de sua existência, a subjetividade e possíveis inferências que norteiam o trabalho arqueológico não podem ser deixadas de lado (SILVA, 2013).

Faz-se necessário ressaltar, que para definir sepultamento, algumas características precisam ser levadas em consideração, ou seja, não basta somente a evidenciação do vestígio ósseo, mas a intencionalidade de sepultá-lo. Segundo Strauss (2010) deve ser considerado tanto a quantidade de ossos evidenciados quanto o grau de organização, não sendo exatamente esses critérios que o definiriam. É importante neste momento uma análise detalhada dos objetos, levando sempre em consideração que o vestígio arqueológico está em constante transformação.

Silva (2005, 2006) apresenta no texto, terminologia e classificação usadas para descrever Sepultamentos Humanos, os tipos de enterramentos. De modo geral, eles são classificados como: enterramento **primário** (completo ou incompleto) que apresenta os ossos em conexão anatômica, neste tipo de

enterramento os ossos apresentam-se articulados. O enterramento **secundário**, onde não existe conexão anatômica e os ossos podem ser de indivíduos com diferentes idades. No enterramento secundário, não é incomum ocorrer a presença de um “[...] pacote ou fardo (*bundle*), que resultou da coleta dos ossos após a remoção intencional das partes moles por exposição, decomposição por bactérias e que foram posteriormente depositados em uma cova” (SILVA, 2005, 2006, p.6).

Com base em Silva (*et al.*, 2020), os enterramentos **múltiplos** e **coletivos** consistem em locais de enterramento em que ocorreu mais de um enterramento ao mesmo tempo, eles vão diferir em função do momento que o enterramento ocorreu. Para os múltiplos os enterramentos ocorreram simultaneamente, resultando em uma decomposição concomitante, os coletivos por sua vez ocorreram em momentos distintos, provocando inclusive perturbações em enterramentos mais antigos, ao serem enterrados os mais recentes. E a cremação, esta pode ser entendida como um método de tratamento e redução do corpo para sua posterior deposição. A cremação é uma prática de queimar o morto, representada no contexto arqueológico por aglomerados de ossos humanos queimados, parcialmente íntegros ou, comumente, estando fragmentados e desarticulados ou sob a forma de cinzas que podem ter sido depositadas em urnas cinerárias para posterior deposição (SILVA, 2005, 2006).

Este mesmo autor, atenta sobre a dificuldade de analisar essas práticas funerárias, argumentando que a grande variedade de enterramento, torna-se difícil elaborar critérios e normas padronizadas. Segue enfatizando, que para compreender o ritual a que o morto foi envolvido é necessário que haja um entendimento do espaço e a forma no qual ele foi depositado. A proposição que o autor sugere para esquematizar a leitura dos sepultamentos humanos em contexto arqueológico, baseada em sugestões terminológicas como as de Sprague (1968) e Heizer (1950) é que considere características básicas como: a deposição do corpo; o critério da articulação; posição do corpo; orientação do crânio; do número mínimo de indivíduos presentes na mesma sepultura. Esses fatores são semelhantes aos observados com base nos preceitos da Arqueotematologia (DUDAY, 1990, 2009; DUDAY, 2005). Outros critérios

referem-se à identificação e cuidados durante a evidenciação e retirada de fragmentos ou ossos completos, consequentes as características do material associado no enterramento e com as características da cova.

De acordo com Castro (*et al.*, 2015) o termo Arqueologia Funerária, Arqueologia da Morte ou Arqueologia das Práticas Mortuárias, define uma área de pesquisa adotada para analisar e interpretar questões relativas ao fenômeno da morte através de informações encontradas no contexto arqueológico, antropológico ou histórico que remetem às práticas funerárias e fazem parte dos rituais funerários.

No trabalho intitulado de Arqueologias das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia, Silva (2007, p. 124) levanta uma importante questão acerca do termo Práticas Mortuárias, empregado por Ribeiro, o autor coloca que no caso específico dos estudos arqueológicos voltados às respostas humanas diante do fenômeno da morte em populações extintas, convêm ressaltar que essas respostas geram vestígios cujos dados mortuários podem ser de origem cultural e/ou biológica. E segundo Silva (2005), a chegada da *New Archaeology* trouxe mudanças nas revisões nos estudos das práticas mortuárias. Autores como Saxe (1970), Binford (1971), Chapman e Ronsdborg (1981), Tainter (1978), O'Shea (1984), situaram no centro da produção e passaram a incluir a variabilidade mortuária, como meio de reflexão sobre os princípios de organização de um sistema cultural.

Ainda referente aos termos, Silva (2007) segue enfatizando que a terminologia utilizada por Ribeiro (2002) é resultante destes já conhecidos, como *Archeology of Death*, *Archeologie funerare*, *archéologie de la morte*, dentre outros, e que poderia ser acrescentado o termo que dá título ao livro de Pearson: *The Archeology of death and burial*, ou até considerá-lo como substituto do termo Arqueologia das Práticas Mortuárias.

No caso de ambiente funerário, este também difere, tendo particularidades que vão envolver não apenas os elementos depositados como o corpo ou o adorno, deve-se também ser analisado outros fatores, como por exemplo, a escolha do local de enterramento, se em abrigo aberto ou paredão, tipos de solos, rochas estabelecem que através da análise dos sepultamentos e dos esqueletos humanos preservados em contextos culturalmente definidos,

pode-se tentar inferências sobre a estrutura social e a organização das sociedades pré-históricas (SILVA, 2005; SENE, 2007).

Ainda com base em Silva (2005, p. 113), o autor aponta que as áreas funerárias “[...] possuem dimensões e estão juntos, próximas ou distantes das áreas de habitação (contexto sistêmico ou funcionais)”. Segue argumentando que “[...] áreas funerárias também constituem áreas de atividades dos vivos, portanto fazem parte de contexto de vida ou sistêmicos”. E a identificação dessas áreas se dá pela observação de sepultamentos concentrados em um espaço delimitado. Na avaliação de Cisneiros (2003), as áreas funerárias baseiam-se na presença de restos antropológicos ou em informações suficientes que assegurem sua presença original, ou seja, a certeza da existência de comportamentos funerários.

Considerando o que foi definido como espaço funerário tanto por Silva (2013) quanto por Cisneiros (2003), os espaços, neste trabalho, foram analisados dentro do entendimento de lugar funerário, ou, como chamado respectivamente, “sítio cemitério”, sendo possível assim ver, segundo os autores, atividades realizadas pelos vivos, fazendo parte do contexto sistêmico ou de vida. A análise deu-se na forma de observar as estruturas preservadas, considerando ossos em sua deposição original, e artefatos identificados enquanto pertencentes a acompanhamentos funerários, associados diretamente ou não.

Assim, fez necessário pontuar que a análise em torno destes ambientes, segue os adotados pela da Arqueologia da Morte, no sentido geral, enquanto os aspectos específicos do ritual, estão a cargo da Arqueologia Funerária.

Deste modo, para entender o ambiente funerário, há particularidades que propuseram a leitura desses espaços, dando ênfase além do osso, deste modo, precisou-se de mecanismos próprios para tornar possível tal leitura, nesse sentido, utilizou-se a Arqueotematologia, está que funciona a partir do conjunto de ferramentas, e que são proporcionados para leitura de remanescentes ósseos em seus enterramentos, bem como, a Tafonomia, por propiciar elementos sobre os processos transformativos dos ambientes e ossos.

2.3 ARQUEOTANATOLOGIA

Denominada inicialmente (até a primeira década do XXI) como Antropologia de Terreno, a Arqueotanatologia passou a incorporar o termo Tanatologia, conforme exposto por Duday (2009), por ser entendido que os métodos propostos envolvem os remanescentes estudados a partir dos componentes não apenas biológicos, mas também sociais da morte. Para Duday (2009) a Arqueotanatologia tem então o objetivo de reconstituir as ações acerca da morte, focando no esqueleto e analisando os atos referentes à gestão e tratamento do indivíduo. Esses atos seriam formados pelas atividades desempenhadas sobre o morto, quanto ao processo de tratamento e posterior deposição. A Arqueotanatologia permite ler, a partir dos remanescentes ósseos características próprias do momento do enterramento e ações posteriores (SILVA *et al.*, 2013).

A propagação de métodos como a Arqueotanatologia, pretende justamente apresentar a importância de que o trabalho com remanescentes osteológicos ocorra já no ato de sua identificação. Baseado na proposta de Duday (2009) a análise dos sepultamentos é feita através da observação de ações “anteriores ao enterramento (práticas preparatórias); a sepultura, posição do esqueleto e artefatos (práticas sepulcrais) e a manipulação do material e reorganização (atos pós-inumação)” (DUDAY *et al.*, 1990, p. 30). As reflexões de Duday, servem de suporte, para entender o ambiente funerário, a deposição do indivíduo no sepultamento, ou seja, a estrutura dos contextos.

Importante avaliar, que se faz necessário observar o morto, e os objetos materiais ainda no contexto, sejam associados aos restos esqueléticos ou não, Duday (2006), afirma que o indivíduo tem que ser visto através do seu contexto de sepultamento, onde os gestos e os processos tafonômicos têm grande importância, mantendo ao longo do estudo um diálogo contínuo com todas as interfaces da Arqueologia.

Já do ponto de vista do Ingold, esta utilização de estudo, permitirá uma leitura sistemática dos ambientes, caracterizando-os tanto por indivíduos quanto pelos espaços e acompanhamentos funerários do sítio. Este método pode ser considerado dentro da abordagem de Ingold (2012), sobre as coisas que se

formam as malhas. No entanto a proposta aqui é fazer a leitura funerária, abrangente, além do ponto de vista técnico, analisar também as particularidades que possam existir associadas aos remanescentes, bem como elementos que possam apresentar caráter individualizado diante de uma estrutura. Para melhor compreensão, seguiu-se as reflexões de Peyroteo-Stjerna (2017), esta autora argumenta que a Arqueotematologia pode ser aplicada na fase de pós-escavação, mas com reconhecidas restrições. A autora demonstra, através de um caso de estudo, o potencial deste método para a reconstrução da cadeia operatória dos gestos funerários de populações do passado, cujos vestígios foram documentados em escavações arqueológicas há várias décadas atrás. Deste modo:

A escavação e a produção de documentação minuciosa sobre o contexto funerário sobretudo quando realizadas observações sobre a distribuição espacial dos ossos, o seu registo tridimensional, recorrendo a representação gráfica de alta resolução, mostrando os elementos diagnósticos de análise – permitem a aplicação do método com poucas restrições. (PEYROTEO-STJERNA, 2017, p. 454)

Outra importante informação que esta autora apresenta, diz respeito a possibilidade de se perder informações preciosa acerca das disposições funerárias, se a Arqueotematologia ficar limitada somente a proposta de contexto de campo. Assim, outras possibilidades, a exemplo da análise através de fotografias, também trará resultados precisos e confiáveis.

Deste modo, adicionalmente, estudos recentes, por exemplo Peyroteo-Stjerna (2016) e Törv (2015), mostram consistentemente que a Arqueotematologia tem um enorme potencial para a análise de coleções museológicas de escavações antigas, que de outra forma permaneceriam inexploradas. Acrescenta (PEYROTEO-STJERNA, 2017, p. 455), que a análise arqueotematológica de fontes históricas é desafiante, mas é praticável. O método não tem limites culturais ou cronológicos e pode aplicar-se tanto no terreno como em laboratório.

A Arqueotematologia, que tem como um dos objetivos, promover o detalhamento das atividades desde a evidenciação e exumação do material, contribui para o entendimento do ambiente funerário, considerando os indivíduos, os artefatos associados, os locais de deposições, bem como, as demais ações, que possam ter ocorrido após a inumação, estas últimas

características são entendida para o contexto bioarqueológico como alterações tafonômicas.

2.4 TAFONOMIA

Simões (2014) define Tafonomia, como a ciência que estuda o processo de preservação dos restos orgânicos no registro sedimentar, refletindo como esses processos afetam a qualidade do registro fóssil. Segundo este autor, o termo Tafonomia (do grego: *tafos*= sepultamento; *nomos*= leis), foi introduzido na literatura por Efremov (1940), originalmente para designar o estudo das “leis” que governam a transição dos restos orgânicos da biosfera para litosfera. Este mesmo termo é apresentado por Silva (2013) de forma literal, como as leis que levam à morte. Dentro da perspectiva da Bioarqueologia, a Tafonomia, cumpre o papel de entender os processos transformativos que ocorrem no ambiente funerário desde o enterramento até o momento de recuperação.

A interpretação de evidências tafonômicas em material osteológico humano, apresentam como principais dificuldades, a má conservação destes vestígios, principalmente os mais antigos. Rubin (*et al.*, 2013) relata que os processos posteriores às deposições podem trazer informações significativas. As chamadas perturbações pós-deposicionais, que são processos físicos e biológicos que atuam no estrato, como processos erosivos e bioturbações, que proporcionam alterações por presença de raízes, ou animais que escavam o solo.

Silva (2013) argumenta que alguns agentes (abióticos, bióticos e antrópicos) são responsáveis por alterações dos locais originais dos ossos ou mesmo de sua estrutura. A Tafonomia, dentro da perspectiva dos estudos bioarqueológicos, consiste no estudo das alterações dos materiais arqueológicos como um todo, sejam causadas pela ação de agentes bioturbadores, ações antrópicas ou demais alterações que possam ocorrer no solo em função de acidez ou clima.

A Tafonomia foca nos processos transformativos que podem ocorrer nos ambientes funerários, permitindo uma compreensão mais clara sobre as alterações nos ossos e na matriz que os envolvem. Segundo Rapp PY-Daniel

(2009) Tafonomia é uma ciência com aplicações na área de ciências naturais e humanas sendo utilizada dentro da arqueologia, principalmente em contextos funerários.

Assim, a Tafonomia aqui proposta, também remete a perspectiva de Ingold (2012) acerca da inter-relação, ou seja, a relação entre o processo material e o imaterial.

2.5 O CONTEXTO VISTO PELA PERSPECTIVA ENTRE: VISÍVEL E NÃO VISÍVEL

Os conceitos descritos sobre a Arqueologia no geral, levam a considerar os processos que envolvem esta área e seus estudos, a partir do pressuposto em entender que o passado se constrói no presente; perceber que as coisas têm muito mais para contar do que simples descrições e classificações; permitem imaginar que o material arqueológico dos sítios Barra e Parque das Pedras, por exemplo, fazem parte da organização de um determinado povo pré-colonial; que estabeleciām uma interação entre natureza e cultura, e que o contexto material relacionado com os mortos, e com a paisagem, auxiliam na forma e local de como os grupos escolheram depositar seus antepassados.

Deste modo, são apresentadas as reflexões abordadas por Ingold (2012) e seus entendimentos acerca de novas abordagens teóricas e metodológicas. O autor entende que as coisas que compõe o mundo, sejam materiais ou imateriais, estão todas conectadas entre si.

Ingold (2012) apresenta que as linhas de vida das coisas com seus entrelaçamentos de forma geral, podem ser entendidas enquanto paisagens, já que para o autor, essa percepção de análise, possibilita articular tantos os personagens, de forma geral quanto à questão de temporalidade.

O meio ambiente nos leva a imaginar que ele existe independentemente da nossa vontade, mas Ingold (2012) coloca-o como uma interação de humanos e não-humanos na formação do mundo, quebrando a dicotomia natureza x cultura. Para os pós-processualistas a paisagem é apropriada socialmente e culturalmente, com a quebra da dicotomia, instaura-se uma continuidade e interação entre os elementos da esfera da natureza e humana. Para Ingold (2012) a paisagem não é mais a apropriação cultural do meio, feito pelos seres

humanos, paisagem é tempo, é movimento. São esses diferentes fluxos, ou seja, esses diferentes processos de formação se cruzando e se emaranhando.

Este autor nos convida a pensar a paisagem como o tempo, perceber que ela não é um retrato, paisagem é inter-relação, é diferentes fluxos de formação se cruzando e se atravessando. A perspectiva de Ingold, permite imaginar que pensar nessa paisagem é pensar nas interações que aconteciam ali na hora dos preparativos dos rituais funerários, das decisões de onde, quando e como enterrariam os mortos, nos convida a imaginar as coisas num “emaranhado de fios”.

Reconhecer que discussões corroboram para algo que é estruturado e que estão direcionados de maneira limitada às respostas dadas sobre determinados contextos, possibilita assumir que existem outras possibilidades não tão convencionais, bem como, se seguindo parâmetros biológicos somos munidos a reconhecer através do material osteológico, por exemplo, que o indivíduo é masculino ou feminino, sua faixa etária, tipos de doenças, a fauna e, possivelmente, a flora que havia no entorno na época do rito, é importante destacar, que mesmo sendo capaz de reconhecer o sexo do indivíduo, se analisado pela perspectivas de gênero, corpo e sexualidade, os resultados teriam outros direcionamentos. No entanto, o entendimento não se trata de perspectivas monotéticas, mas sim, a de adotar outros pontos de vistas, diferente dos tradicionais politético (CLARKE, 1984). O intuito é demonstrar que outras possibilidades também são válidas dentro do arcabouço teórico arqueológico. Ao abordar o que Ingold (2012) aponta como os processos de “modernidades” os quais promoveram a separação entre natureza e cultura, o autor alerta que devemos parar de olhar o meio e que devemos pensar inclusive nas bordas, rompendo assim os limites de natureza/cultura. Precisamos observar as “coisas” que estão nos circundando. A palavra “coisa” aparece como ligação para perceber que não existe nada isolado, tudo está conectado. A percepção de Ingold, faz todo sentido, pois ao serem estudados os ossos, registro rupestre ou os tipos de enterramentos dentro de um ambiente funerário, por exemplo, deve ser levado em consideração que esse material interage com outros seres, inclusive aqueles que não são humanos, como os microrganismos e fenômenos climáticos. A reflexão de Ingold é compatível com o tema desta dissertação, pois

apresenta elementos advindos da materialidade e dos contextos, de que existia um espaço destinado aos vivos, bem como aos mortos. Espaço este que Ingold vai chamar de emaranhado de fios, ou seja, para este autor tudo está conectado, o material com o imaterial assim como o visível com o não visível.

Frente às reflexões defendidas por Ingold, é importante observar que as coisas estão relacionadas. Os artefatos estão conectados aos ossos, que estão conectados ao solo, que conectam com as raízes, com a rocha, essa conectada a vegetação, ao sol, a fonte hídrica bem como outros elementos. Tais dinâmicas e contextos configuram-se no que Ingold (2012) chamou de “coisas”. A ideia de coisas, é admitir que nessas materialidades existam conjuntos de memórias, que estruturam e organizam aqueles fenômenos. Sendo que o poder da Arqueologia é identificar como essas relações entre diferentes coisas acontecem. Neste sentido, os seres que compõem os mundos locais estão relacionados entre si. As teorias locais de relacionalidade assumem modos de relação apropriados, bem como entendimentos locais do cosmos. Primeiro que essas não são representações abstratas de um mundo que é oferecido como um espetáculo, como é o caso das teorias acadêmicas. Em vez disso, as teorias da relacionalidade são teorias concretas, referem-se a seres concretos que povoam o mundo local, e são semi-práticos, eles produzem e reproduzem na prática sem a necessidade de mediação linguística (mas também sem a necessidade de excluí-la).

Refletimos que a Arqueologia possibilita em suas vertentes transitar sobre entendimentos diversificados, argumentar em seu arcabouço que o invisível está relacionado ao visível e vice-versa. Para melhor explicação, Ingold (2012) ressalta que pensar na possibilidade de interação entre as “coisas”, resulta em entender que há um processo de interações entre as coisas, até que cheguem aos dias atuais, onde o passado e o presente se misturam. Tais perspectivas se concretizam quando são analisados, por exemplo, os ambientes funerários, pois ao observar a forma de deposição dos esqueletos, o local de enterramento, tipo de vegetação, tipo de sítio, temos elementos que apresentam propriedades de relação capazes de interagir com outros seres que não são necessariamente humanos, e que podem fornecer dados com outros personagens que também fizeram e que continuam fazendo parte daquela

história. Assim, os rituais funerários passam a ser estudados não como algo estático, mas devem ser analisados de acordo com a estrutura social que o criou, observando os fatores que os modificam, sejam eles externos ou internos ambientais ou antrópicos (LIMA *et.al.*, 2022).

Por isso, Rapp Py-Daniel (2015) ressalta que os contextos nos quais as pessoas foram enterradas, os gestos envolvidos no tratamento dos corpos antes, durante e após o sepultamento, as concepções de mundo, as escolhas culturais, os modos de vida, o reconhecimento das identidades individuais e coletivas, as questões de preservação e os ossos, todos são elementos implícitos dentro da perspectiva de análises de sepultamento.

2.6 ARTEFATOS EM CONTEXTOS FUNERÁRIOS

Rapp Py-Daniel (2015) ao abordar os contextos funerários, destaca que eles fornecem elementos chaves para os resultados de pesquisas, pois apresentam indícios de como viviam as sociedades do passado e formas de organizações, seja nas questões de manufaturas dos artefatos ou nas práticas com os mortos.

Seguindo por base as referências que apresentam sítios com remanescentes humanos em contexto no Brasil, alguns artefatos podem ser apresentados como já identificados como cerâmicas, líticos, dentes e ossos humanos e não humanos, material malacológico (manipulado ou não), adornos em diferentes matérias-primas, carvão (geralmente resultado de estruturas de combustão que podem ou não ter cumprido um papel no ritual), trançados, além de animais que também fazem parte de acompanhamento (CASTRO, 2009; CISNEIROS, 2003; COSTA, 2016; MARTIN, 1997; SILVA, 2017, 2013; SILVA, 2005; SANTOS, 2020).

Martin (1997) enfatiza que os materiais arqueológicos são produto da atividade cotidiana das sociedades pretéritas. Cada objeto arqueológico é, de certa forma, um produto tecnológico e é através dele que podemos conhecer o desenvolvimento das sociedades pré-colonial. Estes, na perspectiva Pierciana, são signos, como foi indicado por Preucell (2006).

O pesquisador André Prous (1992) descreve que o historiador procurou estudar as sociedades do passado em diversos aspectos: físico, demográfico, ocupação de território, rituais e outros. Para este autor, os vestígios arqueológicos proporcionam indícios da presença de atividades humanas em determinado local. Neste sentido, Silva (2013) reflete sobre outra importante concepção, acrescentando que quando representados de forma variável, os artefatos devem ser decodificados e interpretados como elementos de comunicação, únicos, cabendo assim ao arqueólogo o papel de identificar tanto as informações neles contidas como nos sepultamentos acerca das práticas humanas de um determinado grupo, e, conseqüentemente, aos indivíduos a que foram associados no momento de sua morte.

Autores como Martin (1997) e Prous (2009) refletem sobre a importância que tem os artefatos para os contextos arqueológicos. “O uso de conchas é observado como matéria-prima empregada na confecção de raspadores, plainas ou mesmo algum tipo de adorno” (PROUS, 2009, p. 372 - 394). Já com relação a pingentes de conta, Martin (1997) relata a presença de “pingentes de conchas de forma quadrada a partir de um tipo de *Cardium edule*, delicadamente trabalhadas” (MARTIN, 1997, p. 221) que foram coletadas no sítio Mirador, em Parelhas, Rio Grande do Norte.

Outra categoria relevante para analisar os contextos, foi a de adornos, estes analisados enquanto suas características morfológicas. A abordagem dos esqueletos humanos e dos adornos presentes em suas sepulturas, visa, segundo Silva (2013), uma compreensão para entendermos o ambiente funerário, estes que servirão como chave para desenvolver a ideia da intencionalidade ou não, das ações exercidas dos vivos sobre os mortos no âmbito funerário. Ainda segundo Silva (2013) “o processo de análise desses acompanhamentos encontrados em contexto funerário segue padrões gerais e específicos conforme o tipo de matéria prima aplicado” (SILVA, 2013, p. 30).

Os artefatos resultantes de trançados vegetais são apresentados pelos trabalhos de Costa (2016) e Costa e Lima (2016), que defendem que as cestarias se destacam dos demais adornos, pois englobam quaisquer objetos feitos artesanalmente a partir de fibra vegetal sem uso de tear ou outro tipo de maquinário, o que as diferencia dos tecidos (*fabrics*). Adovasio (1977) discorre

que estes artefatos junto a outros elementos orgânicos, como fibras, madeiras, couro e sementes, fazem parte da categoria dos artefatos perecíveis (*perishables*) que difere dos artefatos duráveis: sobretudo cerâmicas e líticos. É importante destacar que os trançados são de suma importância, pois segundo esses autores aparecem associados aos enxovais funerários.

Sene (2007) relata, que a cultura material não apenas existe, ela é feita por alguém, é produzida para fazer alguma coisa. Então, ela não reflete passivamente a sociedade, ela cria a sociedade através das ações dos indivíduos. Deste modo, Hodder (1986) aponta que cada objeto arqueológico é produzido por um indivíduo (ou por um grupo deles), não por um sistema social. Neste sentido, Renfrew e Bahn (1993) acrescentam que:

Naturalmente, os acompanhamentos funerários têm um significado social, mas também estão carregados de implicações sobre a maneira pela qual as comunidades que os produziram concebiam sua própria mortalidade, o que é uma parcela importante do mapa cognitivo (RENFREW; BAHN, 1993, p. 394).

Com base nesta percepção, é possível acessar a dimensão simbólica desses grupos através das cestarias. Em diversos sítios arqueológicos são recorrentes enterramentos com indivíduos envoltos em esteiras ou redes, ou mesmo com outros elementos de fibras associados ao enxoval funerário (COSTA, 2016).

O exposto chama atenção para que este tipo de material seja explorado e mantenha a documentação, principalmente para registros. Segundo os autores, o clima acaba influenciando na preservação (COSTA; LIMA, 2016). Além do seu uso no cotidiano dos grupos indígenas, históricos e pré-históricos, “[...] existe ainda uma íntima relação desses objetos com o domínio funerário, uma vez que várias culturas exibem sepultamentos com forros de fibras, trançadas ou não. Em outros casos, o morto é disposto sobre esteiras” (COSTA; LIMA, 2016, p.104).

Para Silva (2013) os artefatos são definidos como objetos móveis produzidos ou modificados pelo homem, variáveis quanto a sua composição, forma e função (nem sempre compreensível. A autora segue enfatizando que:

Os vestígios materiais contextualizados nos rituais funerários permitem observar indicadores sociais (com base na premissa apresentada por Binford em 1971), acrescido à análise desses artefatos enquanto

objetos confeccionados a partir de matérias-primas distintas, além das variáveis que envolvem o esqueleto, sejam na sua forma de deposição ou na própria morfologia (SILVA, 2013, p. 31).

É importante atentar-se que os objetos materiais depositados junto ou próximo ao morto, representavam uma prática socialmente simbólica do vivo para com o morto. A escolha do local do sepultamento, seja em sítios abrigos, próximos a fontes hídricas, protegidos do intemperismo, juntamente com os materiais, foram mecanismos que forneceram informações sobre a dinâmica do comportamento dos vivos sobre os mortos, nos rituais ou não, assim como a compreender o que se tratava ali. Ou seja, este conjunto material em contextos funerários, como já mencionados, vão caracterizar e fornecer subsídios para classificar os espaços como sendo sítios arqueológicos de remanescentes osteológicos humanos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As ferramentas de levantamento de dados e análise do material arqueológico foram se atualizando conforme o desenvolvimento tecnológico, permitindo obter melhores resultados, tanto em atividade de campo quanto em laboratório, isto a partir de metodologias diferenciadas. No entanto, as perspectivas se alinham no sentido de perceber como as variações de abordagens, os diferentes métodos, teorias e técnicas podem propiciar informações, capazes de minimizar perdas dos materiais retirados de campos, e assim, proporcionar diferentes leituras acerca do material evidenciado e recuperado.

Partindo do pressuposto de que uma pesquisa científica precisa seguir metodologias específicas, apresentamos as propostas que nortearam este trabalho. Para tal análise, os métodos aplicados na dissertação têm por base, os adotados na Arqueologia Funerária. Objetivando-se através deste, o enfoque na leitura do ambiente, assim como, a análise descritiva dos sítios Barra e Parque das Pedras, a partir das disposições dos artefatos identificados, bem como, uma sistemática análise de acordo com a posição dos indivíduos em seus contextos, caracterizando enquanto espaço funerário.

Tomando por base o objetivo principal da pesquisa de caracterizar as áreas dos sítios Parque das Pedras e Barra como locais funerários, a partir dos artefatos identificados, e, no caso do primeiro, os esqueletos humanos identificados articulados. Para os dois aspectos, serão aqui detalhadas as principais referências que foram utilizadas para identificação dos artefatos comuns em sítios arqueológicos, e que por tal, estamos identificando-os como parte do ritual. Aos remanescentes articulados, vamos utilizar a Arqueologia Funerária como suporte para descrever a posição de enterramento, a partir de métodos próprios, e, a partir do que é apresentado pela Bioarqueologia em geral identificar os ossos, as ações tafonômicas e a execução do inventário em geral.

As análises dos materiais foram realizadas de acordo com os parâmetros da Arqueologia, ou seja, realizou-se procedimentos analíticos através das características de cada material. Por esta razão optou-se por descrever as linhas gerais desses procedimentos, considerando que uma metodologia é construída

a partir do comportamento de seu objeto de estudo (BECKER, 1997). Deste modo, a metodologia está dividida em etapas em que se inicia pela documental, onde buscou-se relacionar dados de referências bibliográficas que deram suporte e estruturaram teoricamente os temas da presente dissertação. A análise dos materiais em laboratório, a partir do inventário, e observações a partir do contexto dos remanescentes humanos e artefatos caracterizados como acompanhamentos funerários, constituem a segunda parte.

Inicialmente, foi feito o levantamento preliminar sobre os trabalhos realizados no município de Camalaú, destes foram consultados relatórios de campo e laboratório, anais, revistas, boletins informativos, assim como, as publicações realizadas por Carlos Xavier de Azevedo Netto, buscando informações que auxiliassem na elaboração do contexto funerário, assim, realizou-se a revisão bibliográfica através de consultas, intensificando uma detalhada análise nos registros fotográficos realizada em campo.

A escassa bibliografia acerca dos contextos que envolvem remanescentes humanos na região bem como outros contextos arqueológicos, além dos descritos a partir das pesquisas do professor Carlos Xavier e equipe, restringem parte deste trabalho inicial. As pesquisas anteriores realizadas pelos pesquisadores tinham como foco os estudos sobre registro rupestre. Dito isso, se faz necessário ressaltar que as bibliografias existentes para a referida área, Camalaú, pouco contemplam as práticas funerárias. As informações que caracterizam a área dos sítios bem como as informações provenientes das escavações, além da sua estrutura física, sobre a propriedade (se privada ou pública), nomes dos sítios, datas de escavações, pesquisador, coordenadas, equipes responsáveis, dentre outras informações, foram extraídas de relatórios e trabalhos publicados por Azevedo Netto (2007, 2016); Azevedo Netto (*et al.*, 2020); Souza (2020); Catoria (2016); Matos (2015) e de Almeida (1979).

Os procedimentos metodológicos específicos para os contextos osteológicos e abordagens funerárias foram constituídos a partir de referências como Buikstra e Beck (2006); Costa (2016); Duday (2009, 2006, 1999); Martin (1997); Rapp Py-Daniel (2009); Silva (2005, 2006;); Sene (2007); Buikstra e Ubelaker (1994) e Silva (2013).

A segunda etapa da metodologia consistiu na numeração e limpeza criteriosa do material, momento este que recebeu total atenção, principalmente por se tratar de um material antigo, portanto frágil e que traz riquezas de detalhes.

O momento de análise laboratorial, também serviu para anotar as informações de cada objeto nas fichas de identificação, contendo informações como: nome do projeto, nome do sítio, nível da localização do material, coordenadas cartesianas, X, Y e Z e as datas de escavações. Seguem os dois modelos de etiquetas, as antigas e as novas, utilizadas para armazenar informações sobre os materiais (**Figuras 1 e 2**).

Figura 1 - Etiqueta antiga de identificação de material

Sítio: P. Pedras
 Sepultura: Q. 2
 Parte Óssea: Calota crân. conf.
 Nº Peça 122 Data: 06.11
 Resp.: SILV/Thyri

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 2 - Etiqueta atual de identificação de material

Sítio: _____
 Tipo de material: _____
 Setor: _____ Corte: _____
 Coordenadas: X _____ y _____ Z _____
 Pesquisador: _____
 Data: ____/____/____
 Observações: _____

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com relação às etiquetas de identificação² que acompanham o material, além das informações contidas nas tabelas, está posto também o pesquisador responsável, ou seja, quem retirou o material e fez a anotação da peça durante a escavação, e um campo contendo o tópico observações, estas destinadas às informações básicas ou particularidades do referido material.

A terceira etapa, ainda pertencente a laboratório, foi a realização do inventário e o processo de curadoria do material advindo do campo, este formulado com base no modelo de catalogação de Sene (2007). Iniciou-se a catalogação e classificação das categorias. Para esta etapa foi elaborada planilha no programa Excel (**Figura 3**), sendo preenchida individualmente, uma contendo as informações do sítio Barra e a outro do Parque das Pedras. Apresentando informações sobre o local de escavação, com especificação das unidades e níveis, coordenadas, setor, corte, e identificação dos materiais.

A elaboração deste inventário se dá pela necessidade de conhecer detalhadamente os materiais resultantes de ambas as escavações e, a partir daí, separar quais poderiam ser classificados como acompanhamento funerário. Este processo se fundamentou sobretudo em referências já apontadas em trabalhos realizados em contextos funerários ou específico com artefatos neles presentes (COSTA, 2016; COSTA; LIMA, 2016; CISNEIROS, 2005; SILVA, 2002, 2005, 2007; SILVA, 2017, 2013; CASTRO, 2009), uma vez que não necessariamente um artefato é produzido para um contexto deste, mas ele passa a fazer parte em seu momento de deposição.

² Houve a necessidade da criação de novas etiquetas, pois as que existiam, além de serem antigas, já apresentando desgaste, foram preenchidas a lápis, dificultando a visualização de algumas informações.

Quadro 1 - Classificação de artefatos a partir da designação de categorias e subcategorias.

Categorias	Subcategorias
Ósseo Humano	▪ Preservado sem manipulação ▪ Fragmentado sem manipulação ▪ Preservado com manipulação ▪ Fragmentado com manipulação ▪ Queimado ▪ Com presença de pele
Coprólito	▪ Categoria única
Vegetal	▪ Carvão ▪ Corda ▪ Trançado ▪ Sem manipulação
Cabelo	▪ Categoria única
Cerâmica	▪ Fragmento ▪ Inteira
Lítico	▪ Natural ▪ Alteração Antrópica
Sedimento	▪ Inexistente
Conchas	▪ Natural ▪ Alterado
Adorno	▪ Vegetal ▪ Ósseo ▪ Mineral

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O processo descritivo e de limpeza deste material, identificou quais materiais passaram por algum processo transformativo caracterizado como tafonômico. Este que tem como finalidade, identificar e avaliar os processos que os materiais sofreram após o enterramento e que fazem parte das alterações no ambiente, conforme apresentado. Algumas alterações também podem ocorrer após a retirada de campo, ou mesmo no laboratório, principalmente no momento da limpeza e catalogação.

Analisou-se através das imagens, documentação de campo e relatos, quais foram os tipos de tratamento dados ao corpo, pensando nesse tipo do enterramento se primário ou secundário; posição do corpo (decúbito, dorsal,

lateral e ventral ou fletido), características da cova, quanto a forma e profundidade e os acompanhamentos funerários. Realizou-se a análise detalhada de todo material que estava de alguma forma associado aos sepultamentos dos sítios, assim como os restos esqueléticos do Parque das Pedras que estavam em contexto preservado. A análise se deu mediante as observações quanto as posições dos ossos, ao tipo de material encontrado e suas localizações. Deste modo, Silva (2013) apresenta que a identificação da área funerária consiste na percepção quanto à forma que o indivíduo está depositado em sua sepultura, as alterações de coloração do sedimento, elementos associados, informações gerais e específicas do esqueleto.

Para esta ação, as imagens captadas no decorrer das campanhas foram utilizadas, permitindo assim que fossem identificadas as formas de deposição dos remanescentes preservados, bem como a possível associação de acompanhamentos funerários. Outro fator, apontado, é que a coloração do sedimento ou mesmo o local de inserção do indivíduo podem contribuir também para o entendimento sobre aspectos funerários. Tomando por base a leitura “desses corpos” em seus locais originais de enterramento, foram utilizados os princípios da Arqueologia Funerária, que, conforme apresentado, vai auxiliar na leitura tanto do ambiente quanto dos ossos e artefatos.

Foram elaboradas novas identificações para as caixas em que são acondicionados os materiais. As informações nas caixas indicam nomes dos sítios, qual o tipo de material, se são ósseos, lítico ou outros, pois estes formam armazenados de acordo com suas categorias. Foi especificada também a estante em que o material se encontra e o número de ordem das caixas, com o intuito de facilitar o acesso em caso de consultas ao material.

Figura 4 - Etiqueta para identificação de caixa arquivo

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA	
Sítio:	Sítio Barra
Material:	Cerâmica
Estante:	04
Número de Ordem:	12

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para a execução efetiva da limpeza e organização dos materiais em laboratório, foram utilizados equipamentos (**Figura 5**) como: pinces, espátulas de madeira e de aço inox para retirada de sedimento; malha de peneiras para recuperação de pequenos ossos ou artefatos, lupa para analisar a peça; paquímetro e régua, para as medidas e máquina fotográfica, para registrar todo processo.

Figura 5 - Materiais utilizados na etapa de limpeza em laboratório.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

3.1 ANÁLISE DOS ARTEFATOS CARACTERIZADOS COMO ADORNOS E TRANÇADOS

Baseados em trabalhos como os de Silva (2013; 2017), Cisneiros (2019) e Santos (2021) a análise dos adornos enquanto acompanhamento funerário, foi realizada a partir do entendimento das categorias de produção das peças como corte, polimento, perfuração e pinturas, bem como os aspectos morfológicos.

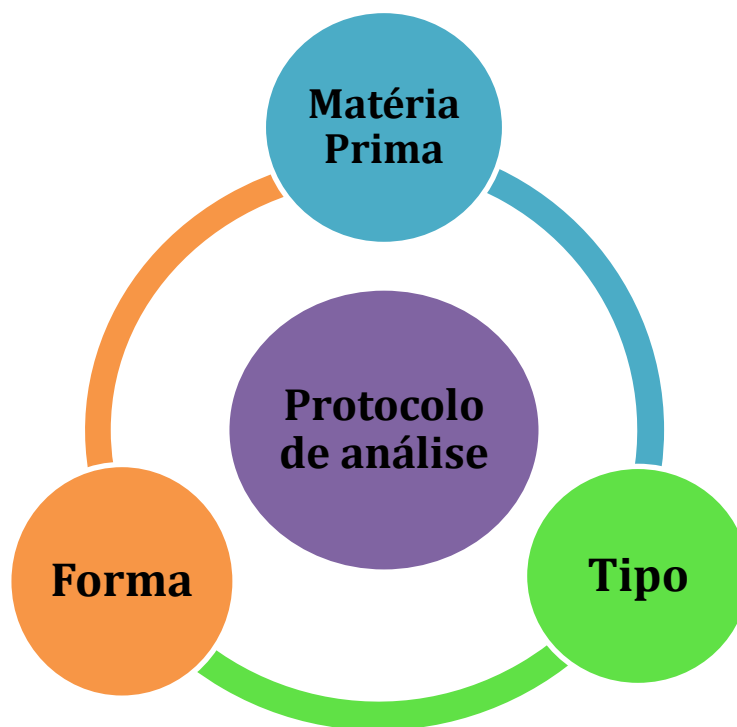
Com base em Silva (2013), as classificações quanto aos adornos ocorrerão considerando os elementos da seguinte forma:

Matéria-Prima - qual o tipo de suporte utilizada para a produção das peças como ossos, dentes, conchas, madeira e semente;

Tipos de Objetos - distintos entre as categorias de contas e pingentes;

Forma - configuração geométrica adotada para a peça como cilindro reto, cilindro seccionado, esférico, elipsoide achatado, coroa circular.

Figura 6 - Protocolo de análise dos adornos

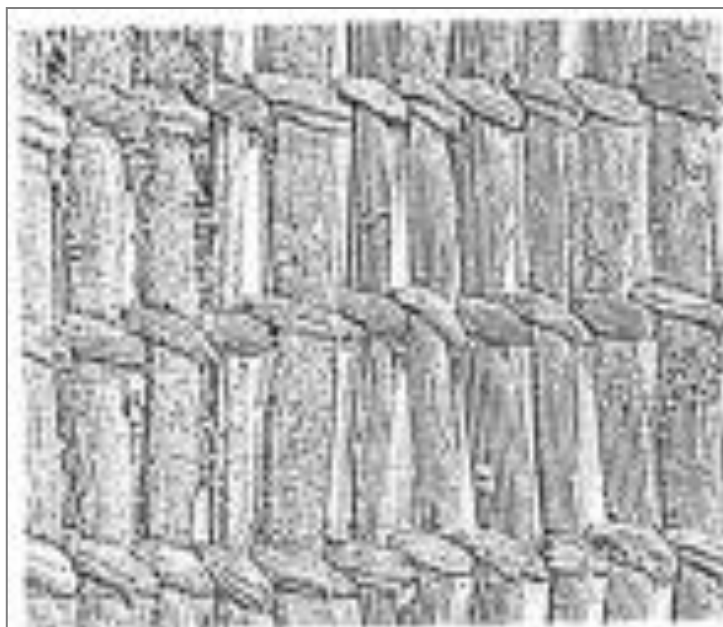


Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quanto ao modelo seguido de análise para os trançados, foi o proposto por Costa e Lima (2016) a metodologia adotada foi através da descrição e classificação dos artefatos de cestaria. Deste modo, os autores seguem enfatizando que todos os objetos confeccionados a partir do entrançamento de

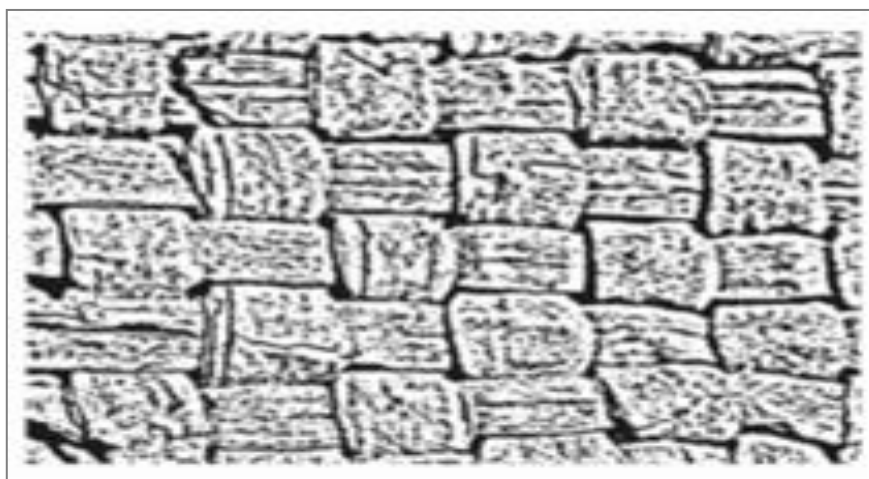
fibras vegetais se agrupam em três técnicas: **torcido** (*twined*), **costurado** (*coiled*) e **cruzado** (*plaited*), deste modo a classificação teve como base a ordenação das classes. As imagens apresentadas por Costa (2016) sobre os modelos do material torcido aberto (**Figura 7**) e cruzado simples (**Figura 8**), ajudam a entender a leitura da técnica de manufatura, seguida de imagens de sítios arqueológicos (**Figuras 9 e 10**) em que o autor propõe o uso das técnicas.

Figura 7 - Material torcido aberto



Fonte: Costa (2016)

Figura 8 - Modelo cruzado simples



Fonte: Costa (2016)

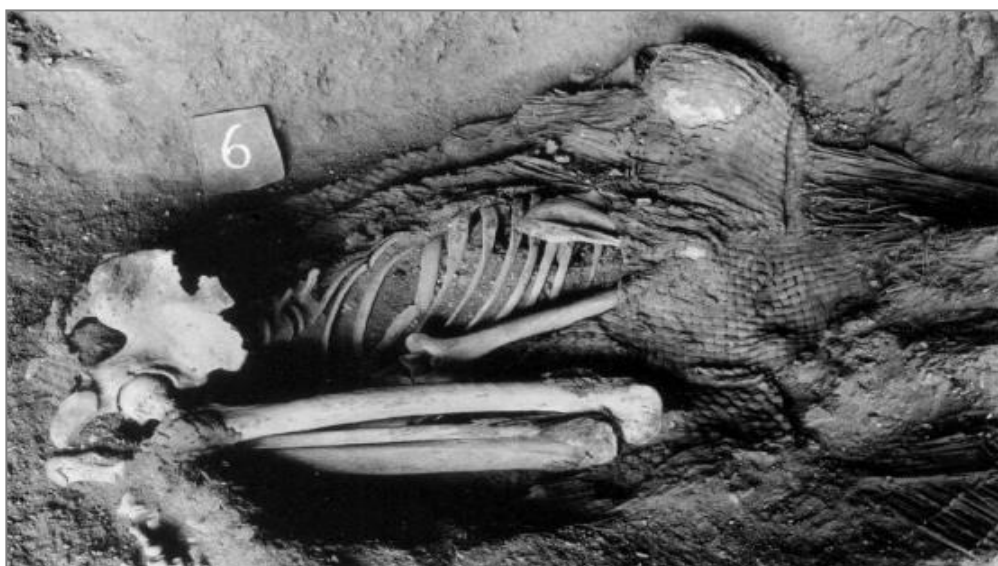
Adovasio (1977) sistematizou os objetos trançados de acordo com a técnica apresentada na porção principal da peça (em cestos chamada de parede ou corpo). A maneira, a forma como as fiadas ou fileiras de tiras de fibra estão dispostas na estrutura da peça, caracterizam a técnica, que pode ser classificada em torcida, cruzada e costurada. Neste trabalho, os métodos apresentados por Costa (2016), Costa e Lima (2016) e Adovasio (1977) foram os adotados para corroborar com a análise das manipulações dos elementos vegetais.

Figura 9 - Material envolto em possível formato de torcido aberto



Fonte: Instituto Anchietano de Pesquisa (Costa, 2016)

Figura 10 - Material envolto em esteira cruzada simples



Fonte: Instituto Anchietano de Pesquisa (Costa, 2016)

De modo geral, o uso de softwares corroborou com leituras e interpretações nesta pesquisa. Sabe-se que novos métodos e técnicas surgem com a chegada da tecnologia, estas podem auxiliar no melhoramento e na identificação dos registros arqueológicos. Para ajudar na identificação de possível pintura nos materiais ósseos, utilizamos softwares como o Dstretch³ que auxiliou no realce de imagens digitais, permitindo a evidenciação de pigmento, em caso de existência de pintura. Lembrando que a presença de pintura é um fato que corrobora para o entendimento tanto de uma prática de secundarização quanto à ação de rituais.

O uso dos softwares possibilitou também melhores informações relativos aos aspectos geográficos e geológicos dos sítios. O objetivo, é permitir que estejam bem representadas tanto as localizações quanto os tipos de rochas e solos. Visto que podem trazer informações importantes sobre os dados dos sítios e da região. A confecção dos mapas teve como principal ferramenta, o QGIS. As coordenadas obtidas foram através do GPS, assim como os vetores e as camadas do solo. Deste modo a metodologia pretende contemplar que os elementos materiais que compõem estes dois sítios, estão classificados enquanto ambiente funerário. O capítulo a seguir, apresenta os sítios de Camalaú, os quais são entendidos enquanto espaço de enterramento. Discorre, sobre a área de estudo e a composição destes sítios.

³ O Dstretch é um plug-in utilizado a partir do software *Imagem J*. Possui técnicas de realce específico ao serem aplicado nas imagens através de um reforço no contraste das cores. Para tanto se utiliza espaços de cores para melhorar a visualização das imagens e dos materiais.

4 OS ABRIGOS FUNERÁRIOS DE CAMALAU

O desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica requer o conhecimento dos contextos arqueológicos e ambientais das áreas pesquisadas, dessa forma se faz necessário trazer dados sobre o ambiente contextual, pois mesmo mediante a todo o emaranhado simbólico representado pelos cerimoniais da morte, há características que permitem inferências sobre a organização social das populações pré-colonial observadas na posição dos corpos nos enterramentos, tipo de cova e acompanhamentos funerários (BINFORD, 1971).

Segundo Sene (2007) é através da cultura material que a Arqueologia possibilita leituras que vão corroborar para reconstruir parte da vida cotidiana das pessoas no passado. Neste sentido, deve ser esclarecido que os objetos de um contexto arqueológico estão intimamente relacionados entre si e possuem um significado independente de seu tamanho, forma ou qualidade. Sene (*op. cit.*) segue afirmando que evidentemente, não se deve considerar o espaço de um sítio arqueológico como um local sagrado onde tudo está exatamente da maneira como foi deixado pelas populações antigas, especialmente em se tratando de sítios com milênios de ocupação (SENE, 2007).

Neste sentido Ingold (2012) enfatiza que os materiais circulam, misturam-se uns aos outros, solidificam-se e se dissolvem na formação de coisas mais ou menos duráveis. Assim, para esta autora, quando a Arqueologia abandona a ideia de ser uma disciplina que somente estuda a cultura material do passado, e passa ver como uma disciplina que estuda as coisas, esta tem condições de identificar como essas relações entre diferentes seres acontecem.

Binford (1965) aborda que o universo que o estudo arqueológico trabalha é de natureza simbólica, pois os ambientes que os grupos humanos habitavam não eram definidos somente em função da sua sobrevivência, pelo contrário, as escolhas desses ambientes eram ideológicas e simbólicas. Portanto, para compreender a intrínseca relação entre o homem e a natureza, que é mediada por uma dimensão simbólica, há que se debruçar no estabelecimento das informações obtidas nas áreas arqueológicas a partir da cultura material (os

artefatos), o estudo da área do assentamento do sítio e a distribuição de ocorrência desses sítios (AZEVEDO NETTO *et al.*, 2007).

Conforme apresentado as evidências acerca do material, as áreas foram levantadas e receberam um novo olhar, este direcionado aos contextos funerários, neste sentido, Silva (2013, p. 51) enfatiza que a evidenciação de material ósseo por si só não representa uma sepultura, é necessário que exista uma intencionalidade envolvendo a inumação, fator esse que possibilita que os sepultamentos sejam utilizados como elementos representativos do comportamento humano. Desta forma, se fez necessário um estudo aprofundado acerca dos artefatos materiais, estes que deram sustentabilidade para considerar os elementos que caracterizam os sítios Barra e Parque das Pedras enquanto áreas funerárias.

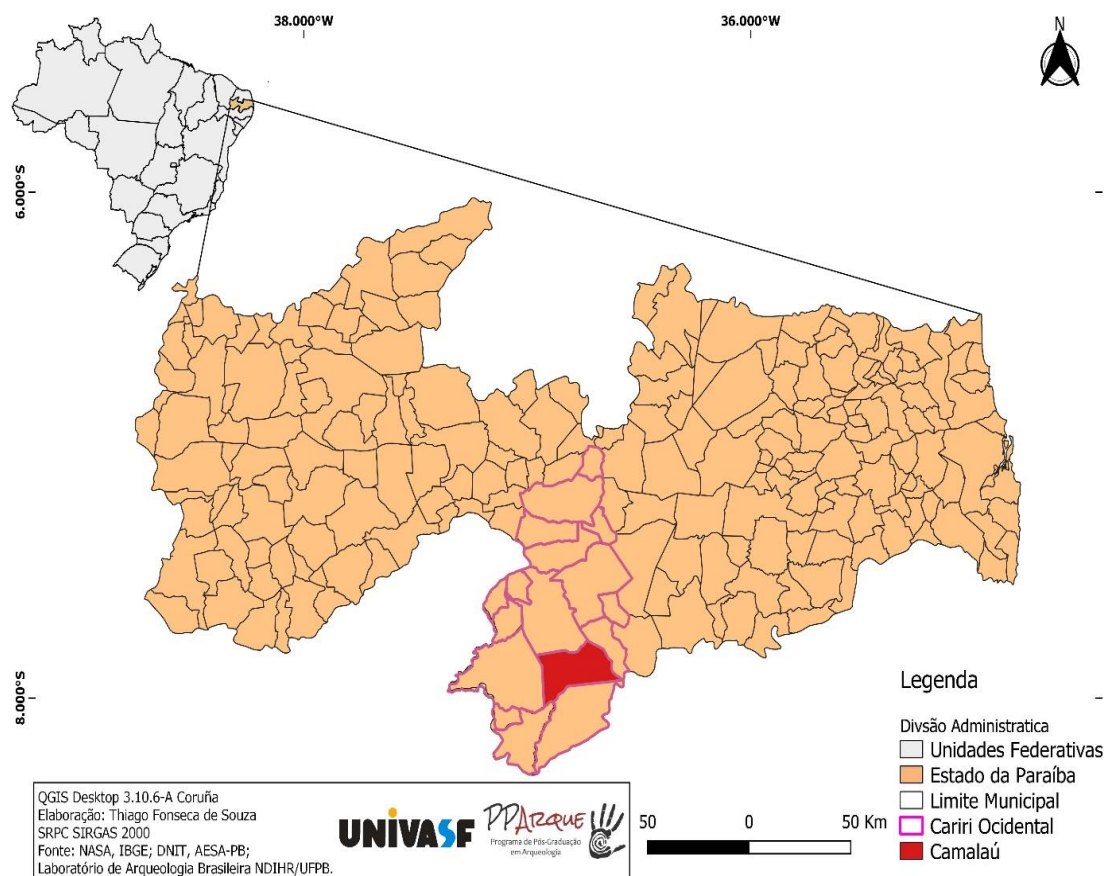
A presença de material arqueológico no cariri paraibano tem sido identificada desde 1979 no trabalho de Ruth Almeida Trindade, conforme apontado na introdução. A autora ressalta que, “estamos conscientes das inúmeras falhas do trabalho, mas acreditamos ter iniciado o estudo da arte rupestre paraibana” (ALMEIDA, 1979, p. 21). O trecho serve como alerta para que se intensifiquem estudos abordando a Arqueologia na Paraíba. Segue enfatizando que os registros petroglifos paraibanos foram os primeiros a serem registrados no Brasil. Importante destacar que os sítios registrados por Trindade, no final da década de 1970, não contemplam os dois sítios abordados neste trabalho.

4.1 A ÁREA DE ESTUDO

Com base nas informações ambientais levantadas, a região de Camalaú é composta por um clima caracterizado por uma temperatura média anual de 26°C e com precipitação pluviométrica em torno dos 600 mm ano, solo rasos e pedregosos, e a vegetação constituída principalmente pela caatinga, apresenta uma área de 603 km² (AZEVEDO NETTO *et al.*, 2019). A região é classificada geograficamente como semiárida, sua geomorfologia conta com serras, rede de drenagem intermitente, sendo o rio Paraíba, o principal da região. A cidade está localizada (**Figura 11**) a 232 km da capital João Pessoa e faz divisa com os

municípios paraibanos de São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Monteiro e Sumé.

Figura 11 - Mapa de Localização da Região da área da pesquisa



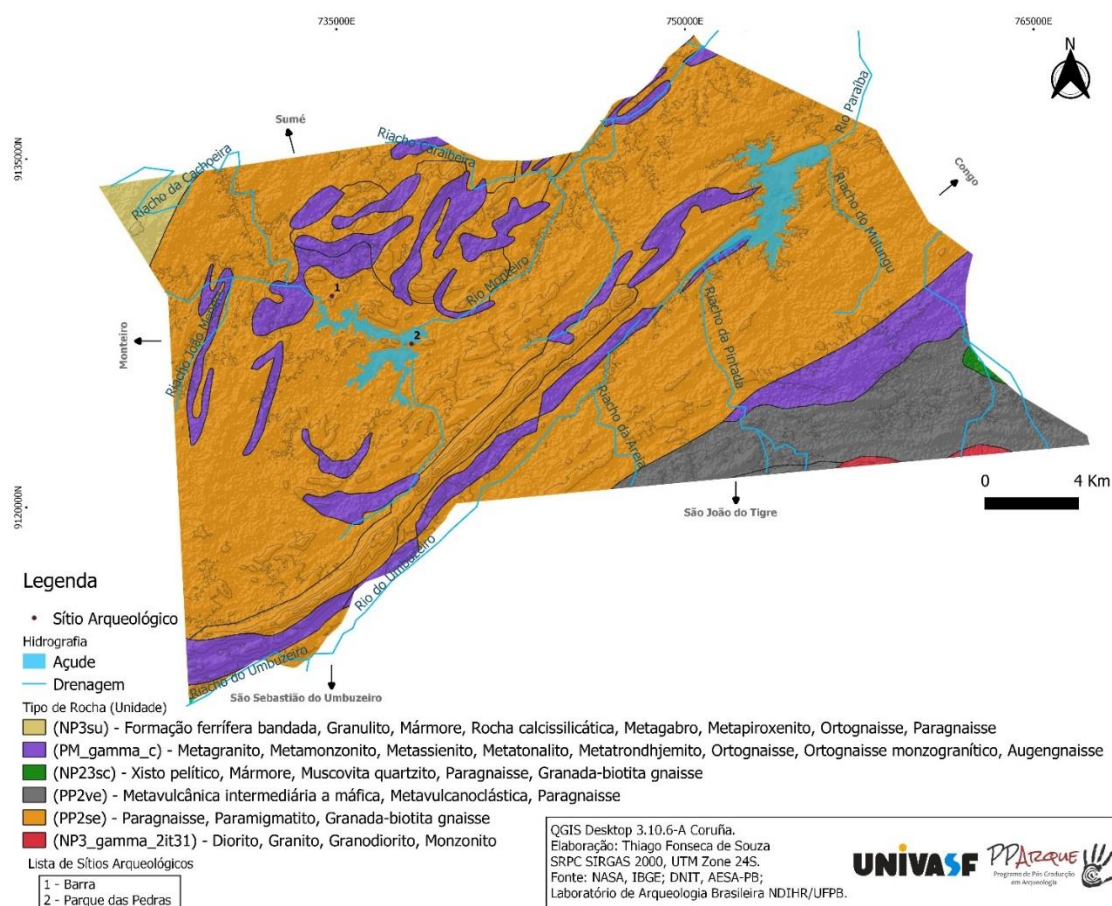
Elaboração: Thiago Fonseca de Souza (2023)

Segundo Azevedo Netto (*et al.*, 2019) o município de Camalaú está submetido às ações naturais (climáticas e geomorfológicas) e antrópicas (desmatamento, desvio/retenção de cursos d'água) que provocam constantes modificações físicas, advindas do intemperismo físico, químico, biológico, dos processos de erosão do solo e deslocamento da rocha matriz (maciço ígneo), alterando o ambiente de maneira significativa, ressalta também, que os sítios arqueológicos estão dispostos em afloramentos rochosos e matacões.

Um outro aspecto que deve ser levado em consideração para compreender as formações rochosas (**Figura 12**) que darão origens aos sítios arqueológicos de sepultamentos, é o geológico, segundo Azevedo Netto (*et al.*, p.187, 2021) os abrigos de rocha são formações naturais e podem ser formados

por afloramentos rochosos, mas também como blocos basculados e superpostos formando cavidades. Deste modo, os afloramentos são ocasionados por processos naturais de erosão do solo ou escorregamentos e deslizamentos da camada superficial, permitindo que haja a exposição da rocha, ou ainda, quando esse afloramento possui um ângulo agudo forma-se o abrigo sob rocha. Assim, os abrigos possuem um espaço aberto onde grupos pré-coloniais ocupavam e faziam usos diversos, visto que vestígios arqueológicos são comumente encontrados, tais como, cerâmica, pinturas, líticos e sepultamentos.

Figura 12 - Mapa de identificação das rochas dos sítios arqueológicos



Elaboração: Thiago Fonseca de Souza (2023)

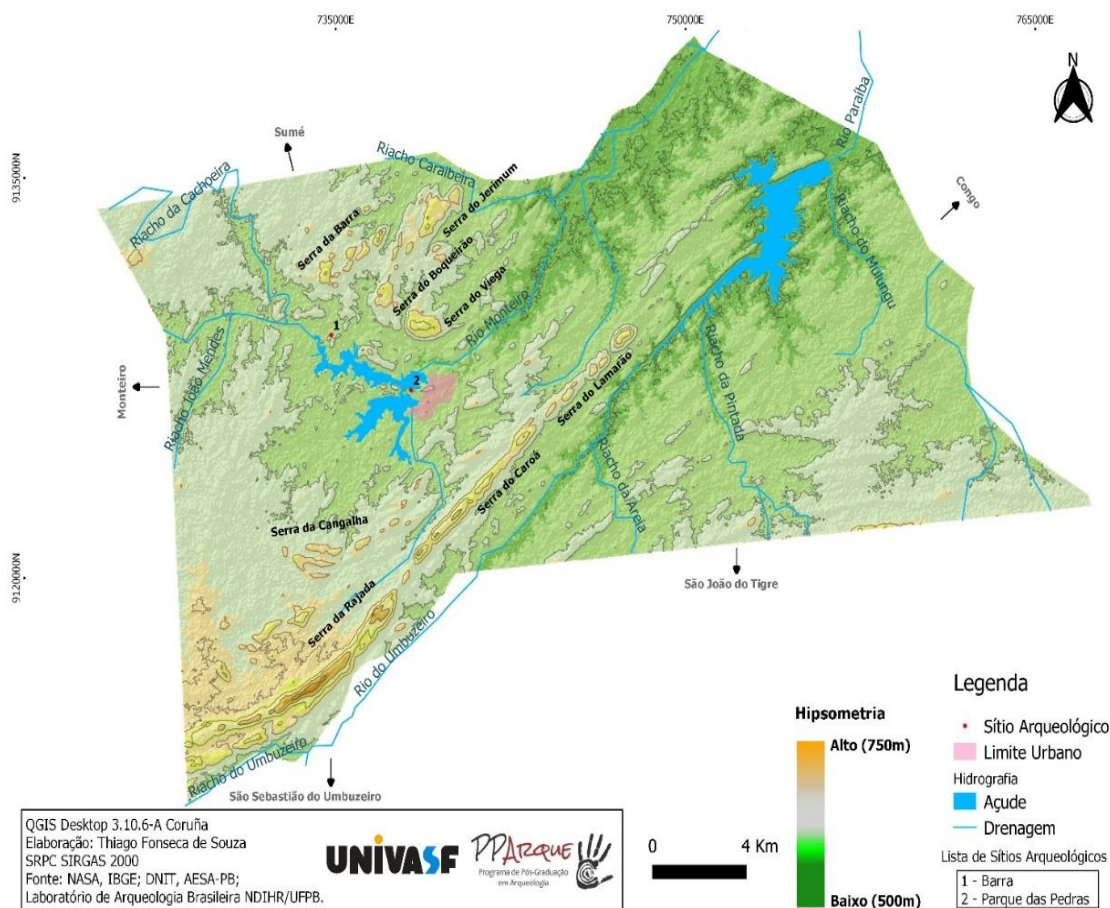
Portanto, a área estudada está inserida na unidade de paisagem proposta, classificada como instáveis, ou seja, como ambientes onde predomina a morfogênese, ambientes em que o transporte do material (solo) é considerado

rápido, devido à baixa concentração vegetal, solos rasos, vertentes com forte processo de dissecação e alta concentração pluvial. Pode-se afirmar ainda que:

Por ser uma área com solos rasos e com pedregulhosos, muitos canais de escoamento superficial são formados nos períodos de chuva, ocasionando processos erosivos a partir de sulcos nas áreas com solo mais espesso (entre 0,10 m até 1,00 m de profundidade) e, também, erosão laminar. Esse tipo de erosão ocasiona a exposição da rocha, devido às camadas menos espessas de solo (até 0,25 m) e estão em áreas com declividade forte ondulada (entre 20 a 45% de declividade da vertente), visto que não há infiltração no solo. Ou, quando há infiltração, essa é com baixa taxa de infiltrabilidade devido à baixa espessura de solo (AZEVEDO NETTO *et al.*, 2021, p. 188).

Os sítios analisados possuem estratigrafia homogênea e estão localizados em altitudes mais elevadas que os demais sítios em que há presença de registros rupestres, estão situados próximos em um complexo de serras, relacionado às redes de drenagens do rio Monteiro. O mapa de hipsometria (**Figura 13**) foi gerada com a utilização do critério de fatiamento de altitudes, bem como as classes de 50 em 50 metros, tendo início em $\cong 400$ m como altitude mais baixa e $\cong 800$ m na altitude mais alta, obtidas pelo modelo SRTM.

Figura 13- Mapa de hipsometria dos sítios arqueológicos



Elaboração: Thiago Fonseca de Souza (2023)

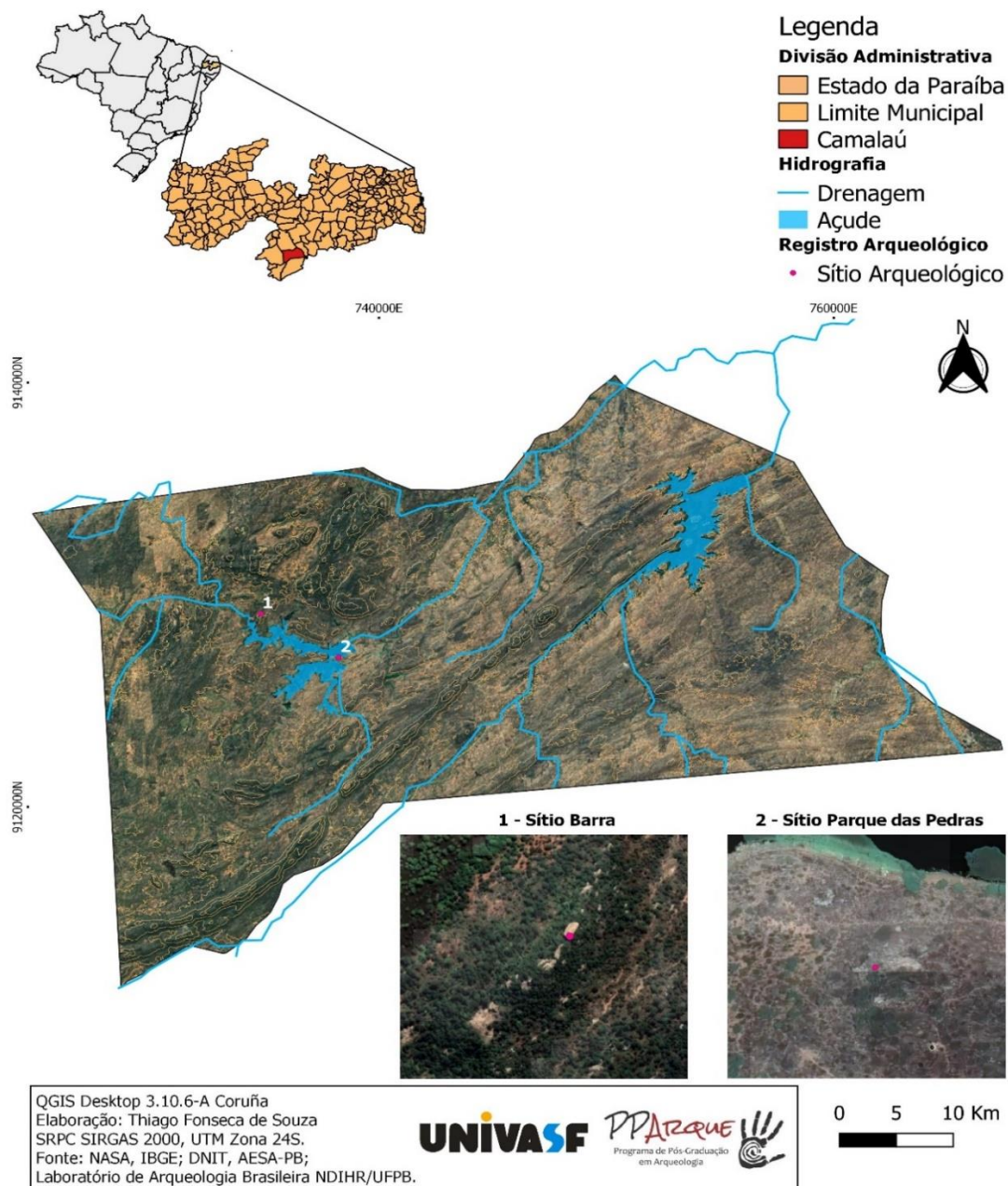
Azevedo Netto (*et al.*, 2021) destaca que os sítios arqueológicos da região de Camalaú em que há presença de pintura Rupestre não são possíveis de escavação, em função da formação de solo raso e com resistência à penetração, percebida nas sondagens. Trata-se, pois, de um solo autóctone, classificado como Neossolo e/ou solo saprolítico (**Figura 14**). Os autores ainda apontam que somente os sítios Barra e Parque das Pedras, até o presente momento apresentaram viabilidade de escavação, por serem sítios de sepultamento, localizados em topo de colina, sob abrigo de rocha. No entanto, existe evidências que nos sítios Matheus e Lamarão, foi identificado fragmentos ósseos e material lítico, ambos apresentam possibilidades de sepultamentos, estes materiais estão em processo de análise, possivelmente serão explorado em trabalhos futuros, pois ainda não obteve-se resultados para avaliações mais precisas.

Figura 14- Mapa de identificação do solo dos sítios arqueológicos

Conforme apontado, a pesquisa até o momento promoveu a identificação e registro de dezesseis sítios arqueológicos, sendo 14 classificados enquanto sítios de grafismo rupestres e os 2 classificados contendo remanescentes osteológicos, trabalhados aqui, ilustrados na **(Figura 15)**. Dentre os sítios contendo pinturas temos: O sítio Beira Rio; Cacimba das Bestas I, II, III, IV, V e VI; Cangalha; Lamarão; Matheus; Pedra da Pintada I e II; Roça Nova; e o Tapuio. Estes sítios foram registrados nas campanhas realizadas em Camalaú no período de 2006 a 2022, pela equipe do Professor Dr. Carlos Xavier ⁴. As atividades desempenhadas ao longo do projeto consistiam no registro documental, fotográfico geral e específico dos painéis, bem como as medições.

⁴ O projeto foi financiado pela universidade Federal da Paraíba, pelo CNPq e contou com parceria da Universidade Federal de Sergipe.

Figura 15- Mapa de localização dos Sítios Barra e Parque das Pedras



Fonte: NDIHR/UFPB; Thiago Fonseca de Souza (2023)

Após a etapa de campo, o modelo seguido para as análises dos grafismos rupestre era o modelo tipológico proposto por Mendonça de Souza (1997), uma vez que a tipologia representa uma peça fundamental na construção das representações, corroborando com o entendimento sobre o que vem a ser e como são representadas cada pintura. Azevedo Netto (2013) enfatiza que a Tipologia é um instrumento analítico, mas não interpretativo. No entendimento de Funari (2003, p. 60), a Tipologia em Arqueologia é essencial para verificar constâncias ou recorrências não casuais que permitem ao arqueólogo reconstruir a mudança dos artefatos com o decorrer do tempo, as transformações nos padrões de consumo, as diferentes ocupações do espaço.

A representação dos grafismos rupestres do Cariri Paraibano, tem sido tema de monografia⁵, dissertação⁶ e tese⁷. A maior parte dos trabalhos é de alunos que integraram o grupo de pesquisa do professor Carlos Xavier, através da Universidade Federal da Paraíba.

A área de Camalaú apresenta um material arqueológico bastante diversificado e emblemático. Soares (2015) discorre acerca da classificação dos sítios enquanto tradição, o autor observa que existem características que correspondente tanto a tradição Nordeste, quanto a tradição Agreste, além dessas, existem pinturas com registros que não se enquadram em nenhuma unidade definida para a região. É comum a presença, também, de motivos com características das duas Tradições, em um mesmo sítio, no mesmo espaço gráfico e apresentando processos de sobreposições gráficas (AZEVEDO NETTO *et al.*, 2007).

Quanto às classificações associadas às formas dos grafismos são identificadas enquanto antropomórficas⁸, zoomórficas⁹ além de figuras geométricas (**quadro 2**). No que tange as representações com características humanas elas aparecem associadas isoladas ou em cenas (é constante a

⁵ Melba Vieira com a Monografia “Eu tive uma intuição”: Um filme etnográfico sobre o trabalho arqueológico no Cariri Ocidental Paraibano” defendida na UFPB em 2021.

⁶ Francisco Matos, com a dissertação de Mestrado “Os antropomorfos no registro rupestre do semiárido paraibano: caracterização das representações na microrregião do cariri ocidental” defendida na UFPE em 2015.

⁷ Thiago Souza, com a Tese de Doutorado “Paisagem arqueológica e pintura rupestre zoomórfica no semiárido do nordeste brasileiro: Ensaio sobre Espaços Persistentes mediante Ocupações Pré-históricas nos altos cursos dos Rios Moxotó e Paraíba” defendida na UFPE em 2020.

⁸ Associadas as representações que possuem formas humanas.

⁹ Associadas as representações que possuem formas de animais.

associação ao ato da caça e práticas comuns como possíveis cenas de copulação) como é perceptível. Também está presente grande quantidade de mãos, adultas e não adultas. As representações em forma de animais aparecem: cervídeos, emas e lagartos. É importante apontar que em alguns sítios a presença ocorre unicamente de imagens geométricas. Sobre as cores, o vermelho é o uso predominante, no entanto temos pinturas em preto, branco, marrom e amarelo.

Quadro 2 - Representações Gráficas dos sítios de Camalaú

Sítio Roça Nova  Representação Antropomórfica, zoomórfica e cenas.	Sítio Beira Rio  Representação de zoomorfos
Sítio Matheus  Representações Geométricas	Sítio Tapuio  Representação de várias mãos

Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2023)

4.2 SÍTIO ARQUEOLÓGICO BARRA

Localizado no município de Camalaú (PB), o sítio foi escavado no ano de 2007 pelo arqueólogo Carlos Xavier de Azevedo e equipe, dista aproximadamente 8km do centro. Sob as coordenadas 7°52'22" E e 36°52'12,5" W, constitui-se em um abrigo sob rocha. Encontra-se dentro de um afloramento rochoso, é de fácil acesso e, com três possíveis entradas. A (**Figura 16**), ilustra o acesso ao sítio, a (**Figura 17**), uma das entradas utilizada pela equipe.

Figura 16- Vista do sítio abrigo Barra



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Figura 17- Entrada de acesso ao sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

As dimensões do salão principal são de 9,0 metros de comprimento por 2,5 metros de larguras e 1,39 metros de altura. O solo é composto por grande quantidade de pedras (**Figura 18**), está disposto sobre declividades de 45% a 75%, altitude correspondente a $\approx 560\text{m}$, altitude esta, superior se comparada aos demais sítios. As evidências são compostas por material ósseo humano, além de alguns ossos calcinados, bem como cinzas, cerâmica, lítico, cestaria e cordoamento e coprólito.

Figura 18- Área do sítio Barra que apresenta características de abrigo e pedras dispostas



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

A ação do vento dentro do abrigo é bastante significativa, como é perceptível na (**Figura 19**). Para Azevedo Netto (et. al., 2021), o sítio configura-se como um túnel de vento, com velocidade de 7 m/s onde a umidade é retirada, proporcionando condições excepcionais de preservação. O exemplo pode ser visto na preservação de cabelos, de cestarias, cordoamentos e de remanescentes ósseos com pele ainda presente.

Figura 19- Parede Interna do sítio e ação do vento



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

O sítio foi encontrado através de relatos de moradores locais, estes indicaram a existência de ossos humanos em superfície dentro do abrigo, (**Figura 20**). Azevedo Netto (2007) relata que no interior do abrigo foi possível observar a ocorrência de restos diretos em superfícies, sobre e entre os matacões de rocha, bem como a pouquíssima profundidade. Azevedo Netto (2007) aponta que foi realizada uma análise do sedimento do sítio, este possui uma granulometria muito fina. Ao promover uma comparação com a composição mineral da rocha que o cobre o abrigo, foi verificado que o sedimento tem origem na rocha da formação.

Figura 20- Interlocutor identificando material ósseo no interior do sítio

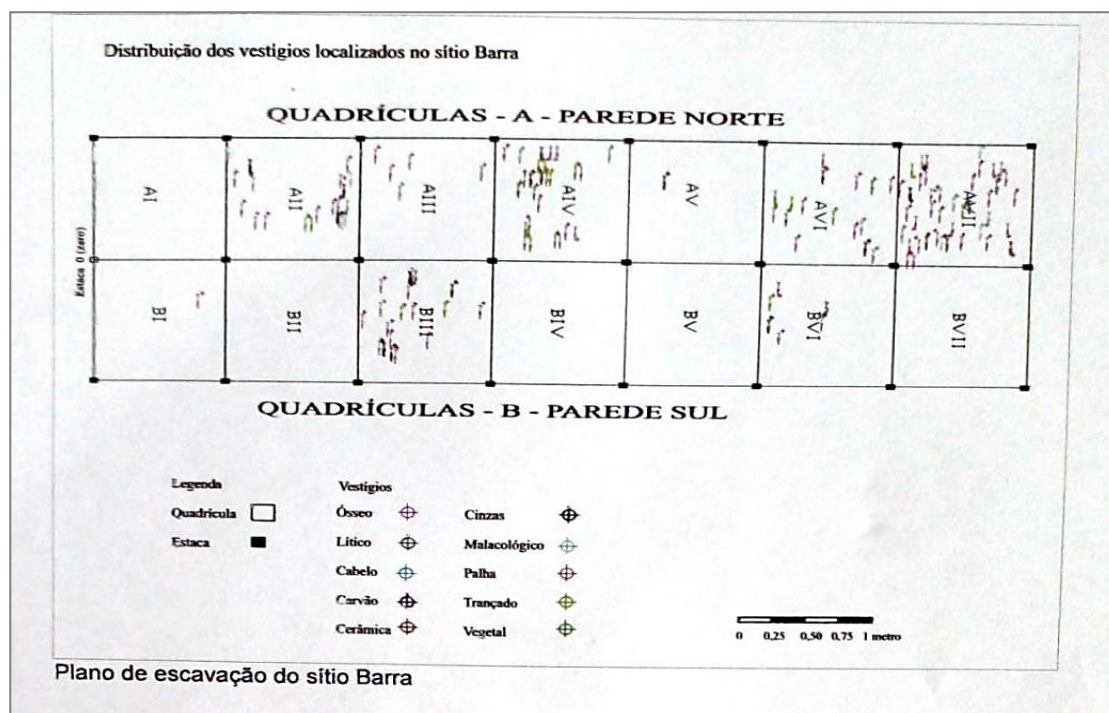


Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

A escavação ocorreu em uma área de 28m², foi realizada conforme plano exposto na (**Figura 21**), identificando as unidades de escavação entre A, as que estavam próximas à parede Norte e B, as da parede Sul. A cada quadrícula foi atribuído um número romano, sendo demarcadas um total de 14 unidades, conforme exposto nas (figuras 21 e 22). As unidades de escavação mediam 1x1 metro, das quais 5 foram trabalhadas, sendo 3 áreas mais perturbadas e 2 preservadas (SPA, 2007). A figura 22) ainda destaca a dispersão de alguns remanescentes ósseos em superfície, vistos entre os fragmentos de rocha

também dispersos. Na figura 23, é possível observar a equipe no momento de escavação.

Figura 21- Plano de escavação do sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 22- Demarcação de unidades de escavação em quadrículas



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 23- Equipe do NDIHR em processo de evidenciação e resgate



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Os materiais orgânicos e artefatos como cerâmica e lítico foram identificados em 9 unidades, considerando que alguns estavam dispersos em superfície, e os demais nas 5 unidades escavadas. A **(Figura 24)** ilustra a dispersão desses artefatos e a diversidade de materiais de origem orgânica que foram preservados no sítio. Reafirmando o sítio enquanto área com baixa profundidade de escavação, a **(Figura 25)** apresenta a estratigrafia identificada.

Este sítio traz uma história emblemática, que envolve o material ósseo e a população local, o padre Jorge Rietveld e alguns moradores de Camalaú, retiraram crânios do sítio. Esta ação de retirada, alterou os possíveis vestígios do contexto arqueológico articulado. A tese de Catoira (2018), que trabalhou na região, apresenta relatos de moradores sobre outras retiradas de ossos do local.

Sobre esta ação, segundo M.M.O (41/M)¹⁰ encontraram ossadas e “teve até um colega que trouxe uma cabeça, deu uma confusão com a polícia, que teve que devolver”. Também foi relatado que o policial alertou que os moradores estavam proibidos de voltarem ao local e realizarem novas retiradas. O material retirado de campo, segundo este interlocutor, corresponde a três crânios e uma machadinha. Este fato ocorreu em meado do ano de 2005 e, desde então, não há registros que documentem este fato ou destino desses ossos e artefato.

Figura 24- Distribuição espacial dos materiais identificados



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

¹⁰ A autora optou por não identificar os interlocutores pelos nomes, usou siglas. O objetivo foi de preservar as identidades. No entanto, confirma que todos os interlocutores autorizaram que usasse os conteúdos das conversas na pesquisa, assim como aceitaram serem fotografados.

Figura 25- Estratigrafia do sítio

Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Até o momento não existem outros registros, além dos relatos, que comprovem o resgate do material ou mesmo que descrevam o que efetivamente foi retirado do sítio Barra. Sabe-se, porém, que não foram identificados crânios no resgate promovido pela equipe do NDIHR/UFPB¹¹.

Considerando a inexistência de maiores informações sobre os materiais removidos do sítio, bem como a perturbação identificada em superfície, não foram identificados contextos funerários preservados que possam corroborar para o entendimento da prática funerária e do uso desse espaço, mesmo sendo possível identificar a disposição de alguns ossos que possam sugerir tal prática. Contudo o que torna esse sítio destacável, é a diversidade e preservação do material orgânico, desta forma o material encontrado fornecerá dados para as análises daquele espaço enquanto funerário. Neste caso, o sítio será trabalhado a partir dos elementos que foram evidenciados e recuperados.

¹¹ Há relatos ainda na região que moradores sugerem que poderiam existir outras áreas de enterramento como o que é apontado por J.D.F. (71/M) que “nesse primeiro local encontrou vários círculos de pedra pela caatinga e, ao cavá-los, encontrou apenas carvão”. Ele segue afirmando qual seria o significado daqueles materiais “aquilo eram sepulturas, onde os índios deviam queimar os corpos, e que não devia sobrar nada, porque ele apenas encontrou carvão”.

A presença expressiva de material vegetal, com base em Costa (2016), traz significativa reflexão acerca da conservação destes materiais. O autor, tece crítica as afirmações de que as pesquisas com cestarias, por exemplo, são pouco expressivas no Brasil, e principalmente quando associam tais afirmações ao clima Nordestino, de que o clima nesta região não é propício para a preservação deste tipo de matéria. No entanto está afirmação, quanto ao clima, não é determinante para afirmar que não existe material conservado no Nordeste, para melhor entendimento, foi realizado um estudo experimental por Costa (*et al.*, 2021) acerca da preservação *in situ* de artefatos trançados de fibras vegetais, onde os autores refletem que regiões que apresentam o solo mais quente, ou que talvez não esteja enquadrado enquanto um clima favorável para preservação de material como cestarias, mesmo assim, apresentam em seus acervos este tipo de material, em sua maioria preservado, como é o caso de Pernambuco e Paraíba. Os autores argumentam que:

Os manuais de arqueologia brasileiros ao mesmo tempo em que consagram o axioma de que tais materiais dificilmente se conservaram em ambientes tropicais, como o brasileiro, num ligeiro paradoxo, mencionam vários acervos que foram coletados em diferentes partes do país. (COSTA, R.L.; *et al.*, 2021).

Para os autores, é necessário avaliar o que de fato estaria ligado às dificuldades de preservação do solo, além de fenômenos como acidez dos solos tropicais. Enfatizam que as coleções de trançados resgatadas em território nacional foram provenientes de diferentes matrizes, por exemplo: abrigos sob rocha de natureza granítica (LIMA, 1986), calcária (DIAS JUNIOR, 1993; VIALOU, 2005) e até mesmo arenítica (GUIDON *et al.*, 2019.), dessa maneira protegidos da chuva, ou em sambaquis, em contato direto e constante com água (BANDEIRA *et al.*, 2009). Deste modo, os estudos dos materiais arqueológicos do sítio Barra, é de grande contribuição para o entendimento da preservação dos materiais, assim como para a composição do material pertencente a ritual funerário.

4.3 SÍTIO ARQUEOLÓGICO PARQUE DAS PEDRAS

Escavado de igual forma pelo arqueólogo Azevedo Xavier e equipe, entre 2008 e 2019, o sítio também está situado no município de Camalaú (PB) e corresponde a um abrigo. Localizado em uma vertente de altitude de 460 metros, possui coordenadas 73 82'28" E e 912 70'50" N. A declividade para este sítio é a mesma referida ao Barra, ou seja, de 45% a 75%. O sítio é de fácil acesso (**Figura 26**) e com vegetação marcante, típica da caatinga, e tem uma proximidade na lateral com o Rio Monteiro (**Figura 27**).

Figura 26- Acesso ao sítio Parque das Pedras



Fonte: Jaciara Andrade (2015).

Figura 27- Vista do Rio Monteiro da entrada do abrigo em 2015



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

No sítio Parque das Pedras, foram realizadas quatro escavações em distintas campanhas, feita a recuperação de artefatos e exumação de esqueletos completos, mas também bastante fragmentada. De acordo com relatos orais de Francisco Matos, membro da equipe, a proposta de escavar, se deu pelo interesse de seu João de Deus, proprietário da terra onde está inserido o sítio, este havia buscado informações e revelado para o professor, Carlos Xavier, que ele mesmo (proprietário), andando pelo sítio, havia encontrado osso humano em superfície. Desde então, a equipe tem realizado escavações. As etapas de escavação se deram de forma sistematizada, partindo de metodologias de escavações com delimitação de unidades de escavação em forma de quadrículas (**Figuras 28 e 29**), para que fossem iniciadas as atividades de delimitação e medidas do espaço para posterior limpeza e escavação.

É importante salientar que o abrigo possui uma área reduzida (**Figura 30**), o local serve constantemente como abrigo de animais, promovendo assim um acúmulo de fezes que cobriam a superfície, e foram identificadas até as primeiras camadas de decapagem. Também foram identificados em superfície fragmentos de rocha caracterizados como o deslocamento do abrigo.

As atividades prosseguiram ao passo em que o formato do material se apresentava, sendo realizadas por níveis artificiais, com a medida de profundidade relativa ao nível onde estava o objeto escavado. Ao localizar o material arqueológico, era realizado o procedimento de medição, seguindo as coordenadas cartesianas quanto à localização e profundidade. Após a retirada e identificação do material, era preenchida uma ficha, contendo informações como, numeração individual, setor/corte, datas, siglas, coordenadas e natureza, esta última seria o tipo de material, além do material do solo.

O solo do Parque das Pedras, assim como o Barra, apresenta pouca profundidade da camada, cerca de 0,85m, sem haver alteração na estratigrafia natural. Para indicar a profundidade geral das unidades e do sítio, foi realizado um levantamento altimétrico da superfície para ver a distribuição das áreas de escavação e identificação do ponto zero (PZ) de referência das setorizações da superfície do sítio. As nomenclaturas seguem a alfanumérica entre unidade (1,2, 2B, 3, 3B, 4,5, e 6).

Figura 28- Nivelamento para estabelecer unidades de escavação



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Figura 29 - Unidades definidas na campanha de 2015



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Figura 30 - Área do Abrigo com deposição de rocha em superfície



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

A cada etapa do processo de escavação eram realizados os registros fotográficos, contendo fotos dos sepultamentos, e de todos os detalhes do contexto, inclusive no momento da retirada. Para o processo fotográfico utilizou-se a escala, que tem como função as noções das medidas (tamanho). As fotografias facilitaram no entendimento acerca do registro de sepultamento e todo processo tafonômico.

As campanhas realizadas em 2018 e 2019 (**Figuras 31 e 32**) cumpriram o objetivo de dar continuidade à escavação e resgate do material, permitindo compreender melhor o contexto do sítio. Essas escavações conseguiram atingir níveis de escavação mais profundos, identificando assim material mais preservado, com menor perturbação, se comparado com as camadas anteriores, resultando assim em informações mais precisas sobre os enterramentos.

O sítio Parque das Pedras chama atenção, pela quantidade de material ósseo evidenciado até o momento, bem como, os adornos encontrados nos indivíduos. Seguem imagens que ilustram a realização das atividades de escavação em diferentes campanhas.

Figura 31- Equipe em campo na campanha de 2018



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2018)

Figura 32 - Equipe em atividade na campanha de 2019



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2019)

Ao fato da dispersão e perturbação do material arqueológico, Catoira (2016) traz uma importante reflexão acerca dos projetos de Azevedo Netto para

Camalaú, enfatizando que os projetos e estudos arqueológicos na região do Cariri devem continuar sendo frutos de futuras pesquisas, principalmente levando em consideração os tipos de materiais encontrados na região até o momento. Precisa-se de pesquisas sistemáticas, desta forma, é importante ter o conhecimento destes materiais registrados e documentados.

5 RESULTADOS

Para Souza (2010) os contextos funerários correspondem à cultura material que é produzida pelas práticas funerárias, não somente através do túmulo, mas, também do material utilizado para produzi-lo. Os contextos funerários são compreendidos nesta dissertação, como o agrupamento de elementos acerca do indivíduo, os vestígios materiais associados e o espaço escolhido como sepultura. Deste modo, o capítulo a seguir está dividido em três partes, sendo estas, atividades em laboratório, análise da composição funerária e análise dos ambientais dos sítios, a partir do material identificado. Tendo como intuito, facilitar a compreensão dos resultados das análises, os materiais serão apresentados de acordo com suas categorias, assim, como cada sítio.

5.1 ATIVIDADES EM LABORATÓRIO

Para esta etapa, utilizou-se referências bibliográficas de apoio específico. Em seguida, realizou-se a limpeza, catalogação, análise, inventário e acondicionamento de todo material advindo do campo, tendo como base as características de cada material, apresentando os métodos utilizados. As **(Figuras 33, 34 e 35)** seguem para ilustrar o momento da limpeza e separação do material após procedimentos no laboratório.

Figura 33- Material em processo de peneiramento



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 34- Material em processo de limpeza e catalogação



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 35- Material pós processo de limpeza



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Diversas etapas executadas ao trabalhar com material ósseo humano podem provocar marcas ou quebras, deste modo, o processo tafonômico observado em laboratório, consistiu na observação quanto aos fatores que alteraram o material ósseo posterior ao momento de morte do indivíduo. As marcas *post mortem*, são diferentes daquelas observadas em vida. Após o processo de limpeza do material em laboratório, observou-se a quebra do material ósseo, apresentado nas (**Figuras 36 e 37**), fato esse, que contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa e entendimento de como as alterações podem ocorrer.

Figura 36- Momento da quebra do material osso



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 37- Fragmento de osso



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As alterações do material ósseo, resultantes de quebra, podem provocar perda de informações provenientes dos ossos, tais como, patologias e outras alterações *post mortem*. É importante ressaltar que a etapa de limpeza e catalogação pode ser uma fase que provoque novas alterações no material, como é apontado por Silva (2013), em que a autora afirma, que na fase de análise em laboratório também pode apresentar uma perda de material,

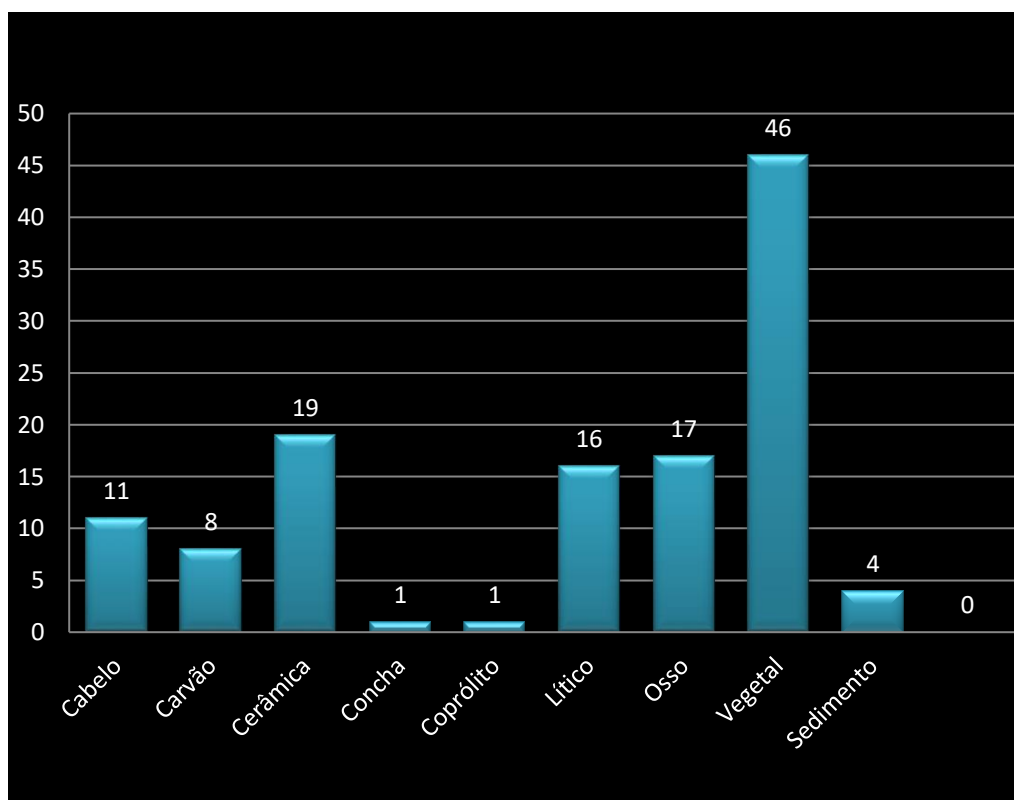
sobretudo na fase de limpeza, acrescentando ainda, que é importante manter o registro escrito e fotográfico de cada peça.

- Inventário de Material Arqueológico

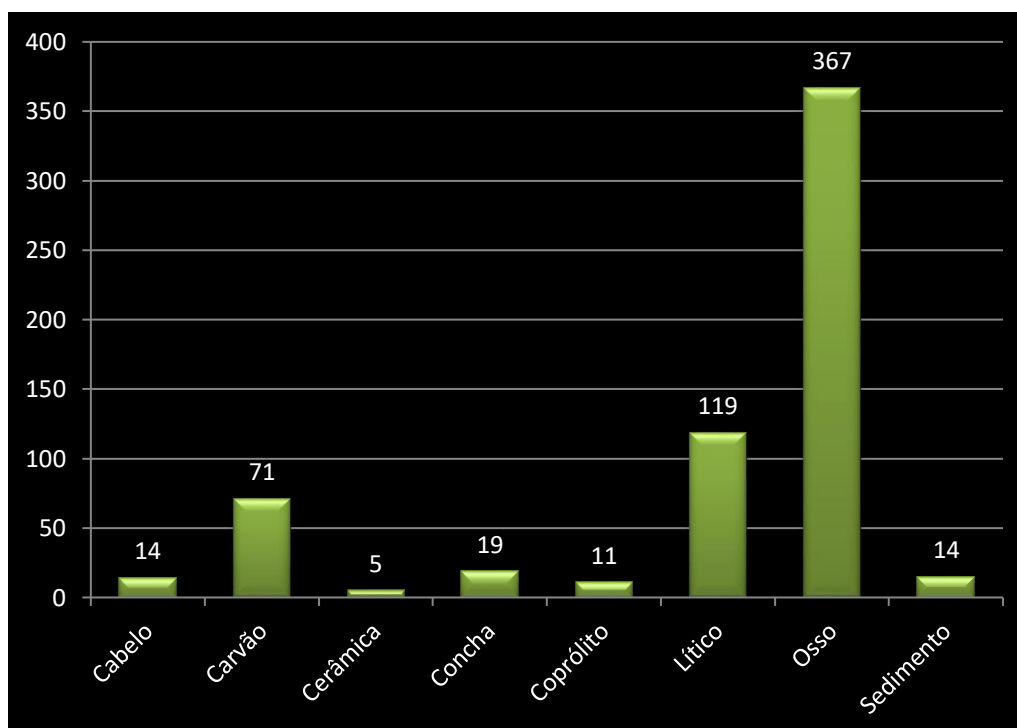
Inventariar o material arqueológico é uma etapa indispensável para entender a composição dos artefatos do sítio e poder caracterizar como acompanhamento funerário. É importante ressaltar, que a etapa do processo de catalogação também ocorreu no laboratório NDIHR. As informações estão compiladas de forma descritiva sobre a natureza da peça, data de escavação, níveis e coordenadas. As fichas do inventário estão armazenadas no computador deste laboratório, contendo dados detalhadas do momento da catalogação.

Os materiais estão apresentados conforme suas categorias, com base no exposto no quadro 1 (ver página 47). Por se tratar de materiais de natureza distintas, optou-se por contá-los a partir das etiquetas. Os resultados contabilizados e registrados para o sítio Barra, resultaram em um total de 123 etiquetas, dentre eles, material ósseo, cabelo, carvão, cerâmica, lítico, coprólito e restos vegetais manipulados. Os materiais estão especificados quanto a quantidade e a natureza no (gráfico 1). Para o sítio Parque das Pedras, foram identificados ossos, carvão, cabelo, cerâmica e lítico, concha, coprólito, contas e amostras de sedimento. O registro de contagem foi de 620 etiquetas, e está ilustrado no (gráfico 2).

É importante ressaltar também, que este inventário, ocorreu apenas no material depositado no NDIHR. Em função da parceria entre o laboratório da UFPB e o Laboratório de Bioarqueologia da UFS (LABIARQ), alguns materiais encontram-se em Sergipe, em processo de análise, assim como, para outras pesquisas, e não puderam ser incluídos aqui.

Gráfico 1- Representação de materiais do sítio Barra

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Gráfico 2- Representação de materiais do sítio Parque das Pedras

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O processo de catalogação e inventário, também vai possibilitar que a permanência da documentação material seja preservada, pois além de manter esse material protegido das ações antrópicas e ambientais, estará registrado e exposto no laboratório, e servirá como fonte para novos estudos. As tabelas 1 e 2 apresentam um recorte das tabelas (ver tabelas gerais nos apêndices 1 e 2) que foram preenchidas para controle final dos materiais, proporcionando preservação dos dados e a possibilidade de acesso a outros pesquisadores.

Tabela 1- Catalogação de materiais do sítio Barra.

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA				
	NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL				
	Sítio Barra - Responsável Silvana Moreira				
SETOR/CORTE	DATA	COORDENADAS	NATUREZA	SIGLA	OBSERVAÇÃO
A II	21/11/2007	X= 53; Y= 35; Z= 36	Ósseo		
A II	24/11/2007	Z= 38	Trançado/cabelo		
A II	24/11/2007	z= 35	Ósseo/Cabelo		
A III		Superfície	Palha		
A IV	25/11/2007	Superfície	Palha		
A IV	27/01/2008	X= 30; Y= 26,5; Z= 30	Palha		
A IV	27/01/2008	X= 83; Y= 36; Z= 26	Cabelo/Trançado		
A II	27/01/2008	Superfície	Carvão		
A II	30/06/2008	X= 38; Y= 87; Z= 41	Lítico	BR SEIXO 01	
A III	30/06/2008	X= 62; Y=32; Z= 29	Lítico	BR QZLI 02	
A IV	24/01/2007	X= 91; Y= 33; Z= 28	Trançado		
A IV	24/01/2007	X= 80; Y= 97; Z= 32	Trançado		
A IV	24/01/2007	X= 46; Y= 55; Z= 34	Trançado		
A IV	24/01/2007	X= 30; Y= 10; Z= 35	Trançado		
A IV	24/01/2007	peneira	Trançado		
A IV	21/11/2007	X= 81; Y= 80; Z= 26	Ósseo		
A IV	21/11/2007	X= 53; Y= 35; Z= 36	Ósseo		
A IV	24/11/2007	X=74; Y= 43; Z= 32	Fibra		
A IV	24/11/2007	X=74; Y= 34; Z= 33	Fibra		
A IV	25/11/2007	Superfície	Ósseo		
A IV	25/11/2007	Superfície	Palha		
A IV	27/11/2007		Natural		
A IV		X= 42; Y= 10; Z= 30	Palha		
A IV		X= 57; Y= 35; Z= 36	Palha		
A IV		X= 92; Y= 10; Z= 30	Cabelo		
A IV	25/01/2008	superfície	Cropólito		
A IV	27/01/2008	Superfície	Carvão		
A IV	27/01/2008	Z= 30	Vegetal		Malacológico
A IV	27/01/2008	X= 71; Y= 83; Z= 21	Pena		
A IV	26/01/2008	Superfície	Carvão		
A IV	26/01/2008	Superfície	Ósseo		Ósso queimado
A IV	26/01/2008	Superfície	Ósseo		
A IV	26/01/2008	Superfície	Ósseo		
A IV	26/01/2008	X= 80; Y= 62; Z= 39	Ósseo		
A IV	26/01/2008	X= 80; Y= 62; Z= 39	Sedimento		
A IV	26/01/2008	X= 30; Y= 26,5; Z= 10	Ósseo		
A IV	26/01/2008	X= 30; Y= 26,5; Z= 10	Ósseo/Pele		
A IV	26/01/2008	X= 73; Y= 23; Z= 26	Ósseo		
A IV	27/01/2008	X= 74; Y= 34; Z= 33	Ósseo		
A IV	27/01/2008	peneira	Ósseo		
A IV	27/01/2008	X= 36; Y= 26; Z= 35	Ósseo		mandibula
A IV	27/01/2008	X= 36; Y= 26; Z= 35	Ósseo		Ósso queimado
A IV	27/01/2008	X= 21; Y= 26; Z= 30	Ósseo		Ósso queimado
A IV	27/01/2008	X= 46; Y= 55; Z= 34	Corda		
A IX	02/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 31	Cerâmica	PB-CL-SB	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Tabela 2- Catalogação de materiais do sítio Parque das Pedras.

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira				
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
1		X= 55 Y= 190 Z= 42	30/07/2018	ósseo
1		X= 73	30/07/2018	ósseo
1	4	avulso	30/07/2018	ósseo
1	5	avulso	30/07/2018	lítico
1	5	avulso	30/07/2018	ósseo
1	5	avulso	30/07/2018	ósseo humano/ animal e carvão
1	6	avulso	30/07/2018	lítico
1	4	peneira	30/07/2018	ósseo
1	6	peneira	30/07/2018	ósseo
1	5	peneira	30/07/2018	lítico
1	5	peneira	30/07/2018	ósseo
1	5	peneira	30/07/2018	cerâmica
1	5	peneira	30/07/2018	ósseo
1	5	peneira	30/07/2018	ósseo
1	5	avulso	30/07/2018	ósseo
	2	10 cm	30/07/2018	sedimento
1	2	peneira	30/07/2018	ósseo
1		X= 27 Y= 122 Z 44	30/07/2018	ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	ósseo
1		X= 44 Y= 102 Z= 42	30/07/2018	ósseo
1		X= 63 Y=74= Z= 38	30/07/2018	ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	lítico
1	3	avulso	30/07/2018	lítico
1		X= 65 Y= 102 Z= 39	30/07/2018	ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	ósseo
1		X= 82 Y= 140 Z= 42	30/07/2018	lítico
1		X= 68 Y= 147 Z= 48	30/07/2018	ósseo
1		X= 46 Y=134 Z= 54	30/07/2018	ósseo
1		X= 49 Y= 110 Z= 52	30/07/2018	ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	lítico
1	5	avulso	30/07/2018	lítico
1		X= 31 Y= 117 Z=50	30/07/2018	lítico
1		X= 88 Y= 78 Z= 42	30/07/2018	ósseo
1	4	avulso	30/07/2018	ósseo
1	1	peneira	30/07/2018	ósseo
1		X= 68 Y=144 Z=46	30/07/2018	carvão
1	6	peneira	30/07/2018	ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	lítico
1		X= 54 Y= 86 Z= 51	30/07/2018	ósseo
1		X= 40 Y= 93 Z= 50	30/07/2018	ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	ósseo

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

5.2 COMPOSIÇÃO FUNERÁRIA DO SÍTIO BARRA

O sítio Barra sofreu perturbações antrópicas e natural, o que ocasionou em perda e realocação do material arqueológico, deste modo, surgiu dificuldades de se obter resultados mais específicos devido as ações de manipulações, principalmente humana, assim, impossibilitando a análise quanto ao contexto dos enterramentos preservados. Importante destacar que o material encontrado neste sítio é significativo devido às condições em que se apresentava quanto a quantidade e conservação.

- Sobre as evidências: Remanescentes Humanos e Material Vegetal

O Barra apresentou materiais distribuídos nas categorias gerais, expostos no tópico de inventário. Este espaço apresenta algumas categorias específicas selecionadas que são utilizadas para auxiliar ao entendimento do espaço enquanto ambiente funerário.

O material ósseo humano identificado no sítio Barra, apresentou as subcategorias de: **preservado e fragmentado sem manipulação; queimado e com presença de pele**. Ainda em relação aos remanescentes humanos, **cabelo e pele** foram observados em 4 unidades. Importante destacar que evidenciamos um total de 11 etiquetas contendo cabelos, dessas onze, quatro, apresentam material associado ao cabelo, dentre eles, material trançados, fibra e palhas. O sítio Barra configura-se como um túnel de vento, proporcionando a preservação do material, segue (**Figura 38**) do material ósseo ainda preservado.

Figura 38- Ossos humanos dispostos no sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 39- Material ósseo com pele, sítio Barra



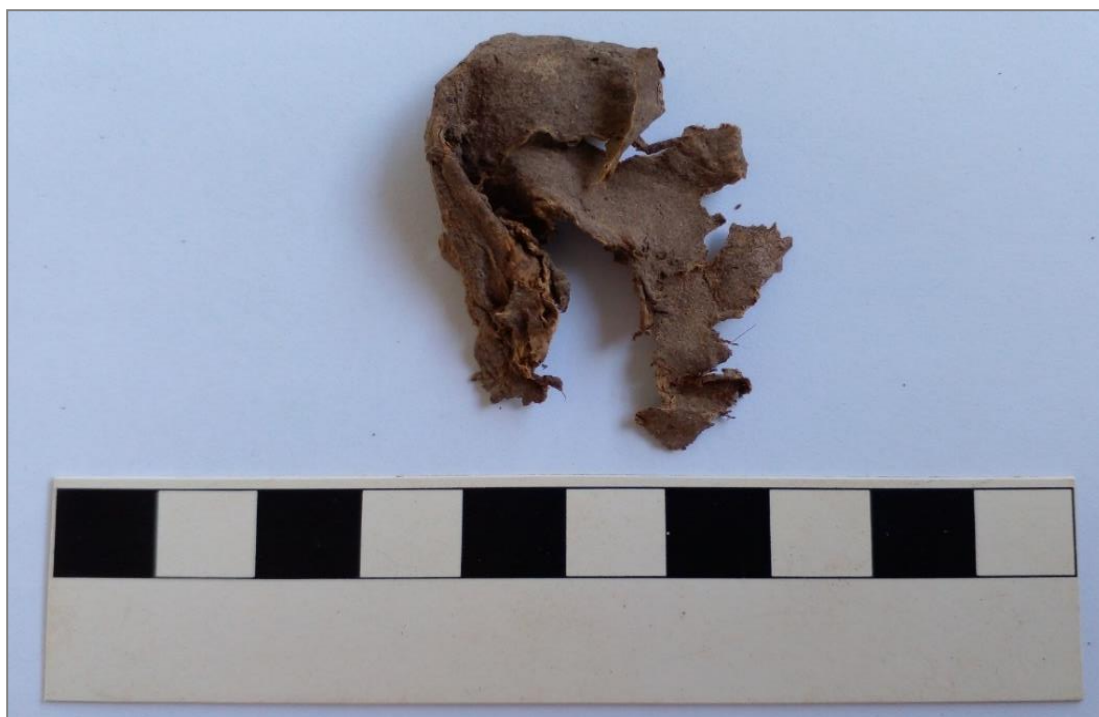
Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 40- Falange com restos de pele, sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 41- Pele encontrada no sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O sítio Barra apresentou uma grande quantidade de osso queimado e carvão vegetal. Cisneiros (2003) enfatiza que ao trabalhar a cultura material associada aos enterramentos, distinguem-se quatro tipos de elementos:

acompanhamentos, adornos, artefatos associados e fogueiras. Assim, considera-se os ossos queimados como possível cremação, no entanto esta informação não pode ser concreta devido a perturbação do material. Havia ossos que estavam bastante queimados e com coloração acinzentada, e ossos parcialmente queimados. Em geral os ossos queimados apresentaram-se fragmentados, característica comum quando são submetidos ao calor.

Figura 42- Cabelo envolvido com restos de material vegetal trançado



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 43- Cabelo com trançado e fibras



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 44- Ossos com indicação de queima, sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os materiais inseridos na categoria de **vegetal** apresentaram as subcategorias de **carvão, sem manipulação (fibra, coquinho, palha, vegetal), corda, trançado**. Sobre a presença significativa de carvão no sítio Barra, Cisneiros (2003, p. 126) diz que “alguns grupos indígenas, entre eles os Krahô, acendem uma fogueira após o ritual funerário para afugentar os animais – sobretudo quatis – e iluminar o caminho do morto”. Este é um fato levantado que pode auxiliar interpretação sobre o sítio, mas, tratando-se de um abrigo, a presença de carvão pode ocorrer pela produção de estruturas de combustão sem que estejam associadas ao ritual. De toda forma, a presença de ossos cremados, como exposto, não excluem que o processo possa ter ocorrido no próprio local, corroborando assim para a presença significativa de carvão.

Os materiais sem manipulação como coquinho, palha, fibra, apresentaram-se nas unidades, A IV e A VII. Foram percebidos também restos de fibra, ver **(Figuras 42 e 43)** envolvidos em restos de cabelo, que podem indicar restos de um tipo de peça que se desfez, deixando apenas parte das fibras. Também foi coletado restos de fibra envoltos em sedimento, ver **(Figura 45)** que não foi possível nesta pesquisa, definir o uso. Além dos materiais já

citados do sítio Barra, também foram verificados 06 (seis) cordas. Para Costa (2016) as cordas fazem parte da categoria de artefatos perecíveis e muitas vezes estão presentes como elementos acessórios, na forma de alças, ou mesmo como elementos estruturais em diversos objetos de cestaria.

Assim, cordas e cordéis possibilitaram a amarração e carregamento de toda sorte de fardos e ampliação da força motora (COSTA e MORAES, 2019). Os autores associam a presença deste material ainda ao uso de adornos, servindo como base para contas e pingentes. É importante ressaltar que as cordas do Barra, encontram-se em um excelente estado de conservação. As **(Figuras 46, 47 e 48)** apresentam três modelos de cordas.

Figura 45- Restos de fibra coletados em conjunto com sedimento



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 46- Restos de material torcido localizados no mesmo nível



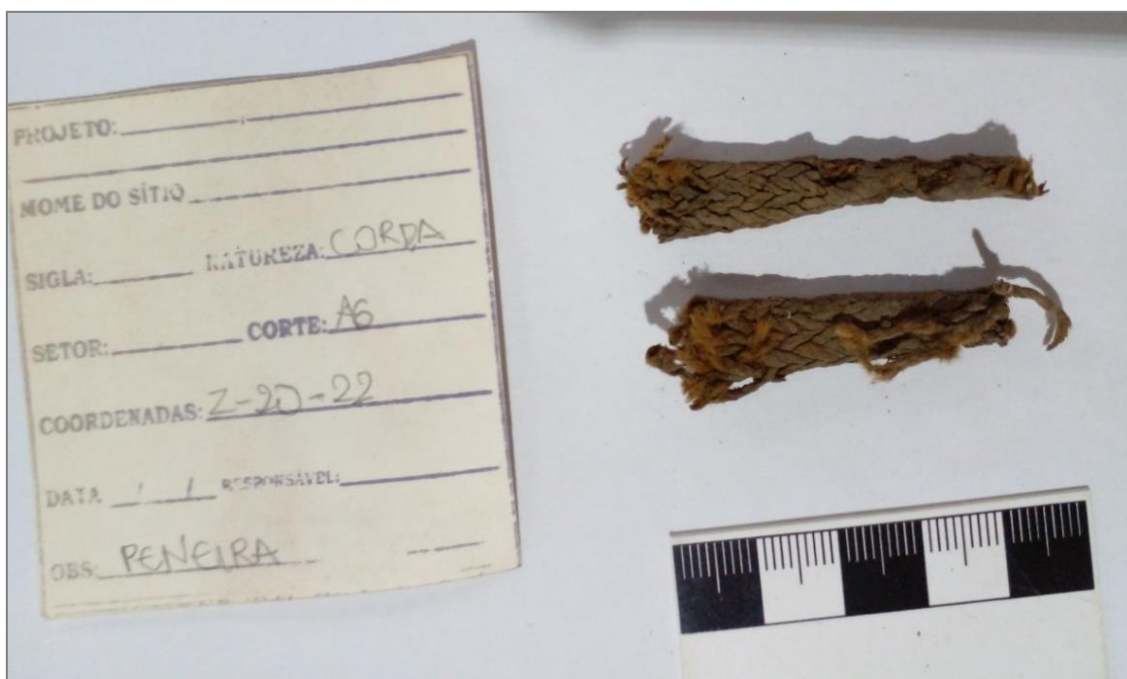
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 47- Corda, sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

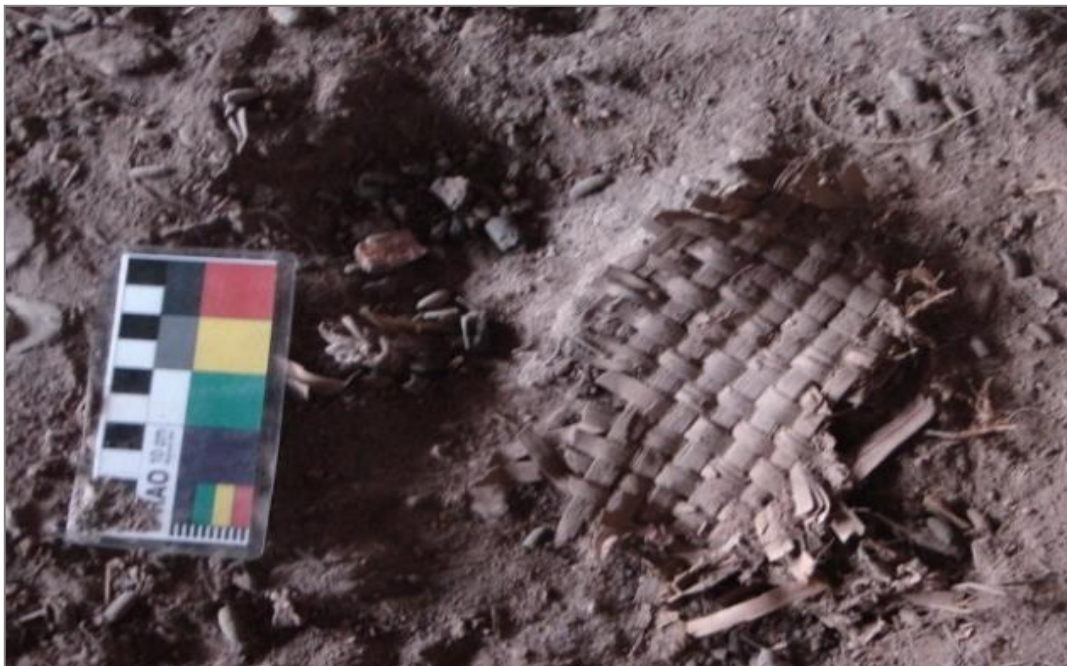
Figura 48- Possível corda, com trançado, sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Os trançados por sua vez, são considerados como um dos principais acessório funerários do sítio Barra, catalogado em um total de 17 (dezessete unidades), foram analisados seguindo o modelo proposto por Costa (2016); Costa e Lima (2016) e Adovasio (1977) ou seja, verificando a morfologia e estado de conservação da peças. Desta forma, pode-se analisar que os trançados do Barra foram confeccionados em “S”. Entre cruzado simples (**Figuras 49, 50 e 51**) e torcido aberto, sendo a técnica de trançado majoritariamente utilizada (torcido / costurado / cruzado). O material estava depositado próximo aos ossos, apresentando pouca profundidade.

Figura 49- Cruzado simples, sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 50- Produção com a técnica de trançado em cruzado simples em detalhe



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 51- Material trançado do sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 52- Fibra com torcido, sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

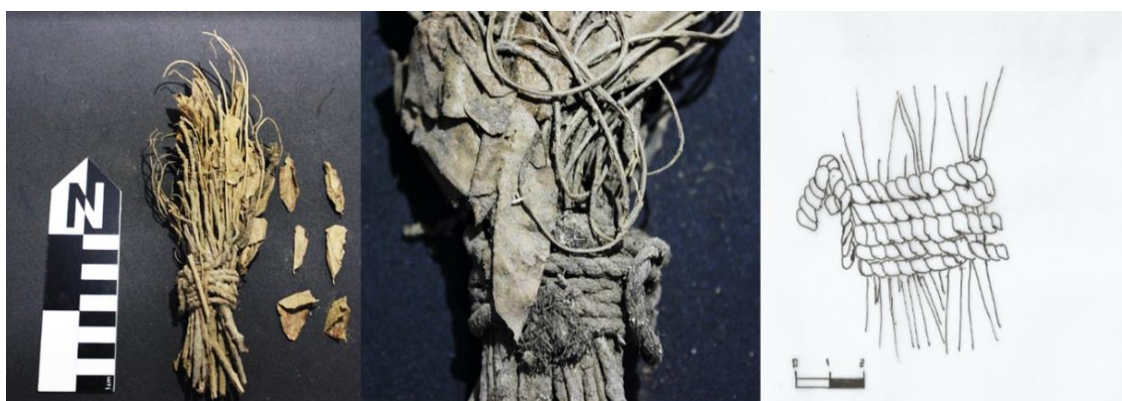
Figura 53- Fibra com torcido, sítio Barra



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Além das amostras identificadas no laboratório, é importante apresentar um artefato que foi estudada por Santos (2018a) no Labiarq/UFS e que foi classificado pela pesquisadora como um “buquê”. A autora apresenta o material com técnica de torção de duas fibras vegetais, entrelaçando uma sob a outra o que vai resultar no formato torcido em Z e em S.

Figura 54- Buquê identificado no sítio Barra



Fonte: Santos (2018)

Ainda com base em Santos (2018), que estudou os vestígios arqueobotânicos do sítio, esta produção é o resultado de uma elaboração de adornos “muito especial e complexo em forma de buque com amarração em trançado de cordel”.

- Análise do Ambiente Funerário

Com base no exposto, o sítio Barra apresentou um contexto que não permitiu identificar os artefatos e ossos em seus locais originais, impossibilitando entender o modo de deposição original dos corpos e seus envoltórios. Porém, um dos modos de exposição de dois ossos no sítio, nos levam a crer que pode ter existido enterramento em caráter primário. Esse apontamento corrobora com a ideia de modos de enterramento primário e não apenas secundário, o que também é visto nos grupos nativos associados ao uso de cestas. A (**Figura 55**) apresenta dois ossos longos o que sugerimos ser um úmero e uma tíbia, mantendo presente a área de articulação tíbio-femural. A área comumente conhecida como articulação do joelho, apresenta uma articulação preservada e, com face de exposição dos ossos entre lateral e posterior.

Figura 55- Ossos humanos identificados que sugerem articulação

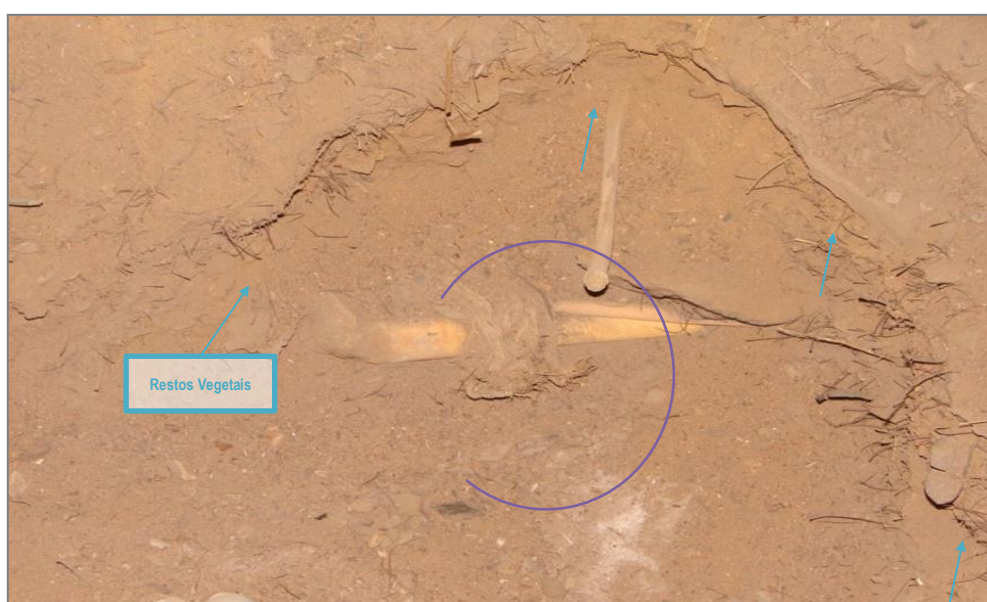


Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

De acordo com os apontamento de Cisneiros (2003), os envoltórios que acondicionam os mortos seguem diferentes particularidades e deixam marcas nos vestígios arqueológicos. Considerando ainda as evidências presentes no sítio que corroboram para caracterização da área funerária, a sequência de **(Figuras 56-58)** apresentam dois ossos longos de indivíduo não adulto que ainda estavam preservados com corda envolta próxima das epífises proximais. Ainda é observado nas imagens, restos de material vegetal aderido a eles, presente na área de enterramento, que poderia sugerir uma estrutura, não podendo ser, em função dos dados já apontados, associado a este indivíduo. Com base na tensão que foi observada na corda, estima-se que ela estivesse envolvida no corpo, próximo a porção do joelho. Não foi possível definir a função empregada para o uso da corda no membro inferior.

Os ossos identificados foram pertencentes a um indivíduo não adulto, esta observação deu-se pela não fusão das epífises proximais e distais dos dois ossos **(Figura 60)**. Considerando o que é apresentado por Buikstra e Ubelaker (1994), essa fusão vai ocorrer entre 16-23 anos para epífise proximal na região e 16-20 anos para as distais. Mesmo entendendo que os métodos auxiliam a ter estimativas, sugerimos que a criança enterrada possuía idade inferior a 16 anos. A ausência de correlação com outros ossos nos impossibilita de reduzir a idade estimada.

Figura 56- Ossos longos envoltos com corda



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 57- Tíbia e fíbula após recuperação



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 58- Ossos após limpeza realizado por equipe do NDIHR



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 59- Corda em detalhes envolvendo os ossos



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 60 - Detalhe de epífise distal da tíbia e fíbula apresentando não fusão



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Em geral, foi possível identificar a variação de ossos, como: fêmur, úmero, vertebrae e maxilares, além de fragmentos de crânios, cordoarias e fragmentos de pele ainda colado aos ossos.

5.3 COMPOSIÇÃO FUNERÁRIA SÍTIO PARQUE DAS PEDRAS

No Parque das Pedras, as escavações iniciaram após indicativo de presença de remanescentes humanos identificados desde a superfície, conforme exposto. As (**Figuras 61 e 62**) apresentam as primeiras camadas das unidades iniciadas no ano de 2015, que consistiram na limpeza da superfície, removendo além de material vegetal, grande quantitativo de fezes de animais como cabras e bodes (*Capra aegagrus hircus*).

Esses primeiros níveis expostos, apresentaram diversos ossos e dentes dispersos, íntegros ou fragmentados, com distintos graus de preservação e, pertencentes a indivíduos adultos e não adultos. Ao longo da escavação, foi possível identificar alguns remanescentes com seu modo de enterramento preservado e associação de adornos, nos níveis mais profundos, porém, há sugestão de indivíduos articulados já nas primeiras camadas, mas que não forma preservados. Aos remanescentes articulados, foram atribuídos números sequenciais, identificados como **Esqueletos 01, 02, 03 e 04**. Seguindo o mesmo modelo adotado para o Barra, o sítio, Parque das pedras foi apresentado a partir dos remanescentes ósseos, vegetais e adornos identificados, seguido da análise dos ambientes funerários a partir da apresentação dos esqueletos articulados em contexto.

Figura 61- Limpeza de superfície



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Figura 62- Primeiras camadas de exposição do sítio



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

- Sobre as evidências: Ossos Humanos, Material Vegetal e Adornos

As primeiras camadas escavadas no sítio apresentaram sedimento concretado, em função da ação das fezes de animais, em especiais caprinos que vivem no local, além de ossos dispersos em meio aos blocos de pedra que podem ter se desprendido do abrigo. Os ossos apresentam graus de conservação variados, sendo aqui considerados do bom ao ruim, conforme grau de fragmentação. Foi entendido que diversos fatores podem sugerir alterações nesses ossos como a ação de animais, os blocos em queda ou mesmo a fina camada de sedimento que os cobria percebida desde os primeiros momentos de escavação.

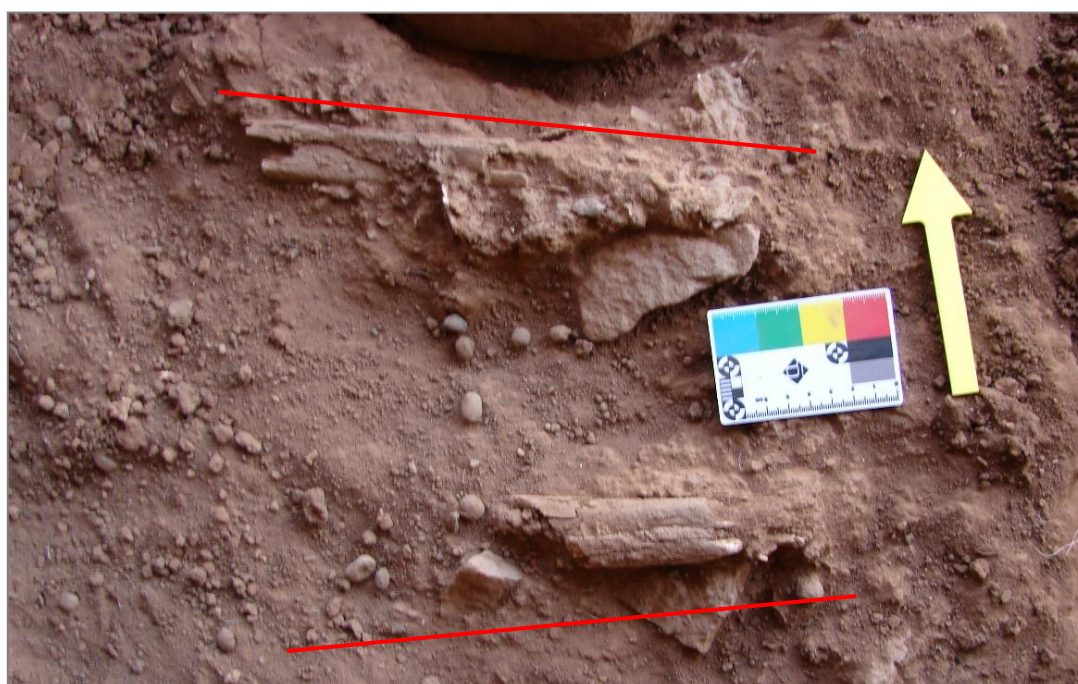
Figura 63- Início de exposição de ossos humanos



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

A (Figura 64) ilustra ossos que foram identificados logo na primeira camada que sugerem articulação. Os ossos longos (úmero direito e esquerdo) apresentam um alinhamento compatível com uma deposição em decúbito dorsal, mas o estado de conservação dos ossos não permitiu maiores análises, inclusive resultado em completa fragmentação após exumação.

Figura 64- Ossos longos do membro superior sugerindo articulação



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Foram identificados fragmentados na superfície, como ossos de mão e pé, crânio, dentes, além de ossos longos. São percebidos alguns ossos em detalhe como os apresentados nas imagens, que detalham fragmentos de ossos e uma mandíbula com a presença de alguns dentes.

Figura 65- Ossos dispersos evidenciados nas primeiras decapagens



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Figura 66- Restos de ossos e dentes



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

A (**Figura 67**) deixa claro a dispersão e fragmentação dos ossos em que é possível ver parte de um maxilar e a face de baixo de uma mandíbula. Alguns ossos apresentaram fragmentação recente, sendo possível inclusive que elas ocorram no processo de evidênciação e recuperação do material.

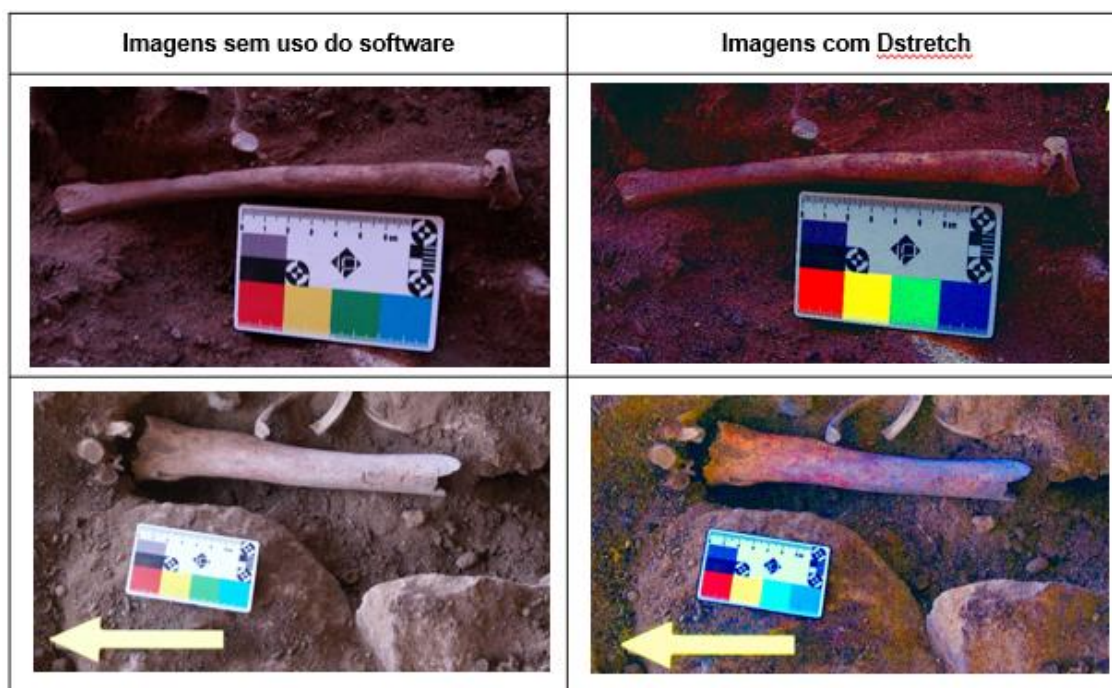
Figura 67- Fragmento de maxilar e mandíbula



Fonte: Jaciara Andrade (2015)

Conforme apresentado na metodologia, o uso do software Dstretch foi empregado de forma experimental para testar o potencial no realce de possíveis evidências de pintura nos ossos. Foram feitos dois testes com ossos longos identificados nas primeiras camadas do sítio. No primeiro não havia indicativo de alterações com ações de pintura, já o segundo houve a possibilidade levantada, sendo apresentados no quadro 3.

O osso abaixo, nos fez levantar a possibilidade de haver alguma alteração de coloração, porém, análises mais aprofundadas precisariam ser feitas para inferir pinturas, o que implicaria em modelos de enterramento secundários, uma vez que não foram observados no sítio.

Quadro 3- Teste para indicação de aplicação de Software

Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Sobre os materiais vegetais, o Parque das Pedras possuía menos exemplares de amostras se comparado com o Barra. A presença de carvão (**Figura 68**) foi registrada junto com o esqueleto identificado como 3, porém, não podemos afirmar que pertencia ao indivíduo. Outras amostras de carvão também foram coletadas no sítio, 71 etiquetas no total, algumas próximas aos outros enterramentos ou na área geral do sítio.

É importante enfatizar que os poucos ossos com marcas de queima, identificados de forma dispersa e coletados nas quadrículas, não permitiram entender como queimas intencionais. Ainda podemos acrescentar à análise os dados expostos por Santos (2018, p. 35-36), que estudou alguns ossos presentes no Labiarq/UFS. A autora apresenta 37 ossos ou fragmentos deles que estavam em bom estado de conservação, com o tipo de queima em ossos seco, sem deformação e com coloração que vai do marrom ao cinza.

Com base no exposto, entendemos aqui que as queimas podem ter sido provocadas por estruturas de combustão realizadas no local, mas não podemos definir como parte do ritual ou apenas empregadas para uso do abrigo.

Figura 68- Resto de carvão coletado próximo ao esqueleto 3



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 69- Ossos dispersos coletados juntos na quadrícula com ou sem marcas de queima



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quanto ao material vegetal, ainda foram encontrados restos com a técnica de produção torcido, que se encontrava dentro do crânio fragmentado

localizado logo nas primeiras camadas escavadas. Além deste artefato, foram identificadas contas produzidas em material vegetal que consistiam em um adorno do esqueleto 2.

Figura 70- Resto de material com técnica torcido



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As contas de colar foram confeccionadas através de material vegetal. Elas estavam sobrepostos ao pescoço do esqueleto 2. Em sua totalidade foram encontradas 81 unidades. Quanto à medição, a menor peça corresponde a 0,6 milímetros e a maior, 1,1 milímetros. A coloração é marrom clara, aparentemente sua composição é natural, ou seja, não passou pelo processo de pinturas. Segue imagens das contas no momento da retirada em campo e em seguida as imagens realizadas em laboratório. Com base no exposto pela metodologia aplicada por Silva (2013) a classificação dos artefatos entendidos como conjunto de adorno 1 foram:

Categoria	Identificação
Matéria Prima	Vegetal (possível semente)
Tipo de Objeto	Conta
Forma	Coroa circular/Esférico

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Não foi possível afirmar que se trata de sementes, mas visto a forma que parece original e apenas com perfuração, assim é sugerido. A forma de disposição dos furos permite entender o uso como conta, quando o furo percorre a peça fazendo com que ela fique ao centro e o cordão percorrendo. Sobre o formato, como são naturais, algumas peças lembravam mais o formato esférico (as mais arredondadas) enquanto outras o coroa circular (as mais achatadas).

Figura 71- Contas no momento da retirada



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

Figura 72- Colar reconstruído em laboratório



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 73- Apresentação das 81 contas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 74- Amostra detalhada das medidas das peças



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As perfurações das peças variam, algumas encontram-se efetuadas ao centro, outras mais ao lado, e existe uma variação de tamanhos destas perfurações, entre pequeno, médio e grande.

A forma que as contas foram encontradas, em volta do pescoço, perfeitamente alinhadas, permitiram entender o uso enquanto colar, reforçam a ideia de intencionalidade. Este fato se dá através da reconstituição dos espaços funerários, utilizando métodos próprio da Arqueologia Funerária, para analisar as posições de cada elemento dentro do contexto da sepultura. Assim, estas análises ofertam confiabilidade quanto ao local em que as contas foram depositadas, confirmando seu emprego enquanto acompanhamentos funerários.

Além dos materiais vegetais, foi encontrado um artefato manipulado produzido em concha na quadrícula 02 (Coordenadas: X=17; Y=86 e Z=49), também associado ao esqueleto 2, na região próxima ao que seria o pescoço. Observou-se que o comprimento é menor que a largura, com sistema de suspensão situado na parte central superior da peça feito com uma única perfuração.

Figura 75- Fotos de adorno produzido em concha



Fotos: Olivia Carvalho (2018)

Figura 76- Exemplo de como foram obtidas as medidas do Pingente de concha



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2022?)

No caso da concha, as manipulações quando a polimento de bordas são observados, entendendo assim, maiores alterações se comparado com as contas. A classificação do artefato entendido como adorno 2 se deu também com base em Silva (2013):

Categoria	Identificação
Matéria Prima	Concha
Tipo de Objeto	Pingente
Forma	Não definido

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No sítio, também foram identificadas outras conchas, inteiras ou fragmentadas, mas que não possuíam outras manipulações, não sendo possível assim definir como parte do ritual já que também não estavam em conjunto com nenhuma sepultura identificada.

- Análise do Ambiente Funerário

Nesta etapa, optou-se por descrever os 4 esqueletos identificados nas campanhas, apresentados aqui individualizados, sendo os dois primeiros identificados na campanha de 2018 e os dois últimos na de 2019.

Na sepultura em que foi encontrado o esqueleto 01, foram identificados material lítico e uma pequena quantidade de carvão vegetal, além de três fragmentos de material cerâmico. Este material foi recuperado na campanha de 2018. Quanto à posição do corpo, verificou-se que ele foi enterrado em decúbito lateral direito, com os membros superiores e inferiores flexionados. Trata-se de uma inumação com enterramento simples e primário, ou seja, a forma que ele foi enterrado é a mesma que foi identificado. Os ossos estavam em estado de conservação ruim, sendo que o crânio se mantinha melhor preservado.

Figura 77- Esqueleto 01, sítio Parque das Pedras



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2018)

O esqueleto identificado como 2, mesmo apresentando má estado de conservação, permitiu entender que era uma sepultura primaria simples, em decúbito lateral direito em que foi possível resgatar os únicos adornos encontrados associados diretamente ao indivíduo. Também foi identificado, o crânio fragmentado, com presença de dentes e inclusive com presença de patologias dentárias. Apesar de não terem sido conversados muitos ossos, ainda foram encontrados alguns ossos da coluna vertebral. Resgatados ossos da mão bem preservados e ossos da perna como fêmures, tíbias e fíbulas fragmentadas. O estado de conservação do esqueleto adulto em geral estava ruim. No contexto da sepultura foram encontradas também pedras naturais que circulavam e demarcavam a área da sepultura, a presença de lítico e carvão vegetal.

Figura 78- Esqueleto 02, Sítio Parque das Pedras



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2018)

Sobre os adornos apresentados no tópico anterior, as peças foram encontradas em volta das primeiras vértebras, área que é do pescoço. No

tocando ao posicionamento das contas, como o sepultamento ocorreu em espaço preenchido, foi impedido a movimentação e dispersão uma vez que estavam posicionadas de forma ordenada. O pingente que também estava próximo a este indivíduo, poderia ser uma peça utilizada em conjunto com as contas. Não podemos estabelecer com certeza esta informação, mas, sabemos que ambos os adornos estavam com o indivíduo quando foi enterrado e dentre e que foram os únicos no sítio.

Figura 79- Imagem do esqueleto com seta dando ênfase ao local das contas



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2018)

Figura 80- Crânio após exumação com presença de sedimento



Foto: Elaborado pela autora (2022)

Este material foi retirado de campo em bloco, com metodologia empregada para melhor resgate, uma vez que estava completamente fragmentado, sendo um dos blocos o crânio e outro a parte das costelas, além dos ossos já referidos que foram coletados.

O terceiro remanescente articulado foi retirado em campo na campanha de 2019, em conjunto com o 4. Localizado na parede Norte, lado Oeste, encontrava-se na quadricula 2b, nível 3, coordenadas X= 62, Y=43, Z=75. No início do nível 3, foi encontrado o conjunto de ossos articulados, sugerindo um sepultamento primário. Foram identificados materiais líticos localizados por baixo do esqueleto, já em volta da estrutura da sepultura, foram detectadas pedras maiores, fazendo o formato da cova, enfatizado nas fotografias. O esqueleto estava com um pouco de sua estrutura de enterramento perturbado, mas é possível observar que era primário e simples. Depositado com o tórax em decúbito dorsal e crânio virado para lateral direita, com alterações tafonômicas e diversos ossos ausentes. Os membros inferiores estavam em lateral direita, e os membros superiores não puderam ser classificados, observando apenas o úmero direito estendido ao lado do corpo. Quanto ao estado de conservação

dos ossos, é de razoável para ruim, estando alguns ossos mais preservados (ossos de pernas e pés) enquanto outros ossos fragmentados como (costelas, crânio) e alguns inexistentes.

Figura 81- Esqueleto 03, sítio Parque das Pedras



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2019)

Com base na figura 81, é possível observar que há uma flexão na região das vértebras cervicais, a região do pescoço, que sugere uma compressão. Tal fato pode ter relação com a presença de pedra natural em grande tamanho e que precisaria “encaixar” o indivíduo neste local. Essas informações precisariam ser melhor analisadas em um momento futuro.

Figura 82- Outro ângulo do esqueleto 03 com destaque para as pedras em volta



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2019)

O carvão referido associado a este indivíduo, foi coletado próximo ao crânio, mas não foram encontrados ossos queimados, sugerindo assim que os restos de carvão encontrados não foram empregados no tratamento ao corpo ou rituais ligados ao indivíduo, uma vez que está muito próximo à face e, abaixo do nível de enterramento.

Sobre a posição de enterramento do último esqueleto, o presente na sepultura 4, o estado de conservação estava muito ruim, sendo possível observar apenas o crânio, parte dos membros superiores do lado direito e fragmentos do fêmur. Os demais ossos estavam bastante fragmentados. Pela articulação da mandíbula com o maxilar e articulação do cotovelo, é sugerido que o esqueleto segue o mesmo padrão dos demais, com rotação do crânio para lateral direita, membros superiores e inferiores flexionados. Também foram identificadas pedras naturais nas laterais deste sepultamento, quanto ao estado de conservação, foi considerado de ruim a péssimo.

Figura 83- Esqueleto 04 com apresentação de apenas algumas partes ósseas



Fonte: Laboratório de Arqueologia NDIHR/UFPB (2019)

As análises realizadas nas sepulturas ocorreram com o objetivo de apresentar a forma como os corpos foram organizados nas covas. Importante destacar, que em todas as sepulturas foram utilizadas pedras grandes em volta do indivíduo, assim as covas eram demarcadas. Com relação a dimensão das covas, em geral eram pequenas, se ajustando ao corpo flexionado. É possível afirmar que as pedras foram colocadas de forma intencional ou reaproveitadas por já estarem no lugar, como no esqueleto 3, próximo ao crânio.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As correlações entre as análises obtidas na pesquisa, constituem a essência do trabalho científico. Deste modo, considerando as reflexões já apresentadas por Silva (2013) entendemos que através das ações realizadas nos ritos funerários, a partir do cuidado com o morto, é possível perceber os gestos empregados por parte dos vivos, que as vezes refletem no papel daquele indivíduo no grupo. A discussão dos resultados pretende proporcionar elementos que possibilitem “fechar” a proposta feita para o trabalho, além de expor os limites impostos pelos próprios dados e métodos aplicados na pesquisa.

A leitura dos sítios com base no que é defendido pela Arqueologia Funerária, foi empregada com o objetivo de entender de que forma esses espaços foram utilizados como funerários, promovendo novas leituras sobre a posição original do corpo e artefatos. Além de ambos os sítios, Barra e Parque das Pedras, consistirem em abrigos, o que favoreceu a preservação do material, foram identificados restos de carvão, mas sem configurações que permitam entender o papel do que podem ser fogueiras naqueles sítios. Segundo Vergne (2007), fogueira também são comumente encontradas como composição de espaços funerários.

Para o sítio Barra, a dispersão de material não permite correlacionar amostras de carvão ou outros artefatos aos enterramentos, não sendo mantidas assim estruturas das possíveis sepulturas que possam ter sido estabelecidas. Considerando o sítio Parque das Pedras, que possuía uma área mais reduzida, podemos afirmar que o carvão estava próximo a todas as sepulturas identificadas, mas, sem uma clara configuração que permita compreender seu uso no ritual.

Pode-se assinalar ainda, que para o sítio barra que, mesmo não havendo a preservação das estruturas sepulcrais, a natureza e variedades dos acompanhamento funerários encontrados neste sítio indicam um tratamento específico para com o morto. já para o parque das pedras, pode indicar a presença de duas formas de dispor os mortos, com base na possível idade, onde os mais velhos teriam um cuidado maior na sua deposição, já que esses corpos

estariam cercados por pedras, do que os mais jovens, que ficariam no fundo do abrigo.

Para as 4 sepulturas definidas, todos os indivíduos identificados consistiam em adultos com o crânio rotacionado para o lado direito e membros inferiores também. As áreas torácicas foram menos preservadas no 2 e no 4, mas, se estiverem também em padrão com os outros, esta região estaria depositada em decúbito dorsal com membros superiores que poderiam variar. Todos indivíduos foram classificados enquanto enterramentos primários, em espaço preenchido e com direção do crânio para Noroeste.

O número de esqueletos por sepulturas também foi observado no tratamento do corpo. Constatamos nas amostras estudadas, a existência de uma predileção por enterramentos individuais. A dimensão das covas em geral é pequena, se ajustando ao corpo flexionado, sendo pouco profunda, a julgar pela profundidade em relação ao nível das quadriculas. É importante destacar que os sepultamentos estavam delimitados por grandes blocos de pedras da mesma natureza que do abrigo. A presença dessas pedras naturais, foram empregadas para constituir a estrutura da sepultura, fazendo uma configuração em formato oval, com tamanho necessário para um indivíduo que estivesse com tronco estendido e pernas flexionadas.

Quanto aos adornos, cujas matérias-primas são em material vegetal (possíveis sementes e malacológico). As contas foram utilizadas em seu formato original, sofrendo ação apenas de perfuração para uso, não sendo identificadas marcas de corte ou pinturas. O pingente apresentou, além da perfuração, um padrão que aparenta polimento nas bordas, que pode ter ocorrido inclusive para permitir o uso. Com base nas referências adotadas na pesquisa a presença de artefatos nativos, como contas em ossos e conchas, ilustram um rico acervo pertencente ao contexto funerário no Nordeste.

Apesar de alguns envoltórios serem de fácil deterioração, como as cestarias, cordas e esteiras, que podem ser usados de forma variadas nos sepultamentos, foi observada a presença nos dois sítios, com maior frequência no sítio Barra. Essas peças podem ser encontradas envolvendo o corpo, como envoltórios, quer seja para isolar o local que será enterrado ou mesmo para manter na posição pretendida.

O uso de vegetais trançados foi observado em conjunto com amostras de cabelo que também foram preservados no Barra, além de outros restos humanos como pele desidratada e cropólito. É importante ressaltar que o estudo sobre sepultamentos é amplo, Assim, estudar os materiais depositados nesses sepultamentos, abrem precedentes para entender, por exemplo, como aquele grupo pensou no cuidado com o seu morto, como a escolha do local favoreceu a permanência e preservação dos restos que simbolizam uma prática que até hoje é preservada.

Os artefatos em geral, existentes em ambos os sítios, consistem em líticos e pequenos fragmentos de cerâmica. Outro ponto relevante, é que já foram submetidas datações em ossos para o sítio Parque das Pedras, mas ainda não obtivemos os resultados, o que impossibilita estabelecer comparativo com as datas encontradas para o sítio Barra. Contudo, a inexistência de sepultamentos em contexto no Barra, não permite entender se estes grupos eram contemporâneos ou se eram os mesmos. Porém, podemos afirmar que os artefatos perecíveis identificados no Barra, seguramente pertenceram a um contexto funerário.

Assim, na medida em que se observa a organização e a forma de enterramento, tendo em vista que todo material arqueológico envolvido na ação, como é o caso de Camalaú, normalmente respondem hipóteses de que o local em que o material está inserido favoreceu suas escolhas. O fato de estarem localizados em sítios abrigos, com baixa incidência solar, pouca erosão e chuvas, são fatores essenciais que explicam a conservação do material, e as escolhas desses locais de enterramentos. Para Binford, (1965) assim sendo, o meio físico e o paleoambiente, nos permitem compreender a paisagem, formas e processos de ocupação de grupos pretéritos e suas relações com o meio. Também é importante considerar, segundo Binford, que estes fatores físicos e químicos, como a umidade, temperatura, mudança climática, ação antrópica, dentre outros, causam impactos na estrutura do material arqueológico e ambiental.

Colocando em pauta a percepção de Tim Ingold (2012) associado ao pensamento de Binford (1965), essas abordagens de relações, fazem todo sentido, pois quando pesquisamos os materiais ósseos, ou os tipos de

enterramentos, por exemplo, levamos em consideração que esse material interage com outros seres, inclusive aqueles que não são humanos, como os microrganismos e fenômenos climáticos. Essa releitura se faz necessária, pois tudo que está em volta, contribuiu na forma como o material tem se mantido (INGOLD, 2012). Isso significa que ao habitar o mundo, não agimos sobre ele ou fazemos coisas a ele, mas, sim, seguimos em frente com ele. Nossas ações não transformam o mundo, são parte integrante da transformação do mundo. E essa é apenas outra maneira de dizer que eles pertencem ao tempo.

Desta forma, os contextos funerários pesquisados extrapolam os indivíduos, assim como os elementos que compõem e agem sobre esses indivíduos no momento da passagem social, restando os elementos interpretativos e dedutivos, como meio de associar como era realizados determinados costumes e seguimentos ritualísticos, Seguindo nesta perspectiva, o presente dissertação pretende não produzir verdades absolutas, no entanto ansiamos em produzir narrativas coerentes, e a Arqueologia tem as principais ferramentas teóricas para tornar isso possível.

Neste sentido apresentamos as características, os resultados, estes estão centrados nas variáveis posição do corpo, tipos de enterramento e acompanhamentos funerários. É importante destacar a quantidade, qualidade e variedade dos materiais de ambos os sítios.

7 CONCLUSÃO

Considerando a proposta do trabalho, em comprovar através de material arqueológico e da forma de deposição dos corpos, que os Sítios Barra e Parque das pedras foram utilizados como espaço pra os mortos, sinaliza que os objetivos da pesquisa foram alcançados a partir do momento em que pudemos conhecer um pouco mais sobre como o cuidado com o morto entre uma parte da população que habitavam o Cariri Paraibano. Através dos métodos aplicados, foi possível analisar as posições e o tratamento dado ao corpo e entender os fatores bioarqueológicos e tafonômico que agiram na conservação dos materiais.

Foi possível perceber que os indivíduos recebiam um tratamento cuidadoso, existiu a preocupação em depositar o corpo com estruturas de contenção e, talvez proteção. Deste modo, é importante pautar acerca da possibilidade de tratamento diferenciado dos indivíduos do grupo na hora da morte, que pode refletir papéis sociais diferentes. Para melhor entendimento, Ingold, vai acrescentar sobre a necessidade de observar a interação entre as coisas que formam determinado registro arqueológico, já que as ações do ambiente (ontem e hoje), dos humanos (ontem e hoje), vão interagir entre si.

Assim, o emprego de possíveis cestarias ou esteiras podem ter sido utilizadas com função de transporte de objetos, de alimentos, ou mesmo servidas como estruturas para proteção ou contenção dos enterramentos.

No que tange às dimensões espaciais dos sítios, consideramos os locais pequenos para a instalação de um grupo, sobretudo o Parque das Pedras. Também não foram identificados artefatos em grande quantidade que possam sugerir o uso do abrigo como tal, mesmo por temporadas, inferindo assim, que os locais de habitação seriam outros, podendo não estarem distantes, já que o rio Monteiro estava próximo e a aproximação com água é em geral um determinante para a sobrevivência.

Os sítios estão localizados em altitude mais elevadas, se comparados aos sítios de grafismos rupestres, este fato nos permitiu entender que isso também não foi aleatório, eles foram escolhidos para serem áreas funerárias. Destacamos que as pesquisas empregadas nos sítios não se encerram aqui, há muito para ser feito. Deixamos em aberto algumas possibilidades de

continuação, como por exemplo a realização de datações diretamente no material do sítio Parque das Pedras, assim, poderíamos comparar os períodos de enterramento e concluir com mais veracidade se os enterramentos pertenciam aos mesmos grupos. Um estudo mais aprofundado nos remanescentes ósseos, entendendo o perfil bioantropológico dos indivíduos e nos artefatos em geral,

vão possibilitar também entender melhor esses rituais e se há compatibilidades além das já apontadas. Podemos ainda sugerir análises de DNA dos indivíduos possibilitando entender relações de parentesco.

A problemática permite a formulação de outros objetivos que podem estar relacionada à Arqueologia Funerária em Camalaú. Como complemento da pesquisa, sugere-se dirigir o foco para a atenção e contribuição que as instituições devem ter direcionadas à pesquisas sistemáticas nesta área.

A pesquisa apresenta significativos resultados, não só para a Paraíba, mas a construção efetiva de uma referência no campo da arqueologia para o Nordeste, pois apresenta elementos fundamentais em sua composição, tanto em nível de diversidade material quanto a um bom estado de conservação.

Enfim, a dissertação encerra-se aqui. Esperamos, contudo, que nosso estudo possa contribuir para novas pesquisas, assim como, propagar os contextos funerários da Paraíba, especialmente dentro de uma perspectiva simbólica.

REFERÊNCIAS

- ADOVASIO, J. M. **Basketry Technology: A Guide to Identification and Analysis**, Updated Edition. [S.l.]: Routledge, 1977.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos Cariris Velhos**. João Pessoa: UFPB, 1979.
- ALVIM, Marília Carvalho de Mello. Os antigos habitantes da área arqueológica de Lagoa Santa MG. **Arquivo do museu de história natural**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 119-74, 1977.
- ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- AZEVEDO NETTO, Carlos X.; ROSA, Conrad R.; MIRANDA, Pablo G. de. Semiótica dos sítios cerâmicos da Região do Cariri Ocidental – PB. **CLIO- Série Arqueológica**, Recife, v. 2, n. 1, p. 265- 288, 2011.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; KRAISCH, A. M. P. O.; ROSA, C. R. Territorialidade e arte rupestre – inferências iniciais acerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano. **Revista de Arqueologia**, n. 20, p. 51-65, 2007.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; ROSA, C. R., MATOS, F. S. S.; SOUZA, F. T. Situação Geomorfológica dos Sítios Arqueológicos no Município de Camalaú – Paraíba. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n.1, p. 177-195, 2021.
- BARTEL, B. A Historical Review of Ethnological and Archaeological Analysis of Mortuary Practice. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 1, n. 1, p. 32-58, 1982.
- BECKER, H.S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de arqueologia pré-histórica**. [S.l.: s.n.], 2006.
- BINFORD, Lewis R. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, James A. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **SAA Memoirs**, Washington D.C, n. 25, p. 6-29, 1971.
- BINFORD, L. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**, v. 28, n. 2, p. 217-225, 1962.
- BROWN, James A. **On Mortuary Analysis — with Special Reference to the Saxe Binford Research Program**. New York: Plenum Press, 1995.
- BUIKSTRA, J. E.; BECK, L. A. **Bioarchaeology**: the contextual analysis of human remains. Amsterdam: Elsevier, 2006.
- BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. **Standards For data collection from human skeletal remains**. Fayetteville: Arkansas Archeologica Survey Research Series, 1994.
- CASTRO, V. M. de. et al. Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará. **MNEME-Revista de Humanidades**, Caicó, v. 16, n. 36, p. 201-227, 2015.

CASTRO, V. M. C. de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil**. 2009. 309 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CATOIRA, T. **A fruição da informação dos patrimônios arqueológicos juntos aos seus atores no município de Camalaú, PB**. 2018. 263 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - CCSA Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2018.

CHAPMAN, Robert; KINNES, Ian; RANDSBORG, Klavs. (ed.) **The Archaeology of Death**. London: Cambridge University Press, 2009.

CISNEIROS, D. **Práticas Funerárias na Pré-história do Nordeste do Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CISNEIROS, Daniela; SANTOS, Camila Ferreira do. Adornos corporais em matéria orgânica nos enterramentos pré-histórico do Nordeste no Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n. 3, 2021.

CLARKE, David L. **Arqueología Analítica**. Barcelona: Ediciones Bella terra, 1984

COSTA, Rodrigo Lessa. **Palha e Tala**: Estudos da tecnologia do trançado entre grupos pré-históricos Brasileiros. Rio de Janeiro: [s.n.], 2016.

COSTA, Rodrigo Lessa; LIMA, Tania Andrade. A arte e a técnica de trançar na pré-história de Pernambuco: a cestaria dos sítios alcobaça e fuma do estrago **Clio Arqueológica**, Recife, v. 31, n. 2, p. 102-152, 2016.

COSTA, R. L.; MORAES, Flávio Augusto de. A produção cesteira e de cordoarias na pré-história do Cariri Paraibano. **Revista de Arqueologia**, v. 32, n. 1, p. 207-221, 2019.

COSTA, R.L.; LAGE, M. C. S. M.; FARIAS FILHO, B. B.; NUENS, L. S.; LIMA, J. S. Um estudo experimental acerca da preservação in situ de artefatos trançados de fibras vegetais. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n. 3, p. 196-196, 2021.

DUDAY, Henri ; CLAUDE Masset (ed.). **Anthropologie Physique et Archéologie**: Méthodes d'Étude des Sépultures. Paris : Editions du CNRS, 1986.

DUDAY, H.; MASSET, C. (org.). **Anthropologie Physique et archéologie** – Méthodes d'étude des sépultures. Paris : Actes du Colloque de Toulouse, 1987.

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBEZY, E.; SELLIER, P.; TILLIER, A. M.; L'Anthropologie "de terrain": reconnaissance et interprétation des gestesfunéraires. **Bull. Et Mém. dela Soc. d'Anthrop. de Paris**, v. 2, n. 3-4, p. 29-50, 1990.

DUDAY, H. L'archéotahanatologie ou l'archéologie de la mort. In: DUTOUR, O.; HUBLIN, J-J.; VANDERMEERSCH, B. (ed.). **Objets et méthodes en Paléanthropologie**. Paris: CTHS, 2005. p. 153-215.

DUDAY, H. L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort (Archaeoethnoatology or the archaeology of Death). In: GOWLAND, R.;

KNYSSSEL, C. (ed.). **Social Archaeology of funerary remains**. Oxford: Oxbow Books; Alden Press, 2006. p. 30-56.

DUDAY, Henri. **The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeothanatology**. Oxford: Oxbow Books, 2009.

DUNNEL, R. **Advances in Archaeological Method and Theory**. [S.l.: s.n.], 1986. v.9, p. 149-197.

EFREMOV, I.A. Taphonomy, a New Branch of Paleontology. *Izvestiya Akademii Nauk SSSR Leningrad, Biology Series*, v. 3, p. 405–413, 1940.

HODDER, Ian. (ed.). **The spatial organization of culture**. London: Gerald Duck Worth and Co., 1978.

HODDER, Ian. **Symbolis in Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HODDER, Ian. **Reading the past**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

HODDER, Ian. (ed.). **The meaning of things: material culture and symbolic expression**. London: Unwin Hyman, 1989.

HOOTON, E.A. **The Indians of Pecos Pueblo: a study of their skeletal remains: Papers of the Southwestern expedition**. New Haven: Yale University Press, 1930.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, 2012.

LARSEN, Clark Spencer. Bioarchaeology: The Lives and Lifestyles of Past People. **Journal of Archaeological Research**, v. 10, n. 2, p. 119–166, 2022.

LESSA, Andrea. Conceitos e métodos em curadoria de coleções osteológicas humanas. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 68, n.1-2, p. 3-16, 2011.

LIMA, Izabela Pereira de; ROCHA, Lucas Alves da; SILVA, Juliane Carla Guedes Lima da Silva. **Lugar, Memória e Respeito: Cemitério, uma visão arqueológica: Uma viagem pela Arqueologia Nordestina**. São Cristóvão: [s.n.], 2022.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1997. p. 298-313.

MARTIN, Gabriela; ASON, Irma. **A tradição Nordeste na arte rupestre do Brasil**. *Clio Arqueológica*. n. 14, 2000. 99-109.

MATOS, Francisco de Assis Soares de. **Os antropomorfos no registro rupestre do semiárido paraibano: caracterização das representações na Microrregião do Cariri Ocidental**. Recife: [s.n.], 2015.

SOUZA, Alfredo de M. **Dicionário de arqueologia**. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

SOUZA, S. M. F. M de. **Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural**. 1995. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.

SOUZA, S. M. F. M. de. Ossos no chão: para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. **Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi**, Belém, v. 8, n. 3, p. 551- 566, 2013.

SOUZA, S. M. F. M. de. Bioarqueologia e Antropologia Forense. *In*: ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL, 1., Campo Grande, 2009. **Anais [...]**. Campo Grande: UFMS, 2009. p. 89-113.

MIGNON, Molly Raymond. **Dictionary of Concepts in Archaeology**. London: Greenwood Press, 1994. p. 204-209.

OLIVEIRA, M. A. d. S. Práticas funerárias na arqueologia: Pluralidade e patrimônio. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 33, n. 2, p. 1–43, 2018.

O'SHEA, J. M. **Mortuary Variability: An Archaeological Investigation**. Orlando: Academic Press, 1984.

PEYROTEO-STJERNA, Rita. **Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado**. [S.l.: s.n.], 2017.

PREUCEL, Robert W. **Archaeological Semiotics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita). **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, p. 371-413, 2009.

RAPP PY-DANIEL, A. R. **Os contextos funerários na arqueologia da Calha do Rio Amazonas**. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RAPP PY-DANIEL, A. **Arqueologia da Morte no sítio Hatahara durante a fase paredão**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueología: Teoría, Métodos y Practica**. Madrid: Akal, 1993.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das práticas mortuárias: Uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

RUBIN, J. C. R. de; SILVA, R. T. da; MARCOS, S. D. F.; SUGUIO, K. Arqueoestratigrafia: processos naturais e ação antrópica. *In*: RUBIN, J. C. R. de; SILVA, R.(org.). **Geoarqueologia**. Goiânia: PUC, 2013.

SANTOS, Camila Ferreira dos. **Adornos pré-históricos no Nordeste no Brasil: técnicas, usos e funções**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Recife 2020.

SANTOS, J. F. **Identificação Arqueobotânica de Vestígios Pré-históricos do Sítio Barra, Camalaú, PB: uma análise dos trançados aos adornos**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.

SAXE, Arthur. A. **Social dimensions of mortuary practices**. Michigan: University of Michigan, 1970.

SCHIFFER, M. Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**, v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.

SENE, G. M. **Indicadores de Gênero na Pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social: O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais**. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Jaciara Andrade. **Perfil Bioarqueológicos de indivíduos com base nos métodos Arqueotanológicos e a caracterização de acompanhamentos e espaços funerários – Sítio Barra - Camalaú/PB**. [S.l.: s.n.], 2013.

SILVA, Jaciara Andrade. **O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SILVA, S. F. S. M. Terminologias e Classificações Usadas Para Descrever Sepultamentos Humanos: Exemplos e Sugestões. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 15, p. 113- 138, 2005.

SILVA, S. F. “Arqueologia das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia”. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n. 10, p. 99–142, 2007.

SILVA, S. F. **Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo**. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SIMÕES, G. Marcelo. **Tafonomia: Processos e ambientes de fossilização**. 3. ed. [S.l.: s.n.], 2014.

SOCIEDADE PARAIBANA DE ARQUEOLOGIA. **Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia**. Campina Grande: SPA, 2007.

SPRAGUE, R. A. A suggested terminology and classification for burial description. **American Antiquity**, v. 33, n. 4, p. 479-485, 1968.

STRAUSS, A. M. **As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico "Lapa do Santo"**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TAINTER, Joseph A. Mortuary practices and the study of prehistoric social systems. **Advances in Archaeological Method and Theory**, v.1, p. 105-141, 1978.

TORRES, Ana Catarina. Rituais funerários pré-históricos-um estudo antropológico. **CLIO Série Arqueológica**, Recife, v. 13, n. 1, p. 169-175, 1997.

TRIGGER, Bruce G. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

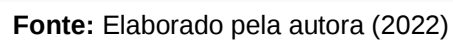
VERGNE, M. C. S. Complexidade social e ritualidade funerária em Xingó: Apontamentos teóricos para compreensão das práticas mortuárias do sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, São Cristóvão, v. 9, n. 2, 2007.

ANEXO 1 - Fotos**Figura 84 - Rio Monteiro**

Foto: Thiago Fonseca de Souza (2022?)

Figura 85 - Material ósseo adulto e não adulto do sítio Barra

Fonte: Elaborado pela autora (2022)



A photograph of three fragments of ancient wood or bone, likely from a coffin, showing a pitted surface texture. A metric ruler is placed below the fragments for scale. The fragments are brown and irregularly shaped, with one fragment showing a distinct pitted surface. The ruler is marked in centimeters, ranging from 0 to 10.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 88- Material Coquinho, sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 89- Lítico, Sítio Barra



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 92- Material ósseo, Parque das pedras



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 93- Concha do sítio Parque das Pedras



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Figura 94- Crânio: Sítio Parque das Pedras



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

APÊNDICE 1 – INVENTÁRIO SÍTIO BARRA

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Barra - Responsável Silvana Moreira					
	SETOR/CORTE	DATA	COORDENADAS	NATUREZA	SIGLA	OBSERVAÇÃO
	A II	21/11/2007	X= 53; Y= 35; Z= 36	Ósseo		
	A II	24/11/2007	Z= 38	Trançado/cabelo		
A II	24/11/2007	z= 35	Ósseo/Cabelo			
A III		Superfície	Palha			
A IV	25/11/2007	Superfície	Palha			
A IV	27/01/2008	X= 30; Y= 26,5; Z= 30	Palha			
A IV	27/01/2008	X= 83; Y= 36; Z= 26	Cabelo/Trançado			
A II	27/01/2008	Superfície	Carvão			
A II	30/06/2008	X= 38; Y= 87; Z= 41	Lítico	BR SEIXO 01		
A III	30/06/2008	X= 62; Y=32; Z= 29	Lítico	BR QZLI 02		
A IV	24/01/2007	X= 91; Y= 33; Z= 28	Trançado			
A IV	24/01/2007	X= 80; Y= 97; Z= 32	Trançado			
A IV	24/01/2007	X= 46; Y= 55; Z= 34	Trançado			
A IV	24/01/2007	X= 30; Y= 10; Z= 35	Trançado			
A IV	24/01/2007	peneira	Trançado			
A IV	21/11/2007	X= 81; Y= 80; Z= 26	Ósseo			
A IV	21/11/2007	X= 53; Y= 35; Z= 36	Ósseo			
A IV	24/11/2007	X=74; Y= 43; Z= 32	Fibra			
A IV	24/11/2007	X=74; Y= 34; Z= 33	Fibra			
A IV	25/11/2007	Superfície	Ósseo			
A IV	25/11/2007	Superfície	Palha			
A IV	27/11/2007		Natural			
A IV		X= 42; Y= 10; Z= 30	Palha			
A IV		X= 57; Y= 35; Z= 36	Palha			
A IV		X= 92; Y= 10; Z= 30	Cabelo			
A IV	25/01/2008	superfície	Coprólito			
A IV	27/01/2008	Superfície	Carvão			
A IV	27/01/2008	Z= 30	Vegetal		Malacológico	
A IV	27/01/2008	X= 71; Y= 83; Z= 21	Pena			
A IV	26/01/2008	Superfície	Carvão			
A IV	26/01/2008	Superfície	Ósseo		Osso queimado	
A IV	26/01/2008	Superfície	Ósseo			
A IV	26/01/2008	Superfície	Ósseo			
A IV	26/01/2008	X= 80; Y= 62; Z= 39	Ósseo			

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Barra - Responsável Silvana Moreira				
SETOR/CORTE	DATA	COORDENADAS	NATUREZA	SIGLA	OBSERVAÇÃO
A IV	26/01/2008	X= 80; Y= 62; Z= 39	Sedimento		
A IV	26/01/2008	X= 30; Y= 26,5; Z= 10	Ósseo		
A IV	26/01/2008	X= 30; Y= 26,5; Z= 10	Ósseo / Pele		
A IV	26/01/2008	X= 73; Y= 23; Z= 26	Ósseo		
A IV	27/01/2008	X= 74; Y= 34; Z= 33	Ósseo		
A IV	27/01/2008	peneira	Ósseo		
A IV	27/01/2008	X= 36; Y= 26; Z= 35	Ósseo		mandíbula
A IV	27/01/2008	X= 36; Y= 26; Z= 35	Ósseo		Osso queimado
A IV	27/01/2008	X= 21; Y= 26; Z= 30	Ósseo		Osso queimado
A IV	27/01/2008	X= 46; Y= 55; Z= 34	Corda		
A IX	02/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 31	Cerâmica	PB-CL-SB	
A V	28/11/2007	X=73; Y= 29; Z= 27	Cerâmica	PB-CL-SB	
A VI	29/11/2007	X=73; Y= 29; Z= 28	Cerâmica	PB-CL-SB	
A VI	27/01/2008	Z= 22	Corda		
A VI	30/06/2008	X= 47; Y= 10; Z= 22	Lítico		
A VII	24/01/2007	Z= 48	Trançado		
A VII	24/11/2007	X=72; Y= 75; Z= 31	Cabelo		
A VII	24/11/2007	peneira	Cabelo		
A VII	25/11/2007	X=72; Y= 75; Z=32	Coquinho		Coquinho ao redor do material ósseo
A VII	26/11/2007	X=72; Y= 75; Z= 33	Fibra		
A VII	27/11/2007	X=72; Y= 75; Z= 34	Fibra		
A VII	27/01/2007	32 cm	Orgânico		
A VII	28/11/2007	X=72; Y= 75; Z= 35	Trançado		
A VII	29/11/2007	X=72; Y= 75; Z= 36	Trançado		
A VII	30/11/2007	X=72; Y= 75; Z= 37	Cestaria		Cestaria envolvido em vertebra
A VII	01/12/2007	X=72; Y= 75; Z= 38	Vegetal		
A VII	02/12/2007	X=72; Y= 75; Z= 39	Vegetal		
A VII	03/12/2007	X=72; Y= 75; Z= 40	Vegetal		
A VII	04/12/2007	X=72; Y= 75; Z= 41	Vegetal		
A VII	05/12/2007	X=72; Y= 75; Z= 42	Vegetal		
A VII	30/11/2007	X=73; Y= 29; Z= 29	Cerâmica	PB-CL-SB	

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Barra - Responsável Silvana Moreira				
SETOR/CORTE	DATA	COORDENADAS	NATUREZA	SIGLA	OBSERVAÇÃO
A VII	26/01/2008	X= 25; Y= 36; Z=37	Cerâmica		
A VII		X= 98; Y= 63; Z= 51	Concha / Cerâmica		
A VII	27/01/2008	X= 53; Y= 52; Z= 40	Cabelo		
A VII		peneira	Cabelo/Palha/Sedimento		
A VII		X= 80; Y= 19; Z= 37	Cabelo / Palha/Corda		
A VII	27/01/2008	Peneira	Cabelo / Palha		
A VII	27/01/2008	Peneira	Trançado		
A VII	27/01/2008	X= 10; Y= 79; Z= 42	Fibra / Vegetal	PB-CL-SB	
A VII	26/01/2008	Superfície	Carvão		
A VII	27/01/2008	X= 80; Y= 19 ; Z=37	Cabelo/Tronco		
A VII	27/01/2008	Z= 37	sedimento		retirado dentro e ao redor do sepultamento
A VII	27/01/2008	X= 54; Y= 10; Z= 36	Cinza		separado para análise DRY, FTR e MEV. Em 28/11/2019 pela UFS
A VII	30/06/2008	X= 34; Y=67; Z= 36	Lítico		
A VIII	01/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 30	Cerâmica	PB-CL-SB	
A X	03/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 32	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XI	04/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 33	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XII	05/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 34	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XIII	06/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 35	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XIV	07/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 36	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XIX	12/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 41	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XV	08/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 37	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XVI	09/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 38	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XVII	10/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 39	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XVIII	11/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 40	Cerâmica	PB-CL-SB	
A XX	13/12/2007	X=73; Y= 29; Z= 42	Cerâmica	PB-CL-SB	
AIII	26/01/2008	Z= 2	Carvão		
AIII	26/01/2008	Superfície	Carvão		
B III	27/01/2008	X= 34; Y= 67; Z= 36	Trançado		
B III	27/01/2008	X= 20; Y= 40; Z= 19	Vegetal / Madeira		
B III	27/01/2008	X= 42; Y= 48; Z= 24	Fibra/Vegetal		
B V		Superfície	Cerâmica		
B VII	26/01/2008	Z= 30	Carvão		

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Barra - Responsável Silvana Moreira				
SETOR/CORTE	DATA	COORDENADAS	NATUREZA	SIGLA	OBSERVAÇÃO
	27/01/2008	Z= 30	Carvão		
	27/01/2008	X= 34; Y=20; Z=29	Lítico	BR CED LI O3	
	27/01/2008	superfície	Lítico	BR QT 03	
	27/01/2008	superfície	Lítico	BR QT LI 12	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT 03	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT LI 06	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT 02	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT 03	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT 01	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT LI 11	debitagem sobre seixo com retoque
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT 01	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT LI 07	
	30/06/2008	superfície	Lítico	BR QT LI 04	
	30/06/2008	centro da quadricula	sedimento		material retirado sob tapete de palha

APÊNDICE 2 – INVENTÁRIO SÍTIO PARQUE DAS PEDRAS

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira				
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
1		X= 55 Y= 190 Z= 42	30/07/2018	Ósseo
1		X= 73	30/07/2018	Ósseo
1	4	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	5	avulso	30/07/2018	Lítico
1	5	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	5	avulso	30/07/2018	Ósseo humano/ animal e carvão
1	6	avulso	30/07/2018	Lítico
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	6	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	5	peneira	30/07/2018	Lítico
1	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	5	peneira	30/07/2018	Cerâmica
1	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	5	avulso	30/07/2018	Ósseo
	2	10 cm	30/07/2018	Sedimento
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 27 Y= 122 Z 44	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 44 Y= 102 Z= 42	30/07/2018	Ósseo
1		X= 63 Y=74= Z= 38	30/07/2018	Ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Lítico
1	3	avulso	30/07/2018	Lítico
1		X= 65 Y= 102 Z= 39	30/07/2018	Ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 82 Y= 140 Z= 42	30/07/2018	Lítico
1		X= 68 Y= 147 Z= 48	30/07/2018	Ósseo
1		X= 46 Y=134 Z= 54	30/07/2018	Ósseo
1		X= 49 Y= 110 Z= 52	30/07/2018	Ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	Lítico
1	5	avulso	30/07/2018	Lítico
1		X= 31 Y= 117 Z=50	30/07/2018	Lítico
1		X= 88 Y= 78 Z= 42	30/07/2018	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
1	4	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 68 Y=144 Z=46	30/07/2018	Carvão
1	6	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	Lítico
1		X= 54 Y= 86 Z= 51	30/07/2018	Ósseo
1		X= 40 Y= 93 Z= 50	30/07/2018	Ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 30 Y= 182 Z= 41	30/07/2018	Ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
1		X= 88 Y= 86 Z= 52	30/07/2018	Ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	3	peneira	30/07/2018	Lítico
1	4	avulso	30/07/2018	Sedimento
1	6	avulso	30/07/2018	Lítico
1		X= 64 Y= 87 Z= 41	30/07/2018	Ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 90 Y= 166 Z= 39	30/07/2018	Ósseo queimado
1	3	peneira	30/07/2018	Cerâmica
1	3	peneira	30/07/2018	Lítico
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Lítico
1	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		avulso	30/07/2018	Lítico
1		X= 72 Y= 94 Z= 52	30/07/2018	Ósseo
1		X= 41 Y= 66 Z= 38	30/07/2018	Ósseo
1	6	avulso	30/07/2018	Lítico
1	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 64 Y= 99 Z= 40	30/07/2018	Ósseo
1	1	peneira	30/07/2018	Ósseo/lítico
1	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	4	peneira	30/07/2018	Lítico
1	4	peneira	30/07/2018	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
1	5	peneira	30/07/2018	Ósseo e carvão
1	5	peneira	30/07/2018	Lítico
1		X= 70 Y= 125 Z= 50	30/07/2018	Ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	1	X= 19 Y= 160 Z= 40	30/07/2018	Ósseo
1	0	sondagem	30/07/2018	Ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	1	X= 28 Y= 60 Z= 36	30/07/2018	Carvão
1	1	peneira	30/07/2018	Carvão
1	0	avulso	30/07/2018	Lítico
1	0	peneira	30/07/2018	Ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
1		X= 52 Y= 36 Z= 38	30/07/2018	Ósseo
1	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
1	0	peneira	30/07/2018	Ósseo
1		X= 29 Y= 151 Z= 52	30/07/2018	Crânio
1	5	X= 46 Y= 88 Z= 49	30/07/2018	Ósseo
1		X= 13 Y= 106 Z= 49	30/07/2018	Ósseo
2	6	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
2		X= 52 Y= 42 Y= 62	30/07/2018	Ósseo
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	2	peneira	30/07/2018	Lítico
2		X= 67 Y= 152 Z= 47	30/07/2018	Ósseo
2		X= 198 Y= 198 Z= 36	30/07/2018	Lítico
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	avulso	30/07/2018	Lítico
2		X= 37	30/07/2018	Ósseo
2		avulso	30/07/2018	Ósseo
2	4	avulso	30/07/2018	Lítico
2	4	avulso	30/07/2018	Lítico
2	1	avulso	30/07/2018	Lítico
2	3	avulso	30/07/2018	Lítico
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2		X= 65 Y= 124 Z= 65	30/07/2018	Ósseo
2		X= 21 Y= 163 Z= 47	30/07/2018	Carvão
2	6	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
2	4	avulso	30/07/2018	Lítico
2	5	avulso	30/07/2018	Lítico
2	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	0	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2		X= 65 Y= 168 Z= 48	30/07/2018	Ósseo
2	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	2	avulso	30/07/2018	Lítico
2	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	6	peneira	30/07/2018	Ósseo
2		avulso	30/07/2018	Ósseo
2	6	avulso	30/07/2018	Ósseo
2		avulso	30/07/2018	Ósseo
2		peneira	30/07/2018	Ósseo
2	6	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	3	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2		X= 20 Y= 142 Z= 49	30/07/2018	Lítico
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Lítico
2		X= 10 Y= 87 Z= 42	30/07/2018	Cerâmica
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	3	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Lítico
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	6	peneira	30/07/2018	Ósseo humano/animal
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	0	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	6	avulso	30/07/2018	Sedimento
2	5	avulso	30/07/2018	Concha
2	4	peneira	30/07/2018	Coprólito
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo humano/animal
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2		X= 57 Y= 168 Z= 46	30/07/2018	Ósseo
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	0	peneira	30/07/2018	Lítico
2	6	avulso	30/07/2018	Lítico
2	6	avulso	30/07/2018	Sedimento
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Lítico
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	6	peneira	30/07/2018	Lítico
2	5	peneira	30/07/2018	Lítico
2		peneira	30/07/2018	Lítico
2	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	3	peneira	30/07/2018	Lítico
2		X= 97 Y= 76 Z= 58	30/07/2018	Cerâmica
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	2	avulso	30/07/2018	Lítico
2	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	4	peneira	30/07/2018	Carvão
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2		X= 17 Y= 140 Z= 39	30/07/2018	Coprólito
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	6	avulso	30/07/2018	Coprólito
2	0	peneira	30/07/2018	Coprólito
2	3	avulso	30/07/2018	Lítico
2	5	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	4	avulso	30/07/2018	Lítico
2	3	peneira	30/07/2018	Lítico
2	6	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Sedimento

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
2	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
2		X= 40 Y= 92 Z= 43	30/07/2018	Ósseo
2		X= 53 Y=74 Y= 44	30/07/2018	Ósseo
2	5	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	1	avulso	30/07/2018	Lítico
2	2	peneira	30/07/2018	Lítico
2		X= 62 Y= 121 Z= 52	30/07/2018	Ósseo
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2		X= 86 Y= 65 Z= 36	30/07/2018	Ósseo
2		X= 92 Y= 36 Z= 25	30/07/2018	Ósseo
2	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	0	avulso	30/07/2018	Coprólito
2	0	peneira	30/07/2018	Lítico
2		X= 100 Y= 133 Z= 5	30/07/2018	Carvão/ Concha / Ósseo
2		X= 103 Y= 129 Z= 5	30/07/2018	Ósseo
2	0	avulso	30/07/2018	Concha
2	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
2	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
3	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		avulso	30/07/2018	Ósseo
3		avulso	30/07/2018	Ósseo
3	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
3		X= 3 Y= 104 Z= 44	30/07/2018	Ósseo
3		X= 16 Y= 186 Z= 42	30/07/2018	Ósseo
3		avulso	30/07/2018	Ósseo
3		X= 17 Y=120 Z= 44	30/07/2018	Ósseo
3		avulso	30/07/2018	Ósseo
3		X= 20 Y= 107 Z= 45	30/07/2018	Ósseo
3		X= 20 Y= 140 Z= 46	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 20 Y= 107 Z= 50	30/07/2018	Ósseo
3		25 cm	30/07/2018	Sedimento
3		avulso	30/07/2018	Ósseo
3		avulso	30/07/2018	Ósseo
3		35 cm	30/07/2018	Sedimento

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
3		peneira	30/07/2018	Ósseo
3		peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 19 y= 138 z= 52	30/07/2018	Ósseo
3			30/07/2018	Sedimento
3			30/07/2018	Sedimento
3		X= 100 Y= 103 Z= 45	30/07/2018	Ósseo
3	2	peneira	30/07/2018	Ósseo e carvão
3	1	45 cm	30/07/2018	Sedimento
3	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 45 Y= 110 Z= 44	30/07/2018	Ósseo
3	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 37 Y= 160 Z= 18	30/07/2018	Lítico
3		X= 37 Y= 167 Z= 18	30/07/2018	Carvão
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 10 Y= 120 Z= 47	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	4	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Lítico
3	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 55 Y= 81 Z 46	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	1	peneira	30/07/2018	Lítico
3	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
3	2	peneira	30/07/2018	Lítico
3		X= 33 Y= 139 Z= 38	30/07/2018	Ósseo
3	1	avulso	30/07/2018	Sedimento
3	1	avulso	30/07/2018	Coprólito
3		X= 51 Y= 165 Z= 43	30/07/2018	Ósseo
3		X= 88 Y 169 Z= 44,5	30/07/2018	Ósseo
3	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
3		X= 145 Y= 158= Z= 16	30/07/2018	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
3	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
3	0	avulso	30/07/2018	Ósseo
3	0	avulso	30/07/2018	Coprólito
3	0	avulso	30/07/2018	Lítico
3	1	avulso	30/07/2018	Sedimento
3	0	avulso	30/07/2018	Coprólito
3	1	X= 23,5 Y= 65 Z= 18	30/07/2018	Ósseo
3	0	avulso	30/07/2018	Coprólito animal
3	1	peneira	30/07/2018	Lítico
3		X= 7 Y= 74 Z= 46,5	30/07/2018	Ósseo
3	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
3	0	avulso	30/07/2018	Osso/carvão/ Cabelo
3			30/07/2018	Crânio
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Lítico
4	2	peneira	30/07/2018	Lítico
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4		X= 79 Y= 139 Z= 41	30/07/2018	Ósseo
4	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Lítico
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Cabelo
4	1	peneira	30/07/2018	Lítico
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	0	peneira	30/07/2018	Ósseo humano e coprólito
4	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
4	0	avulso	30/07/2018	Lítico
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	1	peneira	30/07/2018	Ósseo
4	2	peneira	30/07/2018	Carvão
4	2	peneira	30/07/2018	Lítico
4	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
5		X= 22 Y= 10 Z= 40	30/07/2018	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
5	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
5	2	peneira	30/07/2018	Lítico
5	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
5	1	avulso	30/07/2018	Lítico
5	2	peneira	30/07/2018	Ósseo e Carvão
5	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
5	3	avulso	30/07/2018	Ósseo
5	3	avulso	30/07/2018	Lítico
5	3	peneira	30/07/2018	Ósseo
5		peneira	30/07/2018	Ósseo
5	3	peneira	30/07/2018	Carvão
6	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Ósseo humano/animal
6	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
6		avulso	30/07/2018	Ósseo
6	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Sedimento
6	1	avulso	30/07/2018	Lítico
6		X=73 Y= 59 Z= 10	30/07/2018	Ósseo humano e Coprólito
6	1	avulso	30/07/2018	Lítico
6	2	avulso	30/07/2018	Cerâmica
6	2	peneira	30/07/2018	Lítico
6		peneira	30/07/2018	Lítico
6	1	peneira	30/07/2018	Ósseo e Coprólito animal
6	2	peneira	30/07/2018	Ósseo
6	1	disperso	29/07/2018	Ósseo
6	2	disperso	29/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
6	2	avulso	30/07/2018	Ósseo
6		Superfície	30/07/2018	Ósseo
6	2	avulso	29/07/2018	Ósseo
sondagem		Superfície	29/07/2018	Lítico
sondagem	3	Superfície	29/07/2018	Lítico
		0	29/07/2018	solo seco
1		X= 46 Y= 88 Z= 49	01/08/2018	Ossos

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
1		X= 46 Y= 88 Z= 49	01/08/2018	Ossos
1		X= 46 Y= 88 Z= 49	01/08/2018	Ossos
1		X= 46 Y= 88 Z= 49	01/08/2018	Ossos
1		X=13 Y= 106 Z 49	01/08/2018	Ósseo
1		X=13 Y= 106 Z 49	01/08/2018	Ósseo
1		X= 28 Y= 112 Z= 56	01/08/2018	Ósseo
		avulso	01/08/2018	Ósseo
		Peneira	01/08/2018	Carvão
		avulso	01/08/2018	Lítico
		22cm	01/08/2018	Ósseo
5		avulso	01/08/2018	Ósseo
5		avulso	01/08/2018	Ósseo
5		Peneira	01/08/2018	Carvão
5		Peneira	01/08/2018	Carvão e ósseo
5		avulso	29/07/2018	Ósseo
6		avulso	30/07/2018	Arcada Dentaria e mandíbula
6	2	Peneira	30/07/2018	Ósseo
6	1	avulso	30/07/2018	Crânio e externo
2		Parede Norte lado oeste	20/05/2019	Lítico
2B	3	Sobre o Sorriso 3	20/05/2019	Lítico
4	3	z=63	20/05/2019	Rocha fragmentada
4	3	X=80 y=40 z=60	17/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	17/05/2019	Lítico
4	3	X=127 Y=76 Z=64	17/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	17/05/2019	Lítico
4	3	Peneira	17/05/2019	Lítico
4			17/05/2019	Lítico
2	3	X=83 Y=19 Z=66	18/05/2019	Lítico
4	4	X=100 Y=43 Z=75	18/05/2019	Lítico
		Avulso	20/05/2019	Lítico
2B	3	X=57 Y=43 Z=75	20/05/2019	Ósseo
2B	3	X=13 Y=28 Z=66	20/05/2019	Ósseo
4	4	X= 68 Y=72 Z=75	21/05/2019	Ósseo
2B	4	X=86 Z=09 Y=77	21/05/2019	Ósseo
2B	3	X=100 Y=23 Z=67	20/05/2019	Ósseo
3B	3	X=16 Y=34 Z=69	20/05/2019	Ósseo
3B	4	X=28 Y=42 Z=72	21/05/2019	Ósseo
				Solo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
2B	4	X=63 Y=25 Z=79	21/05/2019	Lítico
4	4	X=79 Y=90 Z=71	21/05/2019	Ósseo
2B	4	X=70 Y=12 Z=70	21/05/2019	Ósseo
2B 4	3	X=75 Y=20 Z=67	20/05/2019	Ósseo,
4	5	X=65 Y=80 Z=80	20/05/2019	Ósseo Crânio
2B	4	X=66 Y=47 Z=73	20/05/2019	Ósseo
2B	5	Peneira	19/05/2019	Lítico
2B	5	X=45 Y=31 Z=85	20/05/2019	Ósseo
2B	3	X=80 Y=15 Z=70	20/05/2019	Carvão
2	3	Peneira	18/05/2019	Concha
2B	4	Peneira	20/05/2019	Semente / Concha
2B	5	X=62 Y=19 Z=2	21/05/2019	Lítico
3B	4	Peneira	20/05/2019	Carvão / Ósseo
2	3	Peneira	18/05/2019	Lítico
2B	5	Peneira	20/05/2019	Carvão / Ósseo
2B	4	Peneira	21/05/2019	Carvão
2B	4	X=100 Y=72 Z=79	19/05/2019	Ósseo Próximo ao acúmulo de carvão
2B	4	Peneira	20/05/2019	Concha
2B	5	X=43 Y=9 Z=2	19/05/2019	Ósseo
4	3	X=83 Y=18 Z=66	18/05/2019	Ósseo
4	4	Peneira	18/05/2019	Concha
2	3	X=14 Y=40 Z=69	19/05/2019	Ósseo com carvão
2	3	Peneira	19/05/2019	Ósseo
2B	5	Peneira	20/05/2019	Concha
4	5	Peneira	19/05/2019	Lítico
2B	4	Peneira	20/05/2019	Carvão / Ósseo
2B	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo / Dente
2B	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo
3B	4	X=18 Y=9 Z=70	21/05/2019	Ósseo animal junto ao joelho Sorriso 3
4	4	X=86 Z=56 Y=75	19/05/2019	Ósseo
2	4	Peneira	19/05/2019	Semente
4	4	Peneira	18/05/2019	Concha
2	1	Peneira	18/05/2019	Ósseo
4	3	Peneira	18/05/2019	Concha / Perfil Leste até nível 4
4	4	X=69 Y=68 Z=79	18/05/2019	Lítico
2	2	Peneira	18/05/2019	Carvão

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
2B	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo
4	3	Peneira	18/05/2019	Fragmentos Ósseos
4	3	X=96 Y=49 Z=68	18/05/2019	Ósseo
2B	5	X=55 Y=3 Z=84	20/05/2019	Ósseo / Carvão
2B	4	Peneira	19/05/2019	Carvão
2B	4	X=80 Y=60 Z=72	20/05/2019	Ósseo
4	5	Peneira	19/05/2019	Ósseo
2B	5	X=89 Y=47 Z=83	19/05/2019	Ósseo / Carvão
2B	4	Peneira	19/05/2019	Lítico
2B	3	X=73 Y=20 Z=64	20/05/2019	Ósseo / Carvão / Dente
2	2	Peneira	18/05/2019	Ósseo
4	5	Peneira	19/05/2019	Concha
2B	4	Parede Norte	19/05/2019	Dente / Ósseo
4	3	Peneira	18/05/2019	Semente / Perfil Leste até nível 4
2B	4	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Carvão
4	3	X=87 Y=18 Z=67	17/05/2019	Ósseo
2B	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo / Carvão / Cabelo
4	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	Peneira	18/05/2019	Ósseo
4	3	Peneira	17/05/2019	Ósseo
4	5	Peneira	20/05/2019	Ósseo
4	3	Peneira	18/05/2019	Carvão / Perfil Leste até nível 4
2B	4	X=98 Y=100 Z=78	19/05/2019	Lítico
2	3	Peneira	18/05/2019	Ósseo
2B	4	Peneira	20/05/2019	Concha
2B	5	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	Peneira	17/05/2019	Dente / Ósseo
		Fora da quadricula	20/05/2019	Lítico
4	3	Peneira	18/05/2019	Carvão
3B	5	X=16 Y=41 Z=81	20/05/2019	Lítico
2B	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo
4	5	Peneira	19/05/2019	Ósseo / Carvão
2B	5	Peneira	20/05/2019	Concha
2B	4	X=97 Y=12 Z=75	21/05/2019	Ósseo (Epífise proximal)
2	3	X=83 Y=19 Z=66	18/05/2019	Ósseos
2B	3	X=68 Y=14 Z=79	20/05/2019	Carvão
2	3	Peneira	18/05/2019	Semente

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
3B	4	X=9 Y=4 Z=79	21/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	18/05/2019	Ósseo
4	5	X=60 Y=7 Z=74	19/05/2019	Carvão
2B	5	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Dente / Carvão/ cabelo
3B	4	X=10 Y=0 Z=74	21/05/2019	Dente
2B	4	X=56 Y=38 Z=78	19/05/2019	Lítico
3B	4	Peneira	21/05/2019	Ósseo / Cabelo
4	3	X=96 Y=40 Z=66	18/05/2019	Lítico
4	5	X=101 Y=52 Z=80	19/05/2019	Lítico
4	4		18/05/2019	Sementes
2B	4	X=98 Y=100 Z=78	19/05/2019	Ósseo / Dente
2	3	X=32 Y=15 Z=70	18/05/2019	Lítico
2	2	Peneira	18/05/2019	Carvão
2	4	Peneira	19/05/2019	Lítico
4	4	X=10 Y=79 Z=35	18/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	18/05/2019	Carapaça de inseto
2	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo
2B	4	X=100 Y=72 Z=79	19/05/2019	Lítico Associado ao conjunto de carvão com ossos queimados
4	4	Peneira	20/05/2019	Lítico
2B	5	Peneira	19/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	Peneira	18/05/2019	Carvão
2B	5	X=55 Y=33 Z=84	20/05/2019	Lítico
2	3	Peneira	17/05/2019	Carvão
4	3	x=80 y=40 z=60	17/05/2019	Ósseo
2B	4	X=68 Y=14 Z=79	20/05/2019	Concha
2B	4	Peneira	20/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	17/05/2019	Carvão
4	4	Peneira	19/05/2019	Cabelo
4	5	X=101 Y=52 Z=80	19/05/2019	Ósseo
2B	3	Parede norte Y=48	20/05/2019	Ósseo
4	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo
2	3	Peneira	18/05/2019	Carvão
2	3	X=83 Y=19 Z=66	18/05/2019	Carvão
2B	3	Peneira	20/05/2019	Carvão / Ósseo / Dente
2B	4	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Dente
4	5	Peneira	19/05/2019	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
4	4	Peneira	18/05/2019	Concha
2B	3	Peneira	19/05/2019	Carvão
2B	4	X=47 Y=14 Z=78	19/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Cabelo / Carvão
4	5	Parede Norte	19/05/2019	Lítico
2B	5	X=68 Y=100 Z=84	19/05/2019	Lítico
2B	3	X=70 Y=14 Z=75	19/05/2019	Ósseo / Carvão
4	5	Peneira	19/05/2019	Ósseo
4	5	X=60 Y=7 Z=74	19/05/2019	Ósseo
2B	3	X=92 Y=38 Z=69	20/05/2019	Ósseo / Carvão
2B	4	X=92 Y=29 Z=71	20/05/2019	Ósseo
2	3	X=83 Y=19 Z=66	18/05/2019	Ósseo
2	3	Peneira	18/05/2019	Ósseo/ Cabelo
4	4	Peneira	18/05/2019	Semente
2B	4	X=43 Y=55 Z=78	19/05/2019	Ósseo
2B	5	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Carvão
4	3	X=80 Y=20 Z=66	18/05/2019	Raízes / Molusco
2B	4	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	Peneira	17/05/2019	Concha
4	4	Peneira	17/05/2019	Semente
4	3	X=127 Y=76 Z=64	17/05/2019	Ósseo
2B	3	X=80 Y=67 Z=65	20/05/2019	Ósseo / Carvão
2	3	X=83 Y=19 Z=66	18/05/2019	Ósseo / Mandíbula
3B	4	Peneira	21/05/2019	Lítico
	4	Peneira	21/05/2019	Cabelo
4	4	Peneira	17/05/2019	Carvão
2B	4	Peneira	20/05/2019	Lítico
3B	4	Peneira	21/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	Peneira	17/05/2019	Concha
4	5	X=101 Y=52 Z=80	19/05/2019	Lítico
3B	4	X=20 Y=13 Z=76	21/05/2019	Dente
2	4	Peneira	19/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	18/05/2019	Ósseo / Cabelo
2B	5	Peneira	20/05/2019	Carvão / Ósseo
2B	4	X=22 Y=14 Z=7	20/05/2019	Ósseo / Carvão
2B	4	Peneira	21/05/2019	Ósseo / Carvão /Cabelo
3B	4	Peneira	21/05/2019	Ósseo

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
2B	5	X=79 Y=42 Z=84	20/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	20/05/2019	Ósseo / Carvão
3B	4	Peneira	21/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	Peneira	18/05/2019	Carvão
4	3	Peneira	18/05/2019	Perfil leste até nível 4
2B	4	Peneira	19/05/2019	Ósseo / Carvão
4	4	X=22 Y=45 Z=73	18/05/2019	ósseo
4	4	X=37 Y=78 Z=73	18/05/2019	Lítico
4	5	X=100 Y=52 Z=80	19/05/2019	Ósseo
4	5	Peneira	19/05/2019	Ósseo
3B	4	Peneira	21/05/2019	Concha
2B	4	X=16 Y=68 Z=73	19/05/2019	Ósseo
4	4	Peneira	19/05/2019	Cabelo
4	5	X=54 Y=94 Z=82	19/05/2019	Lítico
4	4	Peneira	19/05/2019	Carvão Próximo a parede sul
4	4	Peneira	17/05/2019	Semente
2	3	Peneira	18/05/2019	Ósseo
2	3	Peneira	18/05/2019	Concha
4	3	X=101 Y=52 Z=80	19/05/2019	Carvão
4	3	Peneira	18/05/2019	Carvão Perfil Leste até nível 4
4	3	X=83 Y=18 Z=66	18/05/2019	Ósseo
2	3	Peneira	18/05/2019	Semente
4	4	X=60 Y=7 Z=74	19/05/2019	Lítico
4	5	Peneira	19/05/2019	Lítico
2	4	Peneira	19/05/2019	Parede norte ósseo
2B	3	Peneira	18/05/2019	ósseo
4	4	X=69 Y=75 Z=71	18/05/2019	Lítico
4	3	X=96 Y=49 Z=68	18/05/2019	Lítico
2	3	Peneira	18/05/2019	Ósseo
Fora da Quadrícula		Avulso	18/05/2019	Lítico
Fora da Quadrícula		Avulso	21/05/2019	Lítico
4	3	X=80 Y=12 Z=65	21/05/2019	cabelo
4	3	X=80 Y=20 Z=66	18/05/2019	Lítico osso em cima
4	3	X=48 Y=77 Z=65	18/05/2019	Lítico
3B	4	X=5 Y=12 Z=73	18/05/2019	Membros Superiores

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL INVENTÁRIO Sítio Parque das Pedras - Responsável Silvana Moreira			
Quadrícula	Nível	Coordenadas	Data	Tipo de Material
3B	4	X=10 Y=16 Z=71	21/05/2019	Membros Inferiores
3B	3	X=4 Y=99 Z=69	21/05/2019	Membros Inferiores (Fêmur)
3B	4	X=9 Y=14 Z=71	21/05/2019	Membros Inferiores (Fêmur)
4		Localizado dentro da quadrícula do	20/05/2019	Teia
3B	3	X=13 Y=28 Z=66	20/05/2019	Ósseo e carvão
4			20/05/2019	Sedimento dentro do crânio
4	4	X=35 Y=96 Z=72	18/05/2019	Início do Nível ósseo/ carvão/ cabelo
2B	3	X=100 Y=33 Z=67	20/05/2019	Ósseo
2B	3	X=57 Y=10 Z=67	20/05/2019	Ósseo
4	4	X=68 Y=72 Z=75	21/05/2019	Ósseo
2B	4	X=86 Y=9 Z=77	21/05/2019	Ósseo
2B	4	X=66 Y=41 Z=73	20/05/2019	ósseo e carvão
2B	4	X=97 =Y12= Z=75	20/05/2019	ósseo e carvão